

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

*“O GRAPHICO”: Representações da vida e da sociedade do Brasil na
Primeira República*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História por TERESA VITÓRIA FERNANDES ALVES.
Orientador:
Prof^ª. Dr^ª. Sônia Cristina Lino.

Juiz de Fora
Setembro - 2007

Dissertação defendida e aprovada em 10 de setembro de 2007, pela banca constituída por:

PRESIDENTE: PROF^a. DR^a. ANGELA MARIA DE CASTRO GOMES

TITULAR: PROF^a. DR^a. BEATRIZ HELENA DOMINGUES

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. SÔNIA CRISTINA LINO

AGRADECIMENTO

Agradecer sempre é algo difícil.

São tantas as pessoas que, no decorrer não apenas desses 02 (dois) anos e alguns meses, estiveram presentes em minha vida e compartilharam os momentos de muitas alegrias e de algumas tristezas, que, de certa maneira, estarão sempre presentes.

Na lembrança, muitos rostos e nomes que vão e vêm...

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me conduzido a este caminho...

Aos meus pais, meus irmãos, sobrinhas e toda a minha família, o meu eterno amor e agradecimento pela paciência e compreensão, pois sem eles teria sido impossível levar adiante este trabalho...

A Sônia Lino minha orientadora, pessoa de fundamental importância para o meu crescimento não apenas acadêmico mais também pessoal, já que não foi apenas minha professora, mas se transformou em amiga e confidente, por me ouvir tantas vezes e por ter toda paciência, compreensão e confiar em mim...

A minha prima e amiga Heloisa Helena, que presente não apenas como leitora, mas também como uma orientadora, que doou suas tardes para a análise dos meus textos. O meu agradecimento por todos os “puxões de orelha”. A você, a minha eterna admiração...

Aos professores doutores Ângela Maria de C. Gomes e Jorge Ferreira, causadores, por assim dizer, do meu ingresso no mestrado. Obrigada por me incentivar e transformar um sonho em realidade...

A Universidade Federal de Juiz de Fora, diretamente ao corpo docente do mestrado em História, por ter acreditado em meu trabalho.

Aos amigos de ontem sempre presentes em minha vida, Marília, Sr. Fernando, Sebastian, Carlos José (Kjó), César, Gleidy, Sandra Durã, que mesmo com a distância e o corre-corre diário se emocionaram com minha conquista o meu muito obrigado.

A Márcia e D. Aracy, Núbia, Caroline, Talita e Elisa, amigos recentes, mas que depositam em mim uma esperança e confiança, que nem eu mesma tinha noção que existisse...

Aos amigos-irmãos Flávia e família, Alexandre e Marília, que descobri em Juiz de Fora, cidade que me recebeu e de onde, eternamente, guardarei lembranças maravilhosas...

A todos os amigos que fiz pelas escolas onde lecionei; principalmente a Selma minha sempre coordenadora e a Lourdes, que teve paciência em ler o meu trabalho, muito obrigada pelo carinho e incentivo.

Ao Prof^o. Dr^o. Reis Torgal, a Alda, Teresa, Aninha e Pedro, amigos de Além-mar, de quem guardo imensas saudades e que me ensinaram o valor de uma nova amizade...

E mais uma vez agradeço a Deus, dessa vez por ter me dado um presente que foi ter conhecido uma pessoa que hoje me incentiva e apóia todos os meus projetos particulares e profissionais, obrigado Paulo Henrique.

DEDICATÓRIA

A todas as pessoas que passaram por minha vida
e a transformaram...

Aos meus ex-alunos e alunos, que me ensinaram
e ensinam a cada dia ver o mundo com outros olhos...

EPÍGRAFE

Senil

Os velhos nas praças
Já não esperam nada,
E, se esperam,
Esperam apenas o anoitecer
Para voltar pra casa.

Os velhos,
Com seus sapatos furados,
Carregam nos pés histórias,
Os velhos já não têm hora,
Já não têm memória.

Os velhos, nas praças públicas,
Já não temem o tempo,
Já não temem a guerra,
Já não esperam glórias
Nem derrotas.

Os velhos esperam apenas
A hora de voltar para casa.

Ivan Santana

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo 1 – O mundo dos tipógrafos: O GRAPHICO e sua História	12
1.1 – Da arte da tipografia à mecanização	13
1.2 – Os tipógrafos e as formas de Associação no Brasil	19
1.3 – Como se tornar um trabalhador gráfico: a educação e a instrução do tipógrafo	29
1.4 – O ofício do gráfico e a tecnologia: uma visão peculiar das inovações	39
Capítulo 2 – O GRAPHICO: um jornal político e atuante	45
2.1 – As grandes questões políticas do seu tempo	46
2.1.1 – A greve na visão de O GRAPHICO	47
2.1.2 – O trabalho infantil e feminino: um breve olhar	60
2.1.3 – O 1º de maio: o significado da data	65
2.1.4 – O Estado na visão de O GRAPHICO	71
Capítulo 3 – O Rio de Janeiro do GRAPHICO: visão de uma cidade e de uma época	76
3.1 - A cidade, seus moradores e os seus problemas	79
3.2 – Os trabalhadores e os seus problemas	88
3.3 – A 1ª Grande Guerra e os trabalhadores	94
Conclusão	100
Bibliografia	104
Anexo	109

RESUMO

Através de “velhos artigos” publicados em um jornal operário, levanta-se a formação e a evolução cultural de uma dada sociedade. Nas letras de forma, percebem-se emoções e reações baseadas numa imprensa que nasce a partir dos sonhos, idealismos e muita vontade de se fazer ouvir. Nos artigos editados e publicados no jornal O GRAPHICO, os tipógrafos do Rio de Janeiro, entre os anos de 1916 e 1919, tentava expressar suas opiniões acerca das transformações e dos problemas existentes, não só na cidade como também sobre os fatos ocorridos dentro e fora do seu país.

Diferentes visões do cotidiano serviram de base para criação de uma conexão entre as distintas camadas sociais, no momento em que cada uma delas demonstrava uma determinada consciência dos problemas pelos quais os homens passavam e a forma que encontravam para tentar transpô-los.

O saber ler e escrever fez com que percebessem o mundo com outros olhos. O seu olhar mesclado com outros, contido em livros e artigos que liam, construíram uma visão incomum ao seu meio social.

Deve-se deixar claro que a imprensa operária não detém, em si, uma explicação definitiva sobre os operários do Brasil. Porém, carrega uma forte subjetividade desses homens-operários.

ABSTRACT

It's through "old articles" published in a proletarian newspaper that one can point out both the development as well as the cultural evolution of a particular society. In block letters we can notice the emotions and reactions based on a press created from one's dreams, idealisms and urge to be heard. In the edited and published articles in the "O GRAPHICO" newspaper, the typographers from Rio de Janeiro -between 1916 and 1919- express their opinions when it comes to the transformations and existing problems of their town (in addition to facts which happened in their countries and overseas).

Several points of view of everyday life served as basis to the creation of a connection between distinct social ranks, at a time each of these ranks was aware of the problems men were going through and how they managed to overcome them. Learning how to read and write made them see the world in a different light.

Their views along with others' -reflecting books and articles they read, built an unusual perception of their environment. Nevertheless it's important to make it clear that the proletarian press doesn't have a definite explanation about workers in Brazil. However it holds a heavy subjectivity of these so-called workmen.

INTRODUÇÃO

O CHINELO DO DIABO: INFORMAÇÕES SOBRE O COTIDIANO DE UMA TIPOGRAFIA CARIOCA

Como a arte do ilusionismo, o talento do historiador se baseia em fazer de maços de papel um belo texto medieval ou através de uma imagem “desvendar” o cotidiano de um grupo ou de uma sociedade.

Assim, da mesma forma que um artesão transforma os fios que tece em uma bela tela, o ato de fazer história termina por ser uma prática de buscar nos arquivos documentos, escritos, iconográficos, ou em depoimentos orais informações que romperão um silêncio existente e que serão analisadas pelos historiadores.

Para o historiador, não existem simplesmente fatos históricos. Na verdade, são a ou as questões, colocadas por ele às suas fontes que terminam por construir o objeto histórico¹. O passado, por si só, não é um objeto de análise, é preciso que ele seja construído com tal. Logo, para que a História se diferencie de uma simples narração, o pesquisador precisa utilizar regras científicas e conceitos que o auxiliarão a analisar e a criticar os documentos e a transformá-los em “provas” históricas.

A questão em si possui uma raiz social, e cabe a ela responder às indagações feitas pelo historiador que está inserido em um dado momento e uma dada sociedade, totalmente diferente daquele no qual o documento foi forjado.

Tudo isso foi dito, pois na realização deste trabalho buscou-se respeitar esses compromissos. Os elementos dessa pesquisa foram detalhadamente pensados, da mesma maneira que um artesão, minuciosamente, dispõe um fio sobre outro, dando forma a sua imaginação.

Como num grande quebra-cabeça, em que cada peça se encaixa em um determinado local, os fatos históricos precisam ser integrados para compor imagens de uma dada sociedade.

Ao optar por fazer uma história que analisa a vida das pessoas comuns, nos debruçamos sobre as mais diversas experiências sociais que passaram a ser o fio condutor da nossa análise.

¹ Ver, DOSSE, François. *A História*. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p. 17.

No decorrer da leitura do jornal O GRAPHICO, algumas indagações foram surgindo, tais como: no que esse trabalho contribuiria para os estudos da História Social do Rio de Janeiro? Não estaria excluindo os outros trabalhadores, no momento em que restringia meu trabalho a apenas um pequeno grupo de operários?

Ao ler os artigos do jornal, passamos a entender que o universo desse “pequeno grupo” era muito mais amplo e terminava por influenciar não apenas a vida deles como também de outros trabalhadores. O ponto central deste trabalho é entender como as transformações ocorridas na sociedade brasileira foram percebidas pelos tipógrafos redatores do jornal, tomando como referência a forma como as situações concretas do cotidiano passaram a ser narradas por eles. Para isso, valorizamos informações de sua vida material, como a exploração nos locais de trabalho, o destaque dado à educação, a falta de higiene em certos estabelecimentos comerciais, a preocupação com a saúde dos operários, a necessidade de uma maior participação e conscientização política, entre outros.

Com a intenção de exemplificar o que foi dito anteriormente, escolhemos o artigo “Chinelo do Diabo”. Nele, o seu articulista, de uma maneira simples, descreve a realidade da maioria das tipografias, na qual a exploração era algo presente. O texto, nas entrelinhas, termina por assinalar, também, a questão da necessidade que sentiam esses homens comuns de se conscientizarem do seu papel social. Ao dar voz e vez a eles, conseguimos observar certos aspectos do cotidiano carioca, sob um outro ângulo.

O Diabo, que sempre andou e continua a andar pela Terra desde que o Padre Eterno o jogou fora do Paraíso (eu me guio pela Bíblia), meteu-se no couro de um homem bom e começou a soprar-lhe nos ouvidos para que ele publicasse uma revista, mesmo modesta. E tanto fez que o pobre homem atirou-se à empresa.

E o nome? Mas o Diabo que havia inventado um brinquedo para crianças, soprou no ouvido do bom homem e disse: *Polichinelo*.

Boa idéia, disse o bom homem. E foi por causa dessa invenção que começava a corromper os anjos querubins que Satã foi corrido do Paraíso, dizia o Mendonça.

Pois bem. Quando foi publicado o primeiro número desta revista e saiu à rua, um garoto que estava próximo e era médium vidente, viu o Diabo escorado na porta da oficina do *Polichinelo* a rir desbragadamente com outro garoto e a dizer-lhe que aquele nome tinha sido idéia dele e quem ali trabalhasse não pararia e seria até roubado no valor do seu trabalho, e o trabalho havia de sair muitas vezes mal feito e o dono da casa se desgostaria muito.

O garoto, assombrado, vai ao encontro de outro como ele e disse-lhe:

- Não compres aquela revista.

- Por quê?

- Porque aquilo é o *Chinelo do Diabo*, e tem até dois números: 149 e 151.

E fugiram ambos.

Dias depois, conversaram num botequim próximo, do *Chinelo do Diabo*, dois gráficos indignados:

- Veja você, seu Tibúrcio. Eu fui trabalhar ali naquela oficina e estou com os cabelos brancos. Pensava que o gerente da casa pagasse bem e me enganei, disse-me o Mendonça...
- Mas o que disse o Mendonça de bem da casa?
- Ele me disse que, a exploração existe nas oficinas gráficas aquela também está no rol destas poucas vergonhas. Ouve lá. Quando principiou a funcionar aquelas oficinas, era pago a um bom litógrafo 12\$ diários para que executasse bem o trabalho, e assim o nosso colega fez. Mas, a ganância e a pouca vergonha que vagabundeia pela maioria das oficinas, levou o gerente a demitir do trabalho o bom operário. Correu então o boato que no *Chinelo do Diabo* precisava-se de litógrafos. Estás ouvindo?
- Estou.
- Pois bem. Dias depois o *Chinelo* foi invadido por um punhado de *litógrafos* a 4\$ e 5\$ diários.
- O que? Isto é verdade?
- É certo o que te digo.
- E o dono da casa?
- O dono, dizem, é vítima dos sabidos, foi o Mendonça que me disse, si é mentira é dele.
- E os tais *oficiais* de 4\$ e 5\$?
- Olha, escuta e não passes a outros colegas, porque parece até vergonhoso. Fizeram a adesão da legenda em tipos à pedra litográfica, e nesta luta titânica empastelaram tudo, em poucos minutos.
- Livra!...Que es...lhambação!
- Queres ouvir mais?
- Não. Só por isso eu e meus colegas tiramos a fundo a conclusão do que se passa dentro do *Chinelo do Diabo*.
- Vem aí o bonde da Lapa. Até logo. Aparece lá na Associação, sim? Há coisa mais linda.
- Sim?
- Boa noite. ²

No decorrer dos anos, a literatura acerca do mundo dos operários veio não só se diversificando, mas também se ampliou. Diversas análises apresentam os operários como produtores de cultura, levando em consideração, sob todos os aspectos, as relações de poder, não apenas presentes no universo do trabalho como também na vida pessoal desses homens e mulheres³.

Contudo, poucas foram as pesquisas que buscaram entender as contradições e as dinâmicas de suas ações na sociedade em que estavam inseridos. Estudos, como o de Boris Fausto⁴ e o de Edgard Carone⁵, que trabalharam a questão operária, são imprescindíveis para o entendimento e a determinação da trajetória da evolução do movimento operário brasileiro.

² Ver, 'Chinelo do Diabo', In: O Graphico, RJ, 01/04/1917, p. 02.

³ Ver, CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

⁴ Ver, FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

⁵ Ver, CARONE, Edgard. *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo: Difel, 1984.

Outros trabalhos, como o da Professora Maria Nazareth Ferreira⁶, cujo objetivo principal era o de entender a situação da classe trabalhadora dentro do quadro social brasileiro partindo da análise de jornais operários, confeccionados entre os anos de 1880 e 1920, pode ser visto como fonte de referência para várias pesquisas. Em seu livro, a pesquisadora termina por destacar o operário gráfico como um agente comunicador dentro da formação da classe operária brasileira⁷, algo muito mencionado pelo jornal aqui estudado, o que serve de base para a nossa pesquisa, a partir da valorização presente na documentação, que destaca não apenas o trabalho gráfico mas o próprio ofício – arte do tipógrafo.

Um estudo fundamental para se entender o universo dos operários brasileiros, foi realizado pela Professora Ângela Maria de C. Gomes⁸, que analisou como o Estado fez uso do discurso operário e da lógica simbólica dos trabalhadores para construir seu próprio projeto de modernização. Ressalta como as lideranças operárias discutiam os temas políticos e apresentavam tanto o trabalho quanto a educação operárias, como requisito fundamental para a obtenção da sua cidadania.

Com base nessas obras, novas pesquisas foram surgindo. Um enfoque mais social e cultural passou a ser dado nos trabalhos acerca do movimento operário. As pesquisas deixaram de tratar o mundo do trabalho⁹ de uma forma mais ampla, e restringiram a análise de grupo de operários como os estivadores, os da construção civil, os gráficos e outros. Para tal, passou-se não só a analisar a documentação referente às relações de trabalho propriamente dita como também as produções culturais, como os jornais operários.

Dissertações de mestrado foram realizadas com a mesma temática, como a da Professora Marialva Barbosa¹⁰, que analisou inúmeros jornais e periódicos editados no Rio de Janeiro entre os anos de 1880 e 1920. Em sua pesquisa, ela buscou perceber como os gráficos pensavam a sociedade em que viviam e, para tal, utilizou-se dos artigos existentes em diversos diários de grande circulação e nos criados pelos operários, com o objetivo de entender como esses homens incorporavam a sua visão de mundo à de outros grupos sociais.

⁶ Ver, FERREIRA, Maria N. *A imprensa operária no Brasil – 1880-1920*. Petrópolis: Vozes, 1978.

⁷ Ver, SINGER, Paul. *A formação da classe operária*. São Paulo: Atual, 1988, p.04, onde o autor afirma que: “O conceito de classe operária ou proletariado se refere basicamente ao conjunto de pessoas desprovidas de propriedade ou de qualquer fonte de renda, que, por isso, são obrigadas a alugar sua capacidade de trabalhar, isto é, a vender sua força de trabalho para poder viver. São os trabalhadores assalariados”.

⁸ Ver, GOMES, Ângela M. de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

⁹ Ver, CIAVATTA, Maria. Op.cit., p. 126.

¹⁰ Ver, BARBOSA, Marialva. “*Operários do pensamento*”. (*Visões de mundo dos tipógrafos no Rio de Janeiro – 1880-1920*). Niterói – RJ: UFF - dissertação de Mestrado, 1991.

Em sua tese de doutorado, a Professora Heloisa de Faria Cruz¹¹, que utilizou artigos de diferentes jornais, centrou o eixo principal de sua análise na difusão e popularização de uma cultura letrada. Para tal, trabalhou a questão das cidades como locais/espços de transformação e construção das linguagens.

As duas pesquisas foram de extrema importância para o entendimento de como se trabalhar o jornal, enquanto um espaço de difusão de idéias não apenas de um determinado grupo, mas de uma dada realidade social.

Dentre os trabalhos mais recentes da historiografia brasileira que tratam da temática da cultura operária, encontramos na Unicamp importantes representantes, valorizando não apenas as questões político-partidárias, mas focam suas pesquisas no cotidiano dos operários, de uma forma geral, como também nas suas relações sociais e culturais. Dentre esses trabalhos, citamos o realizado por Artur José R. Vitorino¹², que estudou os gráficos cariocas e paulistas durante os anos de 1858 e 1912. A análise de sua pesquisa centrou-se na criação, ainda durante o Império, da Associação Tipográfica Fluminense, em sua participação nas lutas reivindicatórias dos tipógrafos de uma maneira geral.

Ainda dentro desses estudos, destacamos os trabalhos elaborados pelo Professor Cláudio H. M. Batalha¹³, que primam por demonstrar as diversidades das origens dos operários brasileiros, suas variadas formas de organização e as relações desses com as diferentes correntes ideológicas que existiram durante a Primeira República.

O diálogo travado nestes trabalhos percorreu um caminho no qual a preocupação básica centrou-se no pensar as experiências culturais do período estudado, onde a transição, a experimentação e as novidades vivenciadas pelos operários gráficos do Rio de Janeiro indicaram uma situação cultural efervescente no Brasil da Primeira República.

Pesquisas que valorizaram a trajetória social e cultural desses operários começaram a ser desenvolvidas no Brasil a partir da renovação historiográfica, iniciada pela *École des Annales*¹⁴, que nos forneceu as ferramentas teóricas para compreensão dos processos de formação de identidades coletivas, sendo ela de extrema importância com relação às lutas sociais pelo poder.

¹¹ Ver, CRUZ, Heloisa de Faria. *Na cidade, sobre a cidade: cultura letrada, periodismo e vida urbana*. São Paulo: 1890/1915. São Paulo: USP, tese de Doutorado, 1994.

¹² Ver, VITORINO, Artur José R. *Máquinas e operários: mudança técnica e sindicalismo gráfico (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912)*. São Paulo: Annablume – FAPESP, 2000.

¹³ Ver, BATALHA, Cláudio H. M. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

¹⁴ Ver, BURKE, Peter. *Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

Autores como C. Ginzburg e Roger Chartier¹⁵, entre outros, identificam a questão cultural dentro da síntese histórica como um aspecto particular de uma história global. Para Chartier, o mundo social e suas significações são sempre representados pelos interesses dos grupos que as constroem. Assim, há a necessidade de articular os discursos criados com seus criadores, sabendo que os mesmos não são neutros, pois produzem e reproduzem práticas e estratégias que definem a posição de uma autoridade ou então servem para legitimar um projeto ou até mesmo justificar escolhas. Sob esta ótica, a apropriação cultural passa pela questão das diferentes formas de interpretação da realidade em que a mesma se insere. Nesse momento ele destaca as inúmeras formas de se ler uma sociedade (escrita ou iconográfica, oral ou silenciosa, particular ou coletiva), que tem por objetivo perceber a identidade do ser, o que nada mais é do que se não a denotação do real. Com relação à construção da representação, Chartier pressupõe que o mundo social e suas estruturas são produzidos historicamente através de práticas sociais, políticas, econômicas, que articuladas entre si, constroem suas figuras.

Para a historiografia contemporânea, as relações entre escrita e oralidade, cultura letrada e popular, passaram a ser valorizadas pela História Social. Os estudos das práticas e produtos culturais vêm assumindo novos rumos e significados. Estudos feitos por C. Ginzburg, Natalie Z. Davis, Peter Burke, E. T. Thompson, Lynn Hunt e Robert Darnton¹⁶, entre outros, terminaram por colocar a cultura como o centro das preocupações de seus trabalhos historiográficos.

Essa abordagem com relação aos estudos sobre o mundo do trabalho valorizou os registros do cotidiano dos operários contidos nos textos das suas associações ou sindicatos de classe, presentes, ainda, em relatos do Estado (boletins policiais) ou até mesmo na grande imprensa. Procurar e valorizar aquilo que foi dito e escrito pelos operários faz com que o entendimento do mundo dessas pessoas comuns termine por divulgar dados de sua trajetória de vida e de trabalho¹⁷. O estudo de um grupo isolado - os tipógrafos - revela em si a

¹⁵ Ver, GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 e CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

¹⁶ Esta diversidade de enfoques e abordagens que permeia a História da Cultura na atualidade pode ser percebida entre outros, através dos trabalhos de: GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: USP, 1992. HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

¹⁷ Ver, THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

complexidade da formação de uma classe operária e também o caráter concreto e particular das inúmeras relações de dominação.

Para identificar os simbolismos/imagens criados pelos gráficos através do seu jornal é necessário perceber suas relações com a sociedade e com o seu imaginário social, que pode ser representado através das palavras, gestos e linguagens com as quais esses atores sociais se faziam entender através dos seus textos impressos.

Trabalhar com o discurso produzido no passado é buscar a recuperação de imagens fragmentadas, tradutoras de uma forma única de vivenciar o espaço e o tempo. Cada palavra e o seu sentido possuem uma dinâmica própria em cada discurso e a cada época¹⁸.

Ao adentrarmos na história do Rio de Janeiro, capital da Primeira República, precisamos identificar os elementos que o caracterizaram. Os objetivos da *Belle Époque*, as inovações trazidas pelo progresso técnico e científico, na qual a busca pelo ideal de civilização era constante e estavam presentes no dia-a-dia da população de uma forma geral. Sendo assim, nada melhor do que os jornais para difundirem as regras/normas de comportamento criadas. Ao entrarem em contato com essas práticas, os diferentes grupos sociais se apropriam das informações e as adequam às suas realidades culturais¹⁹.

A imprensa assume o papel de intermediária em ter o poder público e os diferentes grupos sociais. Neste sentido, os tipógrafos apresentam um papel de destaque no mundo do trabalho. Tipógrafos e revolucionários vão ser tornar sinônimos de protesto, quando voltarmos o olhar para o início do século XX. No instante em que um grupo social começa a se valorizar e projeta isso não só para si como também para os outros, ele está se construindo. No contato diário com o mundo do grupo dominante, através das impressões de pensamentos, conceitos e palavras mescladas as suas emoções, valores e tradições; os gráficos se tornam ao mesmo tempo mediadores e produtores de saber.

O jornal traça o perfil de homens que buscavam o aprimoramento e o reconhecimento profissional, mas ao mesmo tempo fazia com que se percebessem enquanto trabalhadores que desejavam construir uma imagem social distinta. As etapas de produção, como a venda, a circulação e a leitura do jornal, fazem parte de um hábito próprio de uma cultura²⁰, que torna a palavra impressa uma forma de construção/identificação da imagem do indivíduo/classe/nação.

¹⁸ Ver, VERÓN, E. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix: ed. da USP, 1980.

¹⁹ Ver, CHARTIER, Roger. *Op.cit.*

²⁰ Entendida aqui como o conjunto de idéias, crenças e tudo aquilo que é aprendido e caracteriza uma sociedade em um determinado tempo.

Durante os 04 (quatro) anos em que o jornal O GRAPHICO circulou na cidade do Rio de Janeiro, esses homens terminaram por narrar como foram, gradativamente, sendo despojados dos seus ofícios de artistas gráficos, tendo suas vidas e o seu trabalho desvalorizados. Se por um lado passaram a se perceber cada vez mais próximos aos outros operários, por outro o conhecimento, a informação, o domínio de técnicas específicas e, fundamentalmente, o conhecimento do uso da escrita, na sua imaginação, os colocava num outro lugar dentro da sociedade. Através do seu jornal, os tipógrafos se mostraram e deram uma significação peculiar em seu ofício.

A presença do ideário socialista, a visão anarquista e sua cultura, a idéia de progresso ligada ao uso das máquinas (desenvolvimento tecnológico) e a valorização da educação estão inseridos nos seus artigos, nas poesias, nas denúncias e testemunhos literários, com uma linguagem simples da realidade social.

No jornal os gráficos realizavam concretamente a idéia de transformação do pensamento. Além de construírem uma auto-imagem, os tipógrafos se percebiam como transformadores sociais e o veículo desta modificação era o trabalho. Trata-se do operário ordeiro e cumpridor de seus deveres, que a partir daí conquistaria a cidadania baseada em uma identidade social positiva, o que faria que o grupo ganhasse o reconhecimento pelo Estado²¹.

A imprensa vista como o espaço para o letramento do povo e da difusão de símbolos e significados sociais faz com que ela se torne um local dinâmico para a concretização das aspirações dos gráficos. Porém, a discussão acerca de quem lia e o que se lia é muito delicada. Os questionamentos levam-nos a possibilidades infindáveis quanto ao uso da leitura e escrita, à produção e formação de leitores em diferentes espaços e momentos históricos. Gostaria de esclarecer que é quase impossível ter uma avaliação exata sobre a propagação da imprensa tipográfica no início do século XX, já que a existência de um público leitor era algo muito restrito, pois poucos operários sabiam ler e escrever.

O domínio da leitura e da escrita influenciava a visão de mundo dos artífices gráficos, que se sentiam superiores aos outros operários. Além disso, eles se apropriavam de valores sociais que não pertenciam ao seu grupo, os reinterpretavam e os transmitiam aos outros trabalhadores.

Os discursos criados por esses homens-artesãos estão impregnados de sonhos e desejos. No momento em que eles são utilizados e transformados, passam difundir a imagem de um grupo, de uma sociedade. Eles se transformam em testemunho individual, desfigurando

²¹ Ver, GOMES, Ângela Maria de C. *Op. cit*, p. 14.

lembranças e produções que eram novamente utilizadas pelo imaginário coletivo, possibilitando perceber as representações, as atitudes, os hábitos e a realidade de uma determinada época²².

Por essas razões, O GRÁPHICO torna-se uma fonte primordial para entender as relações criadas por um segmento de classe operária, que traduz uma parcela do que poderíamos denominar característica da cultura brasileira, nos primeiros anos do século XX. Perceber a forma como uma determinada realidade social foi percebida é o objetivo deste trabalho, ao entender como o mundo do trabalho no Rio de Janeiro foi estruturado, construído e descrito através de um jornal operário. Como diz Robert Darnton, ao enveredar pelos caminhos da História Cultural, o historiador etnográfico²³ partirá para estudar as forma/maneiras como pessoas comuns percebiam e entendiam o mundo em que viviam (as estratégias usadas para sobreviverem).

A pesquisa foi delimitada temporalmente em dois momentos precisos: o ano de 1916, quando foi publicado o primeiro número do jornal, e o ano de 1919. O presente trabalho foi dividido em 03 (três) capítulos distintos, cada um com subtítulos, que se articulam sob uma temática central. Para facilitar a escolha dos assuntos tratados em cada capítulo, foi criado um quadro organizacional dividido em 19 (dezenove) itens. Ele se encontra anexado ao final do trabalho.

O primeiro capítulo - **O mundo dos tipógrafos: “O GRAPHICO” e a sua história** – foi descrito um pequeno histórico acerca do surgimento da imprensa, no mundo e também no Brasil. Aborda a questão de como a difusão da imprensa acelerou o progresso das sociedades. Ao longo do capítulo, trabalhou-se a questão do surgimento da Associação Tipográfica do Rio de Janeiro e também do jornal “O Graphico”, o que terminou delineando as principais preocupações dos tipógrafos cariocas, tais como: problemas de carestia, a falta de higiene nos locais de trabalho, a falta de instrução entre os operários de uma maneira geral. Além desses assuntos, o referido capítulo também trabalha com a questão da chegada das máquinas nas tipografias, apresentando os pontos positivos e os negativos sentidos pelo ofício-arte realizado pelo tipógrafo.

O segundo capítulo – **“O GRAPHICO”: um jornal político e atuante** – trabalha as principais discussões acerca das questões políticas existentes no Brasil da Primeira República, como: o uso abusivo da mão de obra infantil dentro das tipografias e o papel da mulher na

²² Ver, HOBSBAWN, Eric J. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

²³ Ver, DARNTON, R. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. pp. 13-14.

sociedade. Analisa a data comemorativa do 1º de Maio na visão dos tipógrafos, além de apresentar como a greve era vista e utilizada por esses homens. E, finalmente, como último item desse capítulo, tenta-se perceber o jornal como um instrumento de formação da cidadania.

No terceiro e último capítulo - **O Rio de Janeiro do “O GRAPHICO”**: a visão de uma cidade e de uma época – privilegiou-se a análise do cotidiano carioca com base em artigos publicados pelos tipógrafos. Nesse momento, o olhar dos gráficos termina por descrever uma cidade, que, em meio ao luxo e ao progresso edificados pela *Belle Époque*, deixa transparecer a miséria e as injustiças sociais.

Buscou-se fazer uma análise dos acontecimentos internacionais, tais como a Primeira Guerra Mundial, que influenciavam a vida não apenas dos moradores da capital da República.

Devemos esclarecer que este trabalho, em momento algum, pretendeu fazer um estudo acerca do movimento operário no Rio de Janeiro da Primeira República. Seu real objetivo foi, através do olhar de um determinado grupo de operário, perceber o cotidiano carioca.

CAPITULO 1

O MUNDO DOS

TIPÓGRAFOS: “O GRAPHICO” E A SUA HISTÓRIA

Creio na minha arte, veículo das grandes idéias, em sua poderosa força moral que aos cérebros conduz à seiva da razão, da justiça e do direito: creio no seu benefício de abreviar distâncias, conduzindo na sua forma gráfica o pensamento humano.

Creio na união dos meus companheiros porque ela é o elo de aço que nos prende numa sagrada comunhão: porque é o clarim da nossa liberdade e base das nossas aspirações.

Creio nos seus feitos guerreiros porquê tem como arma a palavra e como escudo a razão: assim como creio nos seus prodígios, que conduzem às escolas, às oficinas e aos lares a educação.

Creio na minha arte porque nas minhas crenças é a hóstia da civilização.

(‘Credo do Typographo’, In: *O Graphico*, RJ, 16/01/1917, p. 2.).

De todas as manifestações culturais do mundo moderno, a imprensa escrita surge como fonte repleta de informação para o historiador. O discurso jornalístico possui uma dinâmica própria, reflexo da época e do meio que o produz, sendo a chave-mestra para a compreensão de uma cultura que ordenamos através de fonemas e reconstruímos por meio de frases²⁴. O cotidiano de uma sociedade, ou de um dos seus segmentos, pode transparecer nos vestígios que deixa na sua rede social, como é o caso dos artigos de um jornal local. Ao trabalhar com estas fontes há a possibilidade de reconstruir as “histórias” de um cotidiano deixado atrás no passado. Desta forma, nos textos dos tipógrafos, muitas das vezes preocupados apenas em informar, podemos detectar os mecanismos de expressão de uma categoria para divulgar suas reivindicações, idéias e sonhos.

Como texto, documento e fonte histórica, o jornal revela mais informações do que aparentemente transmite. As etapas de produção, de venda, circulação e os destinatários da leitura são partes de um hábito de uma cultura que torna a palavra impressa uma forma de construção/identificação da imagem do indivíduo/classe/nação²⁵. A sua simples existência denuncia a origem dos seus produtores e o público ao qual se destina. Analisar um periódico no seu contexto geral é compreender a sociedade na qual ele se encontra inserido. Nesse sentido, produtores e leitores são duas faces de uma mesma moeda e o jornal o espelho onde podemos confrontar estas duas realidades.

²⁴ Ver, VÉRON, E. *Op. cit.*

²⁵ Ver, CARVALHO, José M. de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Todo periódico é fruto da união entre uma máquina e as mãos humanas. A máquina guiada pelas mãos carrega a subjetividade do homem gráfico, que trabalha o texto conforme sua perspectiva/olhar. Através de “velhos” artigos publicados em um jornal operário, levanta-se a formação e a evolução cultural de uma sociedade. À maneira de um detetive, o historiador se utiliza de diferentes áreas do conhecimento para obter indícios que o levam a interpretar os significados sociais implícitos na documentação escrita, qualquer que seja a sua procedência²⁶. Nas letras de forma, percebem-se emoções e reações baseadas em uma imprensa que nasce com base em sonhos, idealismos e muita vontade de se fazer ouvir.

1.1) Da Arte da Tipografia à Mecanização

A tipografia, ou a *Arte de Imprimir* por meio de tipos móveis foi descoberta e praticada em meados do século XV, cerca de 1434.

Os chineses- dizem alguns escritores- muito antes do século X, conheciam a imprensa, mas praticavam de modo rudimentar, gravando em pranchetas de madeira figuras, estampas e caracteres simbólicos que depois cobriam com uma tinta feita de pós pretos; as impressões se faziam apertando as pranchetas com as mãos.²⁷

A partir do século XV, quando foi atribuída a Johann Gutenberg de Mainz a invenção e propagação da tipografia no mundo ocidental, não se pode mais deixar de destacar o valioso papel da imprensa com relação à divulgação do letramento entre os diferentes níveis sociais.

A partir do século XVIII, a utilização do material impresso ganhou uma dimensão/ destaque no cotidiano social, por isso a imprensa gráfica deixou de ser um agente e tornou-se uma tecnologia²⁸ usada pelas diferentes categorias sociais, que a adequavam de acordo com sua necessidade/realidade. Através de livros, periódicos, jornais e panfletos se deram não só a divulgação da leitura e escrita como também a propagação e discussão de novas idéias. O jornal diário passou a ter um papel no cotidiano das pessoas mais cultas, pois em sua composição encontravam-se notícias/artigos de interesse comum e que terminaram por criar a chamada “opinião pública”²⁹.

O lugar onde toda essa criação ganhava corpo era a tipografia: livros e jornais deixavam de ser ilusões narrativas e tornavam-se realidade nas mãos de homens simples, mas que entendiam seu ofício como arte.

²⁶ Ver, GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. pp. 143-180.

²⁷ Ver, ‘Esboço Typographico – Histórico’, In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1916, p. 02.

²⁸ Ver, GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*. p. 75.

²⁹ *Idem*, p. 80.

Do impressor ao tipógrafo, a ramificação de funções dentro da uma oficina terminava por criar uma rede de relações que construía uma identidade entre homens que se sentiam ao mesmo tempo gráficos-artesãos e intelectuais, pois, comparados aos outros operários, dominavam a arte de ler e escrever. Esse artista gráfico se via diante de um ofício que lhe exigia uma “cultura do saber”³⁰. O tipógrafo estava sempre em contato com pensadores, poetas, filósofos e cientistas. No momento em que precisava transcrever os textos, necessitavam ter o conhecimento do conteúdo a ser impresso. Em seu labor, ele acabava sendo o propulsore do progresso, pois seu “ofício arte” irradiava a luz da civilização e da inteligência para toda uma sociedade. Ele trabalhava com ferramentas que educavam crianças e jovens nas escolas, e que levava o pensamento humano ao mais longínquo ponto da Terra: “(...) forte na consciência e na educação do espírito pela leitura constante de livros que fazem girar no cérebro dos trabalhadores a idéia de liberdade e bem estar (...)”.³¹

Até o século XX, o trabalho numa oficina gráfica era complexo e quase todo artesanal. Todo o tipógrafo devia saber reproduzir um manuscrito em letra de forma, as letras soltas deveriam ser juntas, formando palavras, linhas e páginas de um livro ou um jornal. O revisor/corretor iniciava o seu trabalho com a leitura em voz alta do original, podendo censurar partes ou até mesmo o texto todo. Completava o trabalho acrescentando pontos, retirando as palavras sem nexos e corrigindo os erros dos tipógrafos. Essa tarefa exigia do revisor uma grande compreensão das idéias do autor. Seu papel era fundamental, já que se transformava no intermediário entre o criador da obra e o leitor³². Por fim, o papel do paginador na oficina tipográfica ultrapassava a mera função de numerar e de arrumar as páginas por tamanho.

Em tipografia, paginar é mais alguma coisa que formar páginas de igual tamanho da composição que está em *paquetes*. Se nisto se resumisse a missão do paginador, nos pareceria muito apropriada e suficientemente significativa a palavra ajustar, geralmente usada em manuais e revistas para designar a parte mais difícil, artística e essencial da nossa bela arte. Paginar é dispor de uma maneira perfeita e elegante um texto, composto em *paquetes*, a fim de facilitar a leitura, procurando unir a beleza técnica à beleza artística.

(...)

O paginador é, pois, o artista tipográfico de vastos conhecimentos, de uma cultura técnica e geral completa, capaz por si só resolver quaisquer dificuldades, sejam de que natureza forem em que se vejam os tipógrafos que se encontram sob suas ordens imediatas.

(...)

³⁰ *Idem*. Em sua obra, C. Ginzburg fala que o moleiro Menocchio “apontava uma série de livros impressos como fonte de suas idéias”. p. 80.

³¹ Ver, ‘E Preciso Luctar’, In: *O Graphico*, RJ, 15/01/1916, p. 02.

³² Ver, CHARTIER, Roger. *Op. cit.* p. 36.

O paginador deve ter um caráter sociável e boas maneiras, pois que devido ao seu elevado cargo e grande responsabilidade se encontra em contínuo trato com o gerente, revisor, impressor e ainda com o autor, que a ele se dirige em todas as suas dúvidas e dificuldades ao qual deve o paginador prestar todos os esclarecimentos que entenda contribuir para a perfeição do trabalho e sua pronta execução, procurando ao mesmo tempo em que não falte original aos caixistas nem forma à máquina.

Os conhecimentos e qualidades indicados e alguns que a prática ensina, formam do paginador que os possui um especialista, que se torna tanto mais necessário quanto maior é a importância de uma imprensa, e suas atribuições devem estar em harmonia com seu cargo, pois, sendo-lhe entregue a direção do livro, é preciso que os que o secundam se submetam às suas indicações, para que resulte um todo harmônico. Sem essa obediência não pode haver beleza, nem técnica, nem arte.³³

No processo de estampar o trabalho gráfico, o tipógrafo impressor era o que dava alma a arte tipográfica³⁴. E, para a composição final da obra, o encadernador era aquele que reunia todas as folhas impressas e dava-lhes o formato de livro ou jornal. Durante muito tempo, enquanto o ofício-arte resistiu às inovações tecnológicas, essas funções distintas obedeciam a certas regras/normas determinadas por convenções.

Ao lidarem com o conhecimento e as suas fontes, os tipógrafos não eram operários comuns, pois, tocados pelas idéias que ajudavam a difundir, passavam a exercer o papel de seus defensores. De certa forma, contribuíam para a difusão não só das ideologias públicas como também para a formação de uma opinião particular da sociedade em que estavam inseridos. Assim sendo, para alguns autores, a função desses homens os transformavam em seres sacralizados³⁵, por serem verdadeiros “obreiros do pensamento”.

Não se torna necessário estudar Karl Marx, Jean Grave e outros sociólogos de nomeada para compreender a necessidade do princípio associativo, e provam esta asserção os rudes trabalhadores do mar, que sendo na sua maioria iletrados constituem o núcleo mais forte, mais temido e melhor organizado do operariado brasileiro.

Mas os gráficos, os obreiros do pensamento, como lhes chamou um grande escritor, na sua grande maioria não aceitam tal doutrina! Para muitos deles a questão social se resume numas curvaturas vertebrais perante os chefes e patrões para lhes agradar e assim garantirem o lugar que ocupam.³⁶

Com a automação das tipografias, o ofício-arte perdeu espaço para as máquinas linotipos, que terminaram por criar novos ramos dentro das oficinas, além de transformar um trabalho quase artesanal em algo mecânico. A partir daí, surgem inúmeras rivalidades no

³³ Ver, ‘Technica’, In: *O Graphico*, RJ, 01/05/1917, p. 02.

³⁴ Ver, PAREDES, A. V. de. “Institución y origen del arte de la imprenta reglas generales para los componedores”. In: CHARTIER, Roger. *Op. cit.* p. 38.

³⁵ Ver, RAMA, Angel. *Op. cit.*, p. 50.

³⁶ Ver, ‘O Princípio Associativo’, In: *O Graphico*, RJ, 16/03/1917, p. 01.

ambiente de trabalho, o que contribuiu para a gradativa perda da integridade do grupo. A exploração dos donos das oficinas acirrou as disputas entre os operários gráficos, que, com medo de perderem seus empregos, se sujeitaram a todo e qualquer tipo de exploração, levando a desvalorização do antigo ofício como arte.

← Última Página de O GRAPHICO de 15 de março de 1916, que mostra como os tipógrafos estampavam os anúncios presentes em seu jornal.

Na tentativa de reagirem contra esta situação, os tipógrafos clamavam as suas origens como mestres de uma antiga arte. Viam a si próprios como:

(...) o operário do pensamento, porque é quem põe em ação essa faculdade do espírito na grande oficina da – Imprensa.

É por meio do trabalho assíduo, constante e laborioso das oficinas tipográficas, onde se fabricam os tijolos granitosos dos ideais, que se tem organizado os compêndios de instrução, de civilização e de todas as ciências necessárias ao progresso e desenvolvimento educativo da humanidade.³⁷

Enquanto as outras categorias dormiam, eles trabalhavam para elas encontrarem, ao acordar, o alimento que lhes fortaleceria a alma e auxiliariam no progresso da sociedade.

A Imprensa, disse Larmatine, aproxima o pensamento do homem isolado e o põe em comunicação imediata, contínua, perpétua, com todos os pensamentos do mundo invisível, no passado, no presente e no futuro³⁸.

Os problemas criados pelo uso das máquinas foram vários, sendo o mais citado a não especialização até então requerida para o manejo dos instrumentos na tipografia. Na verdade, a mecanização permitiu a rápida transformação de qualquer aprendiz em oficial, pois o salário pago a uma criança era bem menor comparado ao de um adulto, o que gerava um maior lucro para o dono da oficina. Assim sendo, no Brasil do início do século XX, tornou-se muito comum ver um aprendiz trabalhando em máquinas de alta qualidade como uma *Optima* ou *Favorite* ou em outras mais especializadas, como *Vitória*, *Regina*, *Ideal*. Estas máquinas modernas para a época, aparecem nas citações dos mais experientes, quando apresentavam queixas do seu manuseio incoseqüente por impressores sem qualquer tipo de prática³⁹.

Com as avarias provocadas pelo mau uso das máquinas, os donos das oficinas para não ficarem no prejuízo realizavam cortes absurdos, começando pelo salário dos operários, que para não ficarem sem emprego aceitavam determinações tais como: a diminuição dos dias e das horas de trabalho, os abusos e castigos impostos pelos chefes das oficinas. Para muitos gráficos, as causas da exploração encontravam-se na falta de união da categoria, que terminava privilegiando o egoísmo brutal e a desmoralização do grupo. Aproveitando-se dessa desagregação, os industriais gráficos:

Confiados na falta de solidariedade que resulta desse individualismo indigno e servil os industriais gráficos exploram desumanamente seus operários, tratando-os, não como homens livres, mas como escravos de que podem dispor a seu belo talento e aos quais sugam a vida, a energia e a saúde, encerrando-os durante o dia em salas infectas, sem luz e sem ar.⁴⁰

³⁷ Ver, 'O Typographo', In: *O Graphico*, RJ, 16/04/1917, p. 03.

³⁸ Ver, 'O Valor da Solidariedade', In: *O Graphico*, RJ, 01/04/1917, p. 01.

³⁹ Ver, 'Por Nós, e Pela Arte', In: *O Graphico*, RJ, 01/04/1916, p. 02.

⁴⁰ Ver, 'O Valor da Solidariedade', In: *O Graphico*, RJ, 01/04/1917, p. 01.

1. 2) Os Tipógrafos e as formas de Associação no Brasil

Oficialmente, a tipografia surge no Brasil no governo do Príncipe Regente D. João, com a implementação da Imprensa Régia, sendo uma das suas principais preocupações a formação de profissionais que pudessem dar continuidade ao ofício dos gráficos. Por isso, em 1811, ela cria uma escola de aprendizes com o objetivo de habilitar todo aquele que desejasse aprender o ofício de tipógrafo⁴¹. No entanto, a liberdade de imprensa não era contemplada, estando todos os periódicos submetidos ao aval da censura imposta pelo Trono. De igual forma, a implantação das primeiras tipografias no Brasil objetivava atender às necessidades burocráticas do Estado e também divulgar a sua doutrina política.

Em 1821, com o príncipe regente D. Pedro, a censura prévia foi suspensa, favorecendo a maior circulação de livros e jornais, muito deles, anônimos, que eram impressos nas novas tipografias particulares. A liberdade, conjugada a facilidade da divulgação das idéias, estimulou o clima de agitação política que ocorria no país. Durante o governo de D. Pedro I a imprensa oscilou entre a liberdade e o controle.

As disputas políticas estimularam o estabelecimento de oficinas tipográficas para além dos centros urbanos, florescendo a imprensa nas províncias mais afastadas do Rio de Janeiro⁴². Desde a Confederação do Equador até a campanha abolicionista a imprensa brasileira prospera e, na segunda metade do século XIX, inicia uma nova fase graças à divulgação e o uso do telégrafo, que se expande por causa da Guerra do Paraguai. Nesse instante, a imprensa sentiu a necessidade de se aprimorar para apresentar de forma rápida os relatos, as transcrições e as interpretações sobre os acontecimentos da guerra, o que termina por exigir um refinamento nas artes gráficas. Alguns anos depois, tem-se a instalação do cabo submarino que fez a integração da imprensa local com a européia⁴³. Na década de 1890, são incorporadas as máquinas de impressão rotativas, que dão uma maior velocidade a impressão

⁴¹ A Imprensa Nacional, implantada no dia 13 de maio de 1808, tinha um objetivo central com relação à aprendizagem, já que estava preocupada em “habilitar os seus operários a fim de que eles pudessem cumprir eficientemente os respectivos ofícios. O estabelecimento de regras específicas (...), visava coibir que os aprendizes, antes de completarem as suas habilitações, abandonassem a Imprensa Nacional e fossem trabalhar em outras firmas tipográficas”. Ver, VITORINO, Artur José Renda. “Os sonhos dos tipógrafos” in: BATALHA, Cláudio (org). *Culturas de classe*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2004, pp. 173/174.

⁴² Ver, BATALHA, Cláudio, *Op. cit.*, p. 172.

⁴³ Ver, COSTA, Ângela M. da & SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. Col. Virando Séculos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

de livros. Nessa fase, a imprensa brasileira estava extremamente impregnada da influência estrangeira⁴⁴.

Nesse momento, os movimentos desencadeados pelos trabalhadores ligados às associações mutualistas não conseguiram atingir grandes conquistas além das necessidades imediatas. Modificações nas condições de vida, as novas relações jurídicas de trabalho e a pressão do avanço capitalista em fins do século XIX fizeram com que ocorresse uma maior participação e uma unificação entre os operários.

O crescimento das tipografias alimenta o aumento do número de trabalhadores vinculado ao universo dos gráficos, levando ao aparecimento da Associação Tipográfica Fluminense, fundada em dezembro de 1853. Dentre as principais reivindicações da Associação Tipográfica Fluminense estavam os problemas técnicos e econômicos dos gráficos⁴⁵, sem deixar de lado as questões culturais dessa categoria. Dessa forma, com a Associação Tipográfica Fluminense, os tipógrafos estavam construindo uma identidade coletiva, buscando uma valorização econômica e social do seu ofício. Para tal, entre outras ações, esta associação financiou os primeiros jornais da sua categoria, constituídos de pequenas folhas de mais ou menos quatro (4) páginas, onde se encontravam todas as seções clássicas de um jornal, nas quais expunham as suas necessidades enquanto trabalhadores⁴⁶.

A Proclamação da República, o enfraquecimento das oligarquias mais “tradicionais” e a abolição da escravidão marcam um início de século conturbado para o país⁴⁷, afetando também a vida da Associação Tipográfica Fluminense. Esta passa por profunda crise, ante a impossibilidade de dar prosseguimento a sua luta e consolidar a sua posição, mediante a fundação de um sindicato de resistência da categoria no Rio de Janeiro.

O recém-criado Estado Republicano foi marcado pela necessidade da elaboração de uma identidade positiva para os trabalhadores, de forma a transformar uma imensa massa de excluídos nos cidadãos do novo regime. Essa construção pautou-se em valores, símbolos, organizações, palavras, idéias e instituições capazes de criar um novo caminho que

⁴⁴ Ver, FERREIRA, Maria Nazareth. *Op.cit.*, p. 104, onde a autora afirma que para difundirem as idéias anarquistas, os imigrantes que cruzam o território brasileiro criaram uma rede de comunicação jamais vista no Brasil.

⁴⁵ Idem, p. 93. A autora afirma que no ano de 1853 os tipógrafos fundam uma associação onde não havia a presença de imigrantes e coloca que os gráficos sempre estavam reivindicando o salário mínimo, regulamentações do trabalho gráfico, da mulher e de menores, boicote às horas extras e descanso semanal.

⁴⁶ De acordo com VITORINO, Artur José R. *Máquinas e operários: mudanças técnicas e sindicalismo gráfico (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858/1912)*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2002, p. 73, “A publicação do jornal tornou-se possível devido à ajuda financeira da Associação Tipográfica Fluminense”. O trecho acima se refere à publicação do *Jornal dos Typographos*, que era uma pequena folha diária, de quatro páginas em cada número e que possuía todas as seções clássicas para um jornal de fins do século XIX.

⁴⁷ Ver, FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de A. N. *O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

assegurasse respeito e credibilidade ao trabalhador ⁴⁸. Nesse processo é dado destaque a questão da cidadania como ponto chave para se entender a relação entre o indivíduo e a nação. A percepção de um indivíduo como um cidadão passa a ser feita através da sua localização em uma das ocupações definidas e reconhecidas em lei, ou seja, ser cidadão é estar inserido em profissões regulamentadas⁴⁹. Não é apenas o voto e a liberdade de pensamento que garantem ao indivíduo o direito a ser cidadão⁵⁰.

Assim, o jornal O GRAPHICO transformou-se em um espaço de criação da identidade de um grupo, onde seus membros começaram a se perceber enquanto cidadãos e construtores da nação brasileira.

O Graphico o mensageiro do nosso pensamento e das nossas aspirações, não é acreditável seguirmos outro caminho se não o da propaganda verdadeira, sem vaidade e sem mesquinhas pretensões. Convencidos, todavia de que este jornal não acobertará sem crítica persuasiva e criteriosa as faltas insidiosamente cometidas pelos transviados, tente desvirtuar a grandeza da obra que nos propomos realizar, elevando moral, intelectual e materialmente uma classe numerosa e digna. Mas, contudo, muito sacrificada e vilipendiada por culpa única de seus próprios membros.⁵¹

Por outro lado, os próprios gráficos buscam coadunar o papel que desempenham frente ao processo de organização dos trabalhadores. Assim, no ano de 1902, na sede do Congresso Central União dos Operários do Rio de Janeiro, eles decidem pela criação de uma nova associação que assegurasse uma melhoria nas suas condições de trabalho. Surge a União Tipográfica, fadada ao fracasso, já que a maioria dos tipógrafos não estava interessada a lutar em causa própria⁵². A falta de união entre os tipógrafos foi algo muito combatido por um grupo que tentava acabar com a idéia de que ser operário era algo desonroso. Esse pensamento favorecia aos donos das oficinas tipográficas, que viam na desunião uma forma de explorar mais ainda esse trabalhador.

(...) o industrialismo gráfico é uma força poderosa, e que contra uma força só outra força se pode opor, tão poderosa e equilibrada como aquela que tem que combater, e que não contando a Associação nas suas fileiras senão um reduzido número de gráficos, ela não pode agir com eficiência, por que lhe falta o poder, que só a união

⁴⁸ Ver, CARVALHO, José M. de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 09-13.

⁴⁹ Ver, SANTOS, Wanderley G. *Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

⁵⁰ Ver, GOMES, Ângela Maria de C. *Cidadania e direitos do trabalho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, pp. 10-12.

⁵¹ Ver, 'Editorial', In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1916, p. 01.

⁵² De acordo com VITORINO, Artur José R. *Op. cit.*, p. 105 onde em depoimento o "encadernador José Hermes de Olinda Costa duvida que a União Tipográfica tivesse algum sucesso. Além disso, Olinda Costa constatava que muitos tipógrafos não estariam dispostos a lutar em causa própria, (...)".

de todos os trabalhadores do livro e do jornal lhe pode dar. Ela por enquanto é a gênese de uma grande e generosa obra destinada a regenerar a nossa classe pela moralização do trabalho.⁵³

No ano seguinte, funda-se a Liga de Artes Gráficas, que deixava claro no seu estatuto o projeto de luta contra a exploração do patrão com relação ao artista gráfico e o objetivo de unir e defender os interesses dos seus vários grupos profissionais⁵⁴.

A busca de um organismo representativo dos gráficos enquanto categoria continua nos anos seguintes. Em 1906, mesmo sem o perfil de uma sociedade de resistência, a Liga das Artes Gráficas filia-se a Federação das Associações de Classe para participar do Primeiro Congresso Operário Brasileiro⁵⁵. Por esta ocasião, é fundado o Sindicato dos Tipógrafos, que passa a existir em simultâneo com a Liga das Artes Gráficas. Ambos acabaram por desaparecer nos anos seguintes por causa do abandono por parte dos seus filiados⁵⁶.

Em 1915, um novo passo foi dado na organização dos tipógrafos enquanto categoria. A fundação, em outubro, da Associação Gráfica do Rio de Janeiro⁵⁷ tinha por objetivo fiscalizar as jornadas de trabalho dos tipógrafos, reivindicando melhorias salariais e auxiliar os desempregados.

O GRAPHICO que ora surge pequeno e modesto, sem ligações com elementos estranhos ao seu meio mais franco e sincero; sem tibieza, sem vacilações, sente-se disposto a levar ao termino a conquista e vitória dos princípios que vem propugnar; E, se merecer, como esperamos o apoio e o carinho da classe que vem representar no convívio da sociedade, irá conforme os cursos e auxílios que lhe forem dispensados, ampliando a sua leitura afim de tornar-se uma revista capaz de competir com as melhores no seu gênero, não só quanto à parte educativa técnica como também à literária, de informações e estatística.

Não mantendo a Associação Gráfica predileção por nenhuma doutrina filosófica, política ou religiosa combaterá, todavia, o seu órgão, a interferência em lutas políticas, defendendo a classe gráfica sob o ponto de vista econômico e social.⁵⁸

⁵³ Ver, 'A Quem Tocar', In: *O Graphico*, RJ, 16/05/1917, p. 01.

⁵⁴ Ver, VITORINO, Artur José R. *Op. cit.*, p. 107.

⁵⁵ *Idem*, p. 116, que de acordo com o autor, estava "em contraste, portanto, com as atuações associativas dos operários gráficos cariocas".

⁵⁶ *Idem*, pp.117 e 118, onde o gráfico Mota Assunção afirma que os hábitos e tradições do regime de trabalho escravo estavam presentes na relação entre trabalhadores livres e patrões, o que prejudicava a organização por parte dos trabalhadores de se unirem para que defendessem os seus interesses.

⁵⁷ A primeira diretoria foi composta pelos seguintes tipógrafos: presidente: João Leuenroth; vice-presidente: Appollon Fickelscherer; secretários: Bráulio de Moraes e Jacinto Indelli; tesoureiros: José de Almeida e Adolpho Gouvêa; comissão fiscal: A. Grannini, Alexandre Aguiar e José Casa Nova; auxiliares administrativos: A. Alamith Pinto, Rosendo dos Santos e Beraldo Pinto. Ver, 'A Nossa Associação', In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1916, p. 01.

⁵⁸ Ver, 'Editorial', In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1916, p. 01.

↑

Artigo que fala do aniversário de 1 ano da Associação Gráfica. O Graphico de 15 de outubro de 1916

Para tal a Associação que tinha a sua sede localizada na Avenida Passos n° 91⁵⁹ trazia propostas que visavam à valorização dos trabalhos artísticos dos tipógrafos:

Essa tem sido a causa constante da velha *utopia*, porque utopia se tem julgado sempre a defesa dos princípios de união e solidariedade moral entre os gráficos, por meio da associação do jornal e da biblioteca; a regulamentação geral das 8 horas de trabalho; a realização de atos gráficos e de uma grande exposição de trabalhos da Arte, para demonstrar o seu adiantamento no país; colocação de gráficos quando desempregados: *a manutenção da harmonia entre os industriais que exploram as artes gráficas e os chefes de oficinas*, marcando-lhes o limite de idade e aprova da capacidade com a exigência do exame de leitura, da análise gramatical, do conhecimento das noções de aritmética e de desenho, visando assim preparar o gráfico do futuro que deverá ser um perfeito oficial da sua arte e não um simples manuseador de tipos e de teclados; a instituição da escola profissional para os gráficos (note-se bem) e seus filhos, e a propaganda forte contra os serviços extraordinários esforçando-se por enquanto para que sejam eles pagos em dobro.⁶⁰

Em seu discurso, a Associação Gráfica do Rio de Janeiro enfatizava a questão da união dos trabalhadores gráficos como sendo a única forma de valorização e defesa do ofício, garantindo o trabalho a todos os artesãos tipográficos, já que o desemprego os igualava aos excluídos.

Como os demais operários, que, desde fins do século XIX, lutavam pela conquista da sua cidadania⁶¹, os gráficos consideravam a sua inserção social como fator essencial para o reconhecimento da justiça das suas reivindicações sociais⁶².

Para desviar essa infernal perspectiva do futuro devem ser, desde já preparadas às gerações vindouras e só devem selo com o exemplo dado agora por todos quantos compreendem que o dia de amanhã não pôde ter as aperturas e amarguras dos que se passaram, por culpa exclusiva dos que não souberam, unidos e solidários, neutralizar os afetos de uma obra rude e criminosa – a da exploração do trabalho sem nenhuma compensação garantidora para o produtor – praticada com o aplauso da sociedade, por ela própria, afinal, e com a proteção às vezes armadas dos poderes públicos, que assim muitas vezes se desviaram o seu dever de estabelecer um determinado equilíbrio entre as varias classes que constituem o povo desta terra.⁶³

⁵⁹ Um dos pontos nevrálgicos das transformações oriundas das reformas do prefeito Pereira Passos. As transformações urbanísticas da Cidade do Rio de Janeiro deverão ser apresentadas no capítulo III da dissertação.

⁶⁰ Ver, 'Modos de Ver', In: *O Graphico*, RJ, 15/02/1916, p. 01.

⁶¹ Estar empregado era uma forma de ser valorizado pelas elites sociais, de ter uma identidade e ser considerado cidadão. Ver, GOMES, Ângela Maria de Castro. *Op. cit.*, pp. 15-17. Segundo a autora, foram duas as principais formas de organização do operariado na Primeira República: as organizações corporativistas – ligas, clubes, centros de resistência, associações mutualistas ou sindicatos e as organizações de espaço público – e os partidos.

⁶² Ver, CARVALHO, José M. *Cidadania no Brasil: um longo caminho*. p. 60, quando o autor fala da questão dos direitos civis, já que o movimento lutava por direitos básicos como o de se organizarem, de se manifestarem, de escolher o trabalho e de fazer greve.

⁶³ Ver, 'Nova tentativa', In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1916, p. 02.

A valorização da Associação pauta-se na questão da existência de um Estatuto que assegura ao trabalhador a defesa dos seus direitos, promove a solidariedade entre eles e clama pela união de todos os operários das artes tipográficas entorno de um ideal de elevação moral e intelectual. A sua força baseava-se na adesão de várias oficinas tipográficas com os seus delegados representantes.

E consolador saber que esta grandiosa e gloriosa classe possui já para a defesa dos seus direitos uma Associação que vitoriosamente seguirá o programa determinado nos seus Estatutos.

(...)

É ainda bastante animador o meio pelo qual foi recebida a notícia desta organização pelas corporações das casas existentes nesta cidade e para que isto fique bem patente, daremos o nome das mesmas onde existem nossos delegados demonstrando dessa forma a nossa confiança e o nosso propósito de levarmos esta causa adiante e sem terceiros.

As oficinas que aderiram são as seguintes: Jornal do Comércio, Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Careta, Fon-Fon, o Malho, Revista dos Tribunais, Pimenta de Mello P.C., Heitor Ribeiro &C., Ferreira Pinto &C., Almeida Marques &C., Alexandre Ribeiro &C., Livraria Alves, Casa Leuzinger, Olympio de Campos &C., Papelaria Queiroz, Papelaria E. Shneider, Papelaria Mascote, Papelaria Villela, Papelaria Brasil, Papelaria Moderna, Papelaria Avenida, Papelaria Sol, Papelaria Villas Boas, Papelaria União, Papelaria Mendes, Liga Marítima, Instituto de Artes Graphicas, Marins Araújo &C., Casa Valleve.⁶⁴

A festa de comemoração do primeiro aniversário de fundação da Associação Gráfica do Rio de Janeiro ocorreu no dia 22 de outubro de 1916, quando, de forma bem expressiva, despertou nos gráficos associados à esperança de adesão por parte dos outros não filiados. Para tal, o evento inaugura um novo espaço, a sede social da Associação Gráfica, comprado com o auxílio financeiro de inúmeros sócios da Associação.

Oxalá que a festa do ano vindouro não seja dada por um grupo de sócios, mas sim pela totalidade afirmando a sua pujança em prol do engrandecimento da arte que Guttenberg criou. Honremos a imprensa poderosa que até hoje tem servido para combater as nossas aspirações e os nossos justos ideais.

Presente grande número de associados e famílias, representantes das sociedades coirmãs e da imprensa, foi hasteado o pavilhão social debaixo de uma estrondosa salva de palmas e ao som de um dobrado pela banda de musica que abrilhantava a festa.⁶⁵

⁶⁴ Ver, 'A Nossa Associação', In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1916, p. 01.

⁶⁵ Ver, 'Anniversario da Associação', In: *O Graphico*, RJ, 01/11/1916, p. 01.

A sessão solene da sua inauguração foi presidida por João Leuenroth⁶⁶, presidente do jornal O GRAPHICO, contando ainda com a participação do tipógrafo Carlos Dias, que discursou acerca da história e evolução da classe gráfica. Presentes à solenidade estavam, para além dos gráficos do Rio de Janeiro, representantes da Associação Tipográfica Fluminense, assim como representantes de outras associações.

Fizeram-se representar na festa comemorativa do nosso 1º aniversário e enviaram-nos carinhosos incitamentos, por meio de ofícios as seguintes co-irmãs:
Associação Tipográfica Fluminense, que se fez representar pelo colega Sabino Antonio do Nascimento, acompanhado de um ofício de solidariedade, que deixamos de publicar por falta de espaço.
União dos Operários Estivadores, representada pelo companheiro de luta José J. Alves, e um ofício agradecendo o convite e felicitando-nos pela auspiciosa data.⁶⁷

Considerando-se como herdeiros da *Arte de Imprimir*⁶⁸, surgida no mundo ocidental a partir do século XV⁶⁹, os tipógrafos projetam, não só para os membros do seu grupo, como para os outros, uma imagem de “artistas/artesãos” de um ofício detentor de um conhecimento e/ou saber, determinante para os diferenciarem dos outros operários⁷⁰.

Ao valorizarem o conhecimento fornecido pelo seu ofício evidenciavam a sua profissão, pois era através do seu labor que as grandes idéias se materializavam impressas através dos seus tipos. Orgulhavam-se do seu passado/tradição baseado em uma cultura letrada, onde não eram apenas meros receptores de um saber, mas se viam e mostravam-se como agentes participativos na construção do conhecimento da sociedade em que estavam inseridos⁷¹.

⁶⁶ O presidente da Associação era irmão de um dos principais militantes do anarquismo no Brasil, o jornalista Edgard Leuenroth. Sobre o tema ver: <http://www.cpdoc.fgv.br/nav/historia> e <http://recollectionbooks.com/bleed/Encyclopedia/LeuenrothEdgard>. Ele é citado diretamente no jornal quando da greve em São Paulo, em 1917: “O governo paulista para dar uma satisfação aos burgueses ofendidos pela última greve que ali rebentou, (...), começou a fazer prisões em massa de inofensivos operários, sob o pretexto- (...) de que eles tentavam alterar a ordem pública e atentavam contra a liberdade do trabalho. (...) , prenderam e espancaram o nosso camarada Edgard Leuenroth, diretor da Plebe, e pretendem expulsá-lo como estrangeiro, quando ele não é mais nem menos brasileiro que o Sr. Altino Arantes, pois nasceu em Mogi mirim, nesse Estado”. (*O Graphico*, 16/09/1917, p. 02).

⁶⁷ Ver, ‘Várias Notas’, In: *O Graphico*, RJ, 01/11/1916, p. 02.

⁶⁸ Ver, ‘Esboço Typographico’, In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1916, p. 03.

⁶⁹ Ver, ASA, Briggs & BURKE, Peter. *Op. cit.*

⁷⁰ Ver, BARBOSA, Marialva. *Op.cit.*, p. 215, em seu trabalho a autora analisa inúmeros jornais e termina por constatar que os gráficos se vêem como trabalhadores diferentes do restante dos outros por: (...) “lidar diuturnamente com maneiras de pensar. O domínio desse saber e, sobretudo, o fato de a leitura e a escrita ser o objeto do seu trabalho cotidiano fornecia as especificidades do grupo. Era igualmente o domínio desse saber que lhe conferia na sua própria visão, o valor natural de condutor dos demais trabalhadores”.

⁷¹ O “letramento” fazia com que esses homens assumissem como seu o direito de transmitir suas mensagens a inúmeras pessoas alfabetizadas ou não. Isso fazia com que houvesse a circularidade da informação que passava a ser lida e interpretada a partir das necessidades de cada grupo. Como afirma A. Rama, “A força do grupo letrado pode ser percebida através de sua extraordinária longevidade”. Ver, RAMA, Angel *Op. Cit.* P. 46.

O orgulho da sua profissão pautava-se em uma tradição anterior, ou seja, num passado onde seu ofício era considerado “arte”, pois tão importante quanto à concepção do texto era a sua impressão. Assim, o grupo se apresentava como “artesãos intelectuais”, diferentes dos jornalistas, que pertenciam a um outro grupo social, e também dos trabalhadores braçais. Eles viviam entre dois mundos, e o seu “status” fazia com que surgissem dúvidas entre qual lugar deveria ocupar. Se os outros operários da Primeira República eram excluídos, os tipógrafos sofriam duas vezes essa exclusão, pois, ao seu modo, queriam ocupar um espaço que não era o mesmo dos outros trabalhadores⁷².

Eles se apresentavam como possuidores de um conhecimento que os diferenciavam dos outros trabalhadores, determinando a criação do seu perfil como o de operários criativos e cumpridores do seu dever para com uma sociedade. Observa-se, assim, a grande valorização que os tipógrafos davam à questão da educação, que para esses homens seria o meio que levaria ao desenvolvimento individual e o coletivo de seu grupo. Dessa forma, eles se reapropriam dos conceitos transmitidos pelas elites nos seus jornais, passando a difundir entre eles, e para os outros operários, a idéia da necessidade de se “letrarem” para alcançarem o progresso social.

Antes do pão a educação – visto ser esta a melhor garantia de solidariedade, a mais acertada para o meio em que vivemos e para a atual geração. Seguiremos o mesmo caminho porque o julgamos capaz de nos conduzir á conquista de nossos ideais de bem estar e liberdade (...).⁷³

O homem que não tiver perfeito conhecimento dos seus atributos e das suas funções na sociedade, não poderá ter exata compreensão do seu destino.⁷⁴

Ao assumirem esta postura, colocam-se como portadores da missão de educar todos os operários, determinando a existência de um projeto “político” para a categoria, a ser levado a cabo pelos sindicatos e os jornais operários. Neste âmbito, são criadas bibliotecas, escolas profissionalizantes, salas de leituras, que estimulariam os operários a buscarem um aprimoramento e a consciência do seu papel na sociedade. No entanto, ao se colocarem na posição de “orientadores”, a sua distinção com relação aos outros foi acentuada e a condição como o seu representante legítimo, ficou mais distante da realidade.

⁷² Ver, BARBOSA, Marialva. *Op. cit.* p. 220, Segundo a autora esses homens terminavam por aliar “o saber individual restrito à concepção do ofício a um conhecimento mais amplo que a vivência cotidiana em torno de textos que lhes transformavam em ‘operários do pensamento’ ”.

⁷³ Ver, ‘Editorial’, In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1916, p. 01.

⁷⁴ Ver, ‘Reflexões’, In: *O Graphico*, RJ, 15/06/1916, p. 01.



Relatório da Assembléia Geral, em comemoração ao Aniversário da Associação Gráfica. O GRAPHICO de 1º de novembro de 1917

No ano de 1915, esta “tarefa” ganhou mais um aliado com a criação do jornal da categoria, O GRÁFICO, publicado no Rio de Janeiro, capital da República, que vai circular entre os anos de 1916 até 1919⁷⁵. Ele passou a ser “o porta-voz” da Associação Gráfica do Rio de Janeiro, formada por um grupo já previamente rotulado como “contestador social”, os tipógrafos⁷⁶.

O Graphico o mensageiro do nosso pensamento e das nossas aspirações, não é acreditável seguirmos outro caminho se não da propaganda verdadeira, sem vaidade e sem mesquinhas pretensões. Convencidos, todavia de que este jornal não acobertará sem crítica persuasiva e criteriosa as faltas insidiosamente cometidas pelos transviados, tentem desvirtuar a grandeza da obra que nos propomos realizar, (...).⁷⁷

1. 3) Como se tornar um trabalhador gráfico: a educação e a instrução do tipógrafo

Depois do quadriênio que findou, para ventura nossa, em 15 de Novembro passado, temos para contrapeso a maldita guerra européia que tem dado motivo a toda sorte de explorações por parte dos homens *apatacados* que ainda dominam a Terra de Santa Cruz!

Por mais que parafuse cá na cachola não posso resolver esse intrincado problema. Para onde foram as pratas e as emissões da papelada?

E quem vai agüentando com toda essa carga são os operários, que vivem a entreolharem-se submissos como que perguntando: Então nós somos como *o holandês que pagou pelo mal que não fez?*⁷⁸

Passada a euforia da virada do século XIX para o XX e o choque da Primeira Guerra Mundial, o ambiente político, econômico e social de grande parte do planeta tem pouco a ver com as imagens deixadas pelos últimos anos do século XIX.

O efeito dessas transformações no jovem regime republicano contribuiu para acelerar o processo de mudança que já havia se iniciado. A indústria assume um novo papel na cena econômica, antes dominada pela elite agroexportadora. A idéia de progresso traz a europeização das ruas⁷⁹.

⁷⁵ O referido jornal encontra-se microfilmado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, na seção de Periódicos.

⁷⁶ Ver, MARAN, Sheldon L. *Anarquistas, emigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

⁷⁷ Ver, ‘Editorial’, In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1916, p. 01.

⁷⁸ Ver, ‘Nickeis e mais Nickeis’, In: *O Graphico*, RJ, 15/02/1916, p. 03.

⁷⁹ A europeização antes centrada apenas no ambiente familiar da elite carioca agora se faz presente também nas políticas públicas (escolas, prisões, hospitais, locais de trabalho), que sofrem mudanças radicais baseadas no controle de métodos científicos e do progresso. Vê, entre outros, COSTA, Ângela M. de & SCHWARCZ, Lilia M. *Op. cit.*

A cidade do Rio de Janeiro, entre outras, torna-se um espaço de difusão de idéias vindas da Europa. A idéia corrente era de que a sua aplicabilidade transformaria a sociedade carioca em civilizada. A cidade deixa de ser vista como uma grande “selva” e transforma-se em um espaço “urbano” e civilizado. Para que tal fato ocorra, novas regras são impostas com o objetivo de proteger e conservar a ordem social já existente⁸⁰.

Por outro lado, a noção de civilidade evocava os ideais de educação e cultura, remanescentes do iluminismo. A difusão das letras e o apelo maior a leitura como veículo de comunicação e ascensão social gera a necessidade maior da alfabetização, sobretudo nos meios urbanos, onde os avanços técnicos exigiam uma constante atualização. Em todo esse processo, a educação aparecia como uma das rotas que levaria a “civilização”, para formar o “cidadão” da República, que nascia com o desejo de ser “democrática” e para colocar o país no patamar de nação desenvolvida⁸¹. A cada novo governo surgiam mudanças na orientação educacional, ocasionando inúmeras reformas⁸².

No ideário oficial, a educação era apresentada como uma necessidade de ordem pública, já que dela dependeria a prosperidade do país. Sendo assim, era preciso recrutar o povo em direção as escolas e, ao mesmo tempo, estabelecer um sistema educacional público e completo, o que possibilitaria a consolidação do sistema republicano. Nesse momento, iniciava-se um grande movimento nacional, com campanhas públicas veiculadas em jornais e revistas, ganhando a palavra imprensa um status de “verdade absoluta”, consolidando normas e regulamentos.

Só pela educação e pela instrução o homem pôde emancipar-se do jugo da sua própria natureza, isto é, subordinar os instintos e movimentos do seu corpo á direção do seu espírito cada vez mais desenvolvido.⁸³

Diante deste quadro, e levando em conta a posição e a “missão” que eles próprios se atribuíam, os tipógrafos tomam para si a responsabilidade de educar os outros. Em seus

⁸⁰ RAMA, Angel. *Op. cit.* O autor trabalha a questão da representação da escrita em algumas cidades da América Latina. Ele analisa como um grupo usa a escrita para ordenar as cidades. A cidade letrada, que domina a cidade real passa a exercer a função de ordenar, modernizar e revolucionar os diferentes segmentos sociais que vivem na cidade.

⁸¹ NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU, 1974, p. 261.

⁸² *Idem*, o autor termina por separar as reformas, em três momentos bem distintos: o primeiro, vai do início da Primeira República até os 1915 e se caracteriza por um comportamento fatigado dos homens públicos em relação à educação. O segundo momento, que se inicia em 1915, é marcado pelo grande entusiasmo pela educação em todos os setores sociais. Os grandes males sociais baseiam-se na ignorância existente e a educação apresenta-se, ao mesmo tempo, como o problema e a solução de todos os problemas sociais, econômicos e políticos. O terceiro momento se caracteriza pelo otimismo pedagógico, que tem como objetivo a introdução de um sistema escolar baseado em novos modelos educacionais.

⁸³ Ver, ‘Reflexões’, In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1917, p. 01.

artigos, anunciavam uma nova fase para a educação, que deveria ser conduzida pelos próprios operários através dos sindicatos e dos seus jornais.

Em todas as corporações, como em todos os núcleos onde se desenvolve a atividade consciente, devemos observar, como primordial incentivo, o desejo de elevar á distinta posição aqueles que são pela própria vontade e natural vocação, um elemento fecundo para o progresso da arte a que se dedicam.⁸⁴

Para eles, o grande problema da organização de um movimento operário forte e sólido no Brasil encontrava-se na falta de instrução da maioria dos operários, deixando claro, que esta ausência de conhecimento levava ao não entendimento dos seus direitos e deveres com relação à sociedade em que viviam.

Pensamos, talvez com alguma razão, que a dificuldade até hoje encontrada para a organização neste país de um sólido movimento operário, reside numa causa exclusiva: a falta de instrução adequada de uma grande parte, a maioria sem duvida dos operários brasileiros.

Referimo-nos a um mal que persegue ao operariado por exclusiva culpa sua: a nenhuma instrução que tem relativamente dos seus direitos e deveres na sociedade da qual ele é parte preponderante, por ser a maioria.

Enquanto que nos outros países o mais humilde trabalhador das minas conhece, além dos códigos da nação, todas as leis e decretos que possam trazer interesse pára a sua existência de produtor, e ainda tudo quanto se refira a outros assuntos que afetem a classes diversas da sua – no Brasil; o homem do trabalho limita-se a conhecer o horário do bonde ou do trem e da barca que lhe convenha, a hora da entrada ou do almoço na oficina, do dia do aniversário do patrão ou do gerente, e nada mais pára a sua existência propriamente dito.⁸⁵

Na opinião de alguns tipógrafos, a emancipação operária só ocorreria quando houvesse uma ampliação do conhecimento teórico e prático do seu ofício. Mas, para que isso acontecesse, fazia-se necessário o surgimento de programas criteriosos, escolas e mestres capazes de não apenas ensinar teoria, mas de desenvolver, na prática, o ofício-arte da tipografia.

É um dos grandes deveres que temos a cumprir para o bem de todos; porém elevar uma coletividade do estado de abandono em que jaz é um esforço digno dos maiores elogios, mas não julgueis que seja isto obra de alguns; não, este movimento deve ser obra de cada um que jamais a sociedade realizou um desejo que não fosse com o esforço coletivo dos seus membros. Unidos em volta do mais sagrado dos desejos com uma vontade inflexível, veremos através das nuvens do nosso jugo, a figura austera da Liberdade.

Associemo-nos e fundemos a escola, que nos levará infalivelmente aos cumes da Emancipação.⁸⁶

⁸⁴ Ver, 'Coisas da Arte', In: *O Graphico*, RJ, 15/03/1916, p. 01.

⁸⁵ Ver, 'Modos de Ver', In: *O Graphico*, RJ, 15/01/1916, p. 01.

⁸⁶ *Idem*.

O GRAPHICO de 02 de fevereiro de 1918, artigo falando sobre a educação operária.

O desejo da criação das escolas profissionalizantes passou a ser expresso constantemente em artigos e editoriais. Essa escola seria um local de aperfeiçoamento, onde os gráficos pudessem expandir seus conhecimentos, além de ser um espaço onde os aprendizes desenvolvessem o gosto pela arte. Elas não transmitiriam apenas o conhecimento técnico, mas seriam “*uma escola na extensão da palavra, - com o seu programa de ensino dividido e sabiamente aplicado, quer na parte teórica, quer na pratica*”.⁸⁷

“A Escola Profissional” foi descrita num dos editoriais do jornal a partir dos modelos trazidos da Europa⁸⁸. O redator, o tipógrafo Gallianus Eary, apresenta uma explanação acerca dos centros de aprendizagem das artes e ofícios e o desenvolvimento da educação técnica e profissionalizante, terminando por afirmar a necessidade da criação de tal escola como vital para o crescimento geral dos gráficos.

O objetivo central da escola profissionalizante era o aperfeiçoamento da capacidade do gráfico e também dos seus filhos, preparando esses profissionais não para serem simples manuseadores de tipos e teclados⁸⁹, sim operários especializados. Essa visão, difundida pela Associação Gráfica, coloca o tipográfico numa situação especial, que não se subjugaria aos serviços extras não remunerados e aos baixos ordenados impostos pelos donos de tipografias.

O importante para o mundo dos gráficos e para a sua própria continuidade era o investimento no trabalho do aprendiz, ou seja, do trabalho do menor, que na visão dos mais velhos seria a alavanca para o progresso da arte. Inúmeras vezes os artigos deixam claro a procura das oficinas tipográficas por meninos pobres e sem formação, unicamente interessados em engrossarem a renda familiar.

Em várias matérias são apresentados casos de aprendizes que chegavam às tipografias sem vontade de trabalhar, já que, sob a pressão paterna abandonavam a escola para ganhar um pequeno salário. Com isso a instrução, algo essencial e imprescindível para estes jovens, ficava prejudicada.

Devassando o interior de certas tipografias, já trabalhando acidentalmente, já como graphico, nós vemos, com profunda desolação, o que se passa em relação aos aprendizes.

⁸⁷ Ver, ‘A Escola Profissional’, In: *O Graphico*, RJ, 15/01/1916, p. 02.

⁸⁸ O engenheiro J. Suderitz, tendo sido enviado à Europa com o objetivo de conhecer inúmeras escolas ligadas à arte mecânica para posteriormente desenvolver um programa de semelhante no Brasil apresentou o seu relato à sua instituição, a Escola de Engenharia de Porto Alegre. É com base neste relato que o artigo foi descrito. ‘A Escola Profissional’, In: *O Graphico*, RJ, 15/01/1916, p. 02

⁸⁹ Em uma nota publicada no dia 15 de fevereiro de 1916, o jornal *O Graphico*, exemplifica a todos os gráficos o quanto a educação pode elevar o trabalhador. Diz a nota: “Do nosso ex-collega, hoje cirurgião- dentista, Candido Lobo Junior, recebeu a Directoria da Associação Gráfica delicada offerta dos seus serviços profissionais para os associados e pessoas de suas famílias, no seu consultório á rua Sachet, n. 11, 1º andar”. ‘Associação Gráfica do Rio de Janeiro’, In: *O Graphico*, RJ, 15/02/1916, p. 02.

Encontramos petizes sem vontade... outros, que em vez da escola, tiveram a pressão paterna para ganhar minguaos tostões.
A sorte desses infelizes aprendizes merece ser melhorada.
Os nossos Estatutos dizem claramente que é imprescindível a instrução, ainda que elementar, para o aprendiz tornar-se, em futuro, um oficial perfeito.⁹⁰

A maioria desses meninos entrava nas tipográficas com a idade de dez (10) anos, sendo portadores de desnutrição e péssimas condições de saúde, decorrentes da miséria e da fome. O trabalho exaustivo, carregando maços e resmas de papel constantemente por toda a oficina, a falta de alimentação e a baixa remuneração contribuía para o clima degradante do trabalho infantil nos meios gráficos. No artigo “Infância Torturada”, a disparidade entre as condições necessárias para o exercício da profissão e as limitações impostas pelas idades dos aprendizes fica bem clara:

Nas oficinas tipográficas a exploração dos menores atinge o auge. Basta dizer que existem no Rio oficinas em que a manufatura do trabalho é feita exclusivamente por aprendizes, muitos dos quais com pouco mais de dez anos de idade, tornando-se até necessária uma peanha para que alguns deles possam atingir a caixa.⁹¹

Os acidentes eram comuns e nem sempre correspondiam a uma atuação responsável por parte dos patrões. O relato acerca da ajuda dada pelos patrões a um menor acidentado quando derretia cola para a encadernação⁹², está presente num artigo como um exemplo a ser seguido pelos demais donos de tipografias. O gesto do patrão mereceu destaque, servindo de exemplo a outros donos de tipografias.

(...) providenciado para que o menor fosse socorrido na farmácia Silva Araújo, e após ligeiros curativos, de onde á vista da gravidade das queimaduras, foi conduzido para a Assistência, que socorreu a vítima, recolhendo-a á sua residência. Mais tarde foi mandado pela empresa um empregado á casa do menor, afim de, em nome da firma proprietária da oficina, oferecer um quarto particular no hospital da Santa Casa e mais auxílios que fossem necessários; sendo, porém, recusado pela família de enfermo. Ainda em nome da firma Alexandre Ribeiro & C, foi dito que toda despesa com medico, farmácia, etc., seria por conta da casa, recebendo ainda o dito menor os seus ordenados integralmente.
Este gesto nobre e generoso, porém raro, deve ser imitado pelos industriais gráficos, quando em idênticas circunstâncias, pois o mesmo não tem somente o seu alcance caridoso, e sim também serve de estímulo pessoal.⁹³

⁹⁰ Ver, ‘Coisas da Arte’, In: *O Graphico*, RJ, 15/03/1916, p. 01.

⁹¹ Ver, ‘Infancia Torturada’, In: *O Graphico*, RJ, 16/04/1917, p. 01.

⁹² O menor Waldemar Soares sofreu queimaduras de terceiro grau ao derreter cola em um fogão a gás na Papelaria Alexandre Ribeiro & Cia. ‘Exemplo a ser imitado’, In: *O Graphico*, RJ, 01/03/1916, p. 01.

⁹³ *Idem*.

↑
O GRAPHICO de 16 de abril de 1917. Artigo acerca dos maus tratos sofridos pelos aprendizes.

No entanto, para a maioria dos chefes das oficinas esses aprendizes eram vistos como inúteis e dispensáveis. Às vezes, eram usados para o expediente interno, longe do trabalho especializado, sendo obrigados a serviços dos mais variados, como varrer as oficinas ou entregar encomendas nas ruas. E, quando os aprendizes não realizavam as suas tarefas como os chefes das oficinas ordenavam, sofriam punições físicas.

Ainda um dia desta quinzena, por exemplo, um chefe de pauta de importante casa, apanhando dois aprendizes brincando, no momento em que um empurrava o outro de encontro a uma máquina, deu, num destes, uma valente bofetada, fazendo-lhe inchar o rosto. O fato tem indignado a todos, chegou ao conhecimento do gerente, que admoestou severamente o chefe citado.⁹⁴

Por um outro lado, os gráficos mais velhos sentiam-se prejudicados pelo trabalho dos aprendizes, pois os patrões transformavam esses meninos em oficiais tipográficos para pagarem um salário bem mais baixo. Na visão dos tipógrafos mais experientes isso não só causava um dano no seu orçamento, como também desqualificava a profissão. O aprendiz passou a ser visto como uma ameaça em potencial.

Não posso também admitir que alguns colegas digam não se deve ensinar o aprendiz dentro da oficina, julgando ser isso vantajoso para a valorização do tipógrafo preparado: porque dizem eles: - uma vez o aprendiz apto a trabalhar regularmente, o industrial tratará de se utilizar das suas aptidões, jogando na rua o oficial, porque aquele lhe fica mais barato.⁹⁵

Porém, tal temor não correspondia sempre à realidade. A solidariedade demonstrada por um grupo de aprendizes para com os colegas despedidos foi apontada num artigo como um exemplo que desmentia o temor demonstrado por alguns dos trabalhadores mais experientes⁹⁶.

Esse belo gesto de camaradagem dos pequenos que até então eram explorados pela ganância de um indivíduo que parece não saber o que são crianças, só pode merecer o nosso maior aplauso e, mais do que isso, o nosso incitamento, por vermos que esses coleginhas já representam o *graphico* do futuro, insubmisso e revoltado contra explorações e espoliações de patrões que já não são para os tempos modernos.⁹⁷

⁹⁴ Ver, 'Educação Operária', In: *O Graphico*, RJ, 01/07/1916, p. 01.

⁹⁵ Ver, 'O Aprendizado', In: *O Graphico*, RJ, 01/06/1916, p. 03.

⁹⁶ A referência foi baseada no ato de um grupo de aprendizes de compositor da *Gazeta Suburbana*, que vestiram seus paletós e abandonaram a oficina em solidariedade a um colega despedido; 'Modos de Ver', In: *O Graphico*, RJ, 15/03/1916, p. 01.

⁹⁷ *Idem*.

A questão da entrada ou não do aprendiz na oficina tipográfica passava por um único ponto: a desvalorização desse jovem, que por isso não abraça com amor e dedicação o trabalho de tipógrafo. Mas, isto não seria tão grave quanto admitir na tipografia um aprendiz sem instrução. A solução para esses problemas estaria na valorização do trabalho dos menores, tornando-os artistas instruídos que, no futuro, teriam orgulho da sua profissão arte. Por isso idéia da escola profissionalizante ser tão difundida nos artigos escritos pelos gráficos, como também a criação de centro de estudos e bibliotecas sociais⁹⁸, que facilitassem a educação, e estimulassem, via leitura, a união e a liberdade dos operários.

O tipógrafo, principalmente, é um oficial que deve ter um cultivo aprimorado, uma inteligência bem educada e um bom gosto para o trabalho, porque ele lida com um ofício que requer todos esses requisitos, ofício, por todos os títulos, artístico e literário.

Mas, devido á falta da escola a exploração é fatal. Devido ao excesso de trabalho, os tenros órgãos dessas crianças se desgastam e a sua vida, tão digna de cuidados, periga entre os abismos da ignorância e da enfermidade.⁹⁹

A solução para a qualificação desse menor também poderia passar pelo apoio dos próprios donos das tipografias ao aprimoramento dos seus aprendizes, sendo que muito poderiam lucrar com este “investimento”. Por outro lado, para um grupo de gráficos, o auxílio prestado e a solidariedade dos antigos gráficos para com o grupo de aprendizes poderiam facilitar o apoio deste contingente de trabalhadores nos momentos de confronto entre patrões e empregados.

[...] apelando desde já para os sentimentos de humanidade, não só dos chefes de oficina, de quem depende mais diretamente o ensino do aprendiz, como para os colegas em geral, que muito poderão contribuir também para o desenvolvimento profissional desses infelizes, porque, estou certo, - na hora em que o industrial tirar partido de suas aptidões em prejuízo do oficial – seu amigo e mestre – ele, o aprendiz, saberá, em sinal de reconhecimento, senão repudiar a usurpação que lhe é feita, pelo menos exigir o mesmo ordenado do colega sacrificado, uma vez que o vai substituir.¹⁰⁰

Por fim, na revista *Artes Graphicas*, dirigida por Diocleciano Taveira, apresentada “*como um reflexo da existência da Associação*”¹⁰¹, o problema da educação também aparece como uma responsabilidade a ser tratada pela organização:

⁹⁸ Por várias vezes os editores do jornal expõem as doações de obras como: Lucrecia Borgia, Sindicalismo e greve geral, Sociologia, O amor através dos tempos, entre outras, para a biblioteca da Associação. ‘Bibliotheca’, In: *O Graphico*, RJ, 01/02/1917, p. 02.

⁹⁹ Ver, ‘O Aprendizado’, In: *O Graphico*, RJ, 16/08/1918, p. 01.

¹⁰⁰ Ver, ‘O Aprendizado’, In: *O Graphico*, RJ, 01/06/1916, p. 03.

¹⁰¹ Ver, ‘Echos’, In: *O Graphico*, RJ, 15/10/1916, p. 02.

Um deles consiste na Escola Profissional e na instrução geral, matando o cancro do analfabetismo que tem posto abaixo as mais úteis iniciativas.

Combater a ignorância, expurgando-a do meio gráfico, é nosso primordial dever e não devemos descansar enquanto não atingirmos esse resultado. Tudo depende do poder da vontade. O programa da Associação Gráfica é vasto e não é impraticável: e da sua execução exata depende o nosso futuro, os nossos melhores dias.¹⁰²

Como resultado do esforço constante da Associação Gráfica, denunciando nos seus periódicos a exploração do aprendiz, assim como a implementação das oito (8) horas de trabalho temos a apresentação da legislação do trabalho infantil, em 11 de agosto de 1917, como uma de suas vitórias.

Para conhecimento da classe, resolvemos publicar a lei que regula o trabalho dos menores de 14 a 18 anos, nas oficinas, fabricas e demais estabelecimentos no dia 25 de agosto p.p.

Chamamos, pois, a atenção dos nossos colegas para o que diz a lei que na integra publicamos, pois que a sua perfeita execução depende: em grande parte, senão por completo, da rigorosa vigilância por nós exercida dentro das oficinas. Qualquer infração feita á lei deve ser imediatamente comunicada á diretoria da Associação, para esta agir junto dos poderes complementares.¹⁰³

Mas as lutas pela melhoria das condições de aprimoramento e trabalho dos gráficos não esgotavam a busca da valorização da profissão e a sua apresentação como um ofício especializado e único. Com o objetivo de divulgar e assegurar a tradição da sua arte, os editores do jornal O GRAPHICO juntamente com a direção da Associação Gráfica resolveram realizar uma exposição de trabalhos tipográficos. Em assembléia, foi tirada uma comissão para divulgar o evento que tinha o cunho meramente artístico.

O exemplo a ser seguido seria a exposição feita pela Imprensa Nacional de Lisboa, em 1913, quando foram expostos trabalhos feitos em diversas tipografias da capital, além de trabalhos antigos e outros de procedência estrangeira. Contudo, a falta de coerência nas reuniões da comissão do evento e a desunião entre os membros da categoria fizeram com que a Primeira Exposição Tipográfica fracassasse.

Mais uma vez ficou patentemente provado que, com a falta de coerência de muitos membros associados, não conseguiremos nunca a realização dos princípios básicos de ordem, porque esmagam todas as iniciativas com o fito único do lucro financeiro, muito embora, na maioria das vezes, estes lucros possam trazer graves ocorrências á classe e sérios desgostos aos membros da “Comissão da Exposição Gráfica” anteviam na sua realização uma fonte de lucros, que felizmente

¹⁰² *Idem.*

¹⁰³ Ver, ‘O Trabalho dos Menores’, In: *O Graphico*, RJ, 01/09/1917, p. 02.

perderam a sua significação, para o renome da Associação Gráfica do Rio de Janeiro.¹⁰⁴

Ao priorizar a questão financeira em relação à divulgação da arte e da instrução dos tipógrafos, a Comissão do evento trouxe graves desavenças e desgostos entre os membros da categoria.

Em 1917, a idéia de uma grande exposição que divulgasse o trabalho dos artistas gráficos foi retomada, desta vez, como um símbolo da sua emancipação através da transformação do local do labor, da sua luta pela melhoria nas condições de trabalho e da valorização da Associação Gráfica. O convite à participação estendeu-se a todas as categorias de operários gráficos, onde a idéia da valorização do ofício-arte foi muito bem recebida.

E, fora de dúvida, e ninguém melhor que nós gráficos poderá saber, que o levantamento artístico de uma arte depende exclusivamente daqueles que a professam e abraçam, porque somos nós, operários, que lhes dedicamos amor e que mais a adoramos, muito embora dela não possamos tirar os proventos eqüitativos ao nosso esforço, devido à nossa eterna situação de explorados, cujo esforço reverte, injustamente, em benefício de outros.¹⁰⁵

Foi criada uma comissão da exposição, que dividiu a apresentação dos trabalhos em 03 (três) categorias: sessão de desenhos e litografia, sessão tipográfica e sessão de encadernação. Alguns dias depois, saiu uma lista com os trabalhos classificados por categoria e as premiações¹⁰⁶.

Assim sendo, a exposição foi o veículo de divulgação do trabalho gráfico especializado, cada vez mais ameaçado pelo avanço tecnológico que se anunciava para os anos seguintes.

1.4) O ofício do gráfico e a tecnologia: uma visão peculiar das inovações e os seus efeitos.

Era unânime a queixa que escutamos e ainda hoje escutamos perplexos e revoltados sobre o estado em que ora se encontra a classe trabalhadora, tão cruelmente ferida no seu orgulho de classe até então privilegiada, contra os azares da vida mundana e sem ter durante cerca de 40 anos sido levemente arranhados nos seus interesses julgados os mais sagrados. Nesse período não houve dificuldade que não fosse superada, não sofrendo os compositores tipógrafos a falta de trabalho, pondo-os na deprimente situação em que atualmente se debatem. Bastou, porém, a introdução da linotipo, encontrando-os completamente desprovidos de

¹⁰⁴ Ver, 'O Fracasso da Exposição', In: *O Graphico*, RJ, 15/06/1916, p. 01.

¹⁰⁵ Ver, 'Exposição Graphica', In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1918, p. 01.

¹⁰⁶ Ver, 'Classificação dos Trabalhos', In: *O Graphico*, RJ, 16/01/1918, p. 02.

recursos que pudessem influir no desagregamento da classe – e isto por sua grandiosa e brutal ignorância do valor da organização das associações de classe, para estarmos hoje a contemplar, *bestializados*, esse edificante espetáculo de desordem e desenfreada incapacidade, que é o serviço tipográfico.¹⁰⁷

Num mundo contraditório, onde a lembrança da escravidão denegriu a noção de trabalho, a chegada das inúmeras invenções surgidas na era industrial era vista como um sonho distante. Enquanto as inovações, como a luz elétrica, a velocidade, o automóvel, o cinematógrafo, o dirigível, o rádio, a máquina de escrever passavam a fazer parte do dia a dia de europeus e de norte-americanos, no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século, as alterações do cotidiano nem sempre afetavam de forma positiva o operário¹⁰⁸.

Nas tipografias a mecanização do trabalho teve o seu início a partir da segunda metade do século XIX, mas nos primeiros anos do século XX estava em pleno avanço¹⁰⁹. Num primeiro momento, essa mecanização era vista de forma positiva pelos tipógrafos, que entendiam esse processo como facilitador do labor. Mas, aos poucos, a sua face negativa apareceu quando o trabalho artístico foi ultrapassado pelo “progresso” tecnológico, gerando o desemprego.

Não há um só individuo que trabalhe em qualquer casa onde se exerça a exploração da indústria gráfica que esteja satisfeito com a sua situação de vítima imbele dos caprichos deste ou daquele que sobre si tenha uma parcela de mando ou mesmo incumbido de zelar por determinado encargo que lhe é afeto, mas que está sujeito, pela natureza do serviço, a um segundo encarregado de executá-lo. Em linotipo, dadas as condições péssimas da sua introdução aqui no Rio, não se pôde afirmar com segurança que existia um perfeito artista nesse ramo da arte tipográfica.¹¹⁰

Volta a assoberbar a classe a falta de trabalho. Há já oficinas onde os nossos colegas estão reduzidos há 3 dias por semana.¹¹¹

Assim, o progresso como algo que levaria a uma ascensão social passou a ser entendido como uma ameaça para a sua própria sobrevivência. Esses homens começaram a relacionar a mecanização com a perda do seu emprego¹¹². Eles não mais detinham um conhecimento único, e, a partir das novas maquinarias, eram vistos como quaisquer outros operários, dispensáveis ante a força do labor mecânico.

¹⁰⁷ Ver, ‘Na Expectativa’, In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1916, p. 03.

¹⁰⁸ Ver, COSTA, Ângela M. da & SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. cit.*

¹⁰⁹ Ver, VITORINO, Artur J. R. *Op. cit.*, p. 109.

¹¹⁰ Ver, ‘Os Linotipistas’, In: *O Graphico*, RJ, 16/03/1917, p. 01.

¹¹¹ Ver, ‘Crise do Trabalho’, In: *O Graphico*, RJ, 01/03/1917, p. 01.

¹¹² Ver, BARBOSA, Marialva. *Op. cit.*, p. 60. A autora afirma que o ideal de progresso e civilização estava presente no pensamento dos gráficos, já que os mesmos os tornariam superiores, porém eles eram contrários às máquinas que estavam deixando-os na miséria.

A introdução das máquinas nas oficinas tipográficas, além de trazer o problema do desemprego, dividia o espaço de trabalho, rompendo o contato entre os diferentes grupos que compunham cada setor. Além disto, ditavam um novo ritmo de trabalho, delimitando o horário da entrada, o almoço e saída dos tipógrafos. Para os donos das oficinas, essa mecanização era algo muito lucrativo, o que determinou a vitória do trabalho mecânico sobre o artístico. O conhecimento artístico passou a ser visto pelos patrões como algo secundário, sendo substituído pelo domínio da técnica, que introduziu um novo grupo especialista no manuseio dessas máquinas.

Um dos grandes males que infelizmente existem em nossa arte é a transformação rápida em que qualquer um aprendiz é arvorado em oficial. Essa idéia parte dos patrões ou dos chefes que são interessados na casa, naturalmente procurando acautelar os interesses comuns. Pensam assim esses proprietários gráficos auferir mais lucro, visto ser menor o ordenado do aprendiz em comparação com o do oficial.

(...). Mas os lucros os tornam gananciosos e o resultado é o trabalho sair das máquinas, que são a última palavra em aperfeiçoamento, completamente matado, enquanto as máquinas se tornam imprestáveis e cobrem-se de remendos.¹¹³

Mais do que perder o trabalho, a mecanização do labor tipográfico fez com que esses homens, que se consideram artistas, perdessem a sua identidade, deixando de lado toda a tradição e um estilo de vida. Perder tudo isso significava ser despojado de uma luta em prol da valorização da instrução, não só dos tipógrafos, como também dos outros operários¹¹⁴.

As máquinas, principais símbolos do progresso que os gráficos defendiam, passaram a ser combatidas pelos seus antigos defensores, deflagrando um discurso no qual a palavra união se fazia presente como a arma que exterminaria os males trazidos pelas inovações. Como inimigos portadores destas ameaças, os linotipistas ganhavam um lugar de destaque.

Cada um, segundo o seu interesse individual, atestado da cultura real de sua condição de operário, não se queixando quando as irregularidades não lhe afetam, mas explorando veementemente quando a coisa lhe atinge, vão esses colegas sorvendo o cálice da amargura por sua própria culpa, pois não querem compreender que são eles empecilhos á grandeza da Associação, pela ojeriza desmedida em se obstinarem á apatia e ao descaso de tudo quanto se prende á união e solidariedade da classe gráfica.

De todos os ramos da indústria do livro e do jornal é o dos linotipistas que menor número de associados tem, existindo corporações de diversas oficinas que não contam um só membro na Associação Gráfica.¹¹⁵

¹¹³ Ver, 'Por nós e pela arte', In: *O Graphico*, RJ, 01/04/1916, p. 02.

¹¹⁴ Ver, BARBOSA, M. *Op. cit.*, p. 94. Para os tipógrafos o que as máquinas mais colocavam em risco era o seu saber.

¹¹⁵ Ver, 'Os linotipistas', In: *O Graphico*, RJ, 16/03/1917, p. 01.

Até então, os operários gráficos eram classificados pelas funções que realizavam; compositores tipográficos, os impressores, os encadernadores, os mageadores, os pautadores, os impressores-litógrafos, os litógrafos, os tiradores, os gravadores, os estereotipistas¹¹⁶. Os primeiros, por serem mais numerosos, terminaram assumindo a representação da categoria. Na tentativa de não haver uma monopolização por parte desse segmento da categoria, a idéia da união de todos os tipógrafos fortalecia a idéia de grupo.

Entre a nossa classe é notável a divisão do trabalho e os efeitos já nos são familiares. Não é diminuto o número de colegas que se têm visto na mais negra indigência, porque só sabendo, por exemplo, puxar linhas e nada mais fazendo em relação á arte, torna-se adstrito aquele mister, incapazes de produzir para um outra fonte de conhecimento, pois que adquirindo o automatismo, só dão lucro ao industrial pela rapidez da produção em prejuízo seu e de seus colegas. Combater a divisão do trabalho é um problema que merece a atenção geral e que se impõe ao operariado, pois só deste modo ele poderá dar valor ao seu saber.¹¹⁷

Os gráficos, a força de muitas experiências, vão compreendendo que só poderão tirar proveito de todo os esforço, quando reunidos em torno de um só pensamento: as quedas que levam quando querem se julgar independentes mostram-lhes que as reuniões mais proveitosas são as feitas nas sedes sociais para discussão de um determinado assunto, pois ali os maus intencionados, os intrigantes se calam, o que não acontece nas esquinas, onde são eles que com seus falsos testemunhos vão perturbar a idéia dos incautos.¹¹⁸

A chegada dos linotipistas, que na sua tradição não eram gráficos, levou ao repensar dos problemas¹¹⁹. Entre os anos de 1905 e 1920, inúmeras lutas contra a mecanização ocorreram¹²⁰. Foram dois os momentos de maiores tensões:

1. De 1907 a 1909, assinalando a passagem da energia a vapor para a hidroelétrica, além de ser o momento de maior importação de maquinários gráficos.

Neste período, apesar do aumento do índice inflacionário, o salário dos gráficos não sofreu alteração. Assim sendo, entre 1900 e 1909, a remuneração média do

¹¹⁶ Ver, VITORINO, Artur J. R. *Op. cit.*, p. 109.

¹¹⁷ Ver, 'Divisão do trabalho', In: *O Graphico*, RJ, 01/03/1916. p. 03.

¹¹⁸ Ver, 'Echos', In: *O Graphico*, RJ, 15/12/1916. p. 02.

¹¹⁹ Ver, BARBOSA, M. *Op. cit.*, pp. 84 e 85, a autora menciona que entre os confrontos entre compositores e linotipistas faz com que se crie em 1907 o Sindicato dos Linotipistas com o objetivo de unir os grupos, para que se organizassem e lutassem por jornadas de trabalho igualitária a todos os operadores de máquinas. Em 1909 funda-se a União Tipográfica de Resistência, com o objetivo de aprimorar o conhecimento dos tipógrafos, tentando manter a viva a idéia da profissão arte.

¹²⁰ *Idem*, pp. 87 – 88.

gráfico era de 7\$000 por tarefa, equivalente a composição de 140 linhas num período de 5 a 6 horas de labor¹²¹.

2. De 1916 a 1919, marcado pelo encarecimento dos gêneros alimentícios e outros de primeira necessidade, fruto da crise decorrente da Grande Guerra.

Há necessidade de continuarmos a enviar os nossos navios á zona bloqueada por submarinos, cruzadores e minas, conduzindo gêneros que nos fazem falta? Porque razão nós pagamos o açúcar a 700 réis o quilo, a carne fresca a 1\$000 e o café a 1\$300, quando o estrangeiro o obtêm mais barato 50% e de boa qualidade?¹²²

Neste último período, o choque entre os antigos gráficos e os linotipistas assumiu uma nova dimensão. Ocupando o lugar de muitos dos antigos trabalhadores, este novo “ramo”¹²³ atraiu os que não possuíam uma formação artesanal, mas que, no entanto, conseguiram uma maior remuneração pelo domínio que detinham das novas técnicas industriais.

Assim sendo, a defasagem entre os salários atingiu um índice considerável nos anos seguintes. Em 1918, um linotipista ganhava em torno de 6\$000 reis a mais que o tipógrafo tradicional. As acusações por parte dos antigos artistas gráficos se tornaram cada vez mais acentuadas, envolvendo também outros sectores do trabalho da composição, como, por exemplo, os paginadores, também eles detentores de uma maior remuneração¹²⁴.

Ante a divisão da categoria e o crescente aumento da demanda do trabalho gráfico, acompanhada de uma depreciação constante do operariado em geral. A Associação Gráfica passou a apelar ainda mais para a união, surgindo como um veículo privilegiado para a organização da categoria, tendo por base o aprimoramento técnico e intelectual do grupo.

¹²¹ Ver, LOBO, Eulália M. L. “Formação do operariado e movimento operário no Rio de Janeiro – 1870-1894” In: *Estudos Econômicos*. São Paulo: IPE, 1985. Aí a autora faz uma comparação entre diferentes categorias de trabalhadores com relação à questão salarial.

¹²² Ver, ‘A Guerra e o Operário’, In: *O Graphico*, RJ, 16/05/1917, p. 01.

¹²³ Ver, ‘Echos’, In: *O Graphico*, RJ, 15/12/1916, p. 02.

¹²⁴ Com relação à questão das diferenças salariais e os baixos salários entre os diferentes ramos da categoria, ‘A Exploração’, In: *O Graphico*, RJ, 16/05/1916, p. 01; ‘Salário mínimo’, In: *O Graphico*, RJ, 01/10/1917, p. 01; ‘O que tem feito a Associação’, In: *O Graphico*, RJ, 01/04/1918, p. 01.

Toda a correspondência
deverá ser dirigida para o
seu social a
CASA THEOPHILU ESTERIL, 11
CORDEIRO

O Graphico

ASSINATURAS
Ano 28000
Semestre 14000
Número avulso . 8100

ORGÃO DA ASSOCIAÇÃO GRAPHICA DO RIO DE JANEIRO

ANNO II

RIO DE JANEIRO, 1 DE AGOSTO DE 1917

NUMERO 39

NO COMBATE

A classe graphica desperta para a lucta. — O que foram as tres memoraveis assembleas na sede da Associação, ás quaes compareceram centenares de graphicos e não meia duzia de vagabundos e desordeiros segundo informaram á policia. — Augmenta a força da nossa Associação com a entrada de centenares de adherentes. — A solidariedade é um facto. — Viva a Associação Graphica!

A Associação Graphica do Rio de Janeiro, vem, por meio do seu órgão, agradecer penhorosa aos srs. industriaes, que tiveram a oisecueza de responder ao memorial, por esta enviada a todos os proprietarios de estabelecimentos graphicos.

Apaz-nos registrar este facto, bastante significativo, numa época em que a maioria do patronato, tratada de modo desonesto e egoista da policia, trata os seus operarios, representados pelo syndicato profissional, como se fossem escravos e não homens livres, esquecendo, ou fingindo esquecer, que a elles devem absolutamente tudo: riqueza, bem estar, etc.

Emfim, largos dias têm em nossos dias a certeza popular. Esperemos. Os acontecimentos, que fatalmente se hão de desenrolar no futuro, se entregarem de fazer justiça á classe graphica e de ensinar a certa gente, o que ella desconhece: que quem manda na produção são os operarios. — temos dito.

O MOVIMENTO GRAPHICO

Quando os operarios paulistas, acossados pelo feroz e implacável inimigo da lucta contra a maldade burguez que suga o sangue do povo, todo o operariado brasileiro se poz inconscientemente ao lado dos seus irmãos de trabalho, dando votos pela victoria da sua causa, que sempre é a delle. Levado de vencida o capitalismo paulista, apesar das atrocidades canibalescas cometidas pelos janizaros de S. Paulo, os operarios cariocas encorajados pelo successo desse movimento sem precedentes na historia do operariado brasileiro, resolveram também appellar para a greve, para pôrem um freio á ganancia dos especuladores de generos alimenticios e á baixa dos salarios que se accentuava de uma maneira sustentadora em diversas classes. Na capital da Republica, a policia não só limitou, mas até excedeu a sua sanguinaria companhia paulista, fechando sedes de associações e prendendo em massa os trabalhadores pacíficos, que apenas pediam justiça.

A directoria da Associação Graphica do Rio de Janeiro entendeu que a classe graphica não podia ficar indifferente á lucta que se feria entre os operarios e os capitalistas gananciosos, e que se apresentava um momento oportuno para os graphicos reclamarem não só contra a baixa dos salarios feita pelos industriaes, mas ainda contra outros abusos que a classe vem soffrendo. O collega presidente resolveu então convocar uma assemblea extraordinaria da classe, para se resolver o caminho a seguir no conflicto declarado entre operarios e patrões. No dia 24 do mez de Julho p.p. teve lugar

A primeira assemblea

A 7 horas da noite, o presidente da Associação abriu a sessão. A vasta sala da sede onde se realisam as sessões tinha um aspecto imponentissimo. Não havia um lugar vago em toda a sede. Todas as dependencias foram invadidas, tendo-se retirado muitos colegas por não terem lugar. Muitos de nossos graphicos se comprimiram ansiosos pela decisaõ da assemblea.

Falaram então diversos oradores, todos elles cobertos em que os graphicos deviam dar o seu apoio incondicional aos trabalhadores em lucta, declarando-se em greve geral e reclamando energicamente dos industriaes graphicos as regal'as a que tinham jus. Nunca assistimos a uma assemblea tao memoravel como esta, que marcou para a nossa classe o inicio da sua emancipação.

Acalmados os animos, excitados pelas primeiras impressões, a assemblea começou a discutir numa bella serenidade, quasi os meios mais efficazes para levar a bom termo as reclamações da classe, sendo apresentada então, por illustre collega, uma proposta para que não se fizesse a greve geral, sem primeiro apresentarmos as nossas reclamações aos industriaes, e que para elaborar essas reclamações fosse nomeada uma commissão de 10 membros, composta de 2 linotypistas, 2 typographos, 2 lithographos, 2 impressores, 1 encadernador e 1 pautador, o que foi approved, sendo nomeados immediatamente 10 collegas entre os presentes para formar essa commissão, que deu immediatamente inicio aos seus trabalhos. A assemblea approvou tambem a publicação dum manifesto, que não inserimos aqui por ter sido largamente distribuido por toda a classe.

O presidente deu ainda a palavra a diversos oradores, para expôr o seu modo de ver sobre o grande movimento operario iniciado nesta capital, tendo todos elles concitado a classe á uniao e solidariedade, para que vingassem as justas aspirações dos graphicos. Eram 9 horas e meia quando o collega presidente encerrou a sessão, pedindo a todos os presentes que se retirassem na melhor ordem para não dar lugar a represalias da policia. Levantaram-se muitos vivos á classe operaria e aos trabalhadores graphicos.

Esta assemblea foi a primeira etapa do glorioso movimento encetado pela nossa classe em prol do seu bem estar e do seu resurgimento. O presidente marcou nova assemblea para o dia seguinte para a classe tomar conhecimento do trabalho da commissão nomeada para elaborar as reclamações a apresentar aos patrões.

A segunda assemblea

Não menos imponente que a primeira, a sala estava repleta de graphicos.

O collega presidente abriu a sessão e pediu a um dos membros da commissão nomeada na assemblea antecedente para elaborar as reclama-



Um aspecto da assemblea do dia 25 de Julho p.p.

ções a serem entregues aos industriaes, para ler o trabalho da commissão, e que é o seguinte:

«A Associação Graphica do Rio de Janeiro, interpretando o sentir da classe dos artistas graphicos, ao dar o seu apoio moral e solidariedade ao operariado brasileiro ora em lucta, vem affirmar tambem o seu direito a justas reivindicaciones que o momento presente, e as necessidades prementes nos aconselham a tomar; procurando, todavia, em obediencia aos seus Estatutos, um accordo mutuo, entre patrões e operarios, para a resolução amigavel da questão.

Reunida a classe em duas grandes e memoraveis assembleas, e depois de previo estudo do assumpto e esclarecido debate, foi resolvido solicitar dos senhores industriaes o seguinte:

PRIMEIRO. — Reconhecimento da Associação Graphica do Rio de Janeiro, como representante directa da classe em todas as relações profissionais entre patrões e operarios.

SEGUNDO. — Augmento das diarias nas seguintes proporções:

30 % aos que perceberem até 4\$000 diarios.
25 % aos que perceberem mais de 4\$000 a 6\$000 diarios.
20 % aos que perceberem mais de 6\$000 até 9\$000 diarios.
15 % aos que perceberem mais de 9\$000 até 12\$000 diarios.

TERCEIRO. — Abolição dos serões: mas, quando elles sejam indispensaveis, que sejam

CAPÍTULO 2

“O GRAPHICO”: UM JORNAL POLÍTICO E ATUANTE

É do domínio de toda a classe gráfica, não só desta capital como dos Estados do nosso muito idolatrado Brasil, que a Associação Gráfica do Rio de Janeiro, em sessão de Diretoria e presentes delegações das corporações de várias casas industriais e jornalísticas, após calorosa discussão, nomeou uma comissão para dirigir-se ao primeiro magistrado do país, pedindo-lhe o seu patrocínio em prol de uma causa que para nós é duplamente justa e grandiosa, e, não erramos, afirmando que o é para todo o país: a da celebre e veterana questão da isenção de direitos de importação sobre os livros impressos e a alta taxaço dos apetrechos concernentes à indústria do livro.

Em assembléia geral da classe, especialmente convocada pela Associação para tratar deste magno assunto, foi lido um conciso memorial expondo ao presidente da República a questão que nos interessava, e historiando – em breves trechos o que a Associação Tipográfica Fluminense: desde 1869 vem com intermitências: pleiteando junto aos poderes públicos. Tendo, aliás, no decaído regime conseguido ver vencedoras suas justas pretensões, o que já não sucedeu quando por 2 ou 3 vezes, aquela agremiação, sempre na vanguarda da classe gráfica, encaminhou o seu apelo aos dominantes da democrática instituição que nos dá *felicidade sem par a 27 anos*. É verdade que os direitos cobrados sobre tais obras não foram abolidos como pretendiam alguns legisladores *iludidos* com a lábria de certos editores. Porém, é tão insignificante e suave à tarifa alfandegária que muito mais convém às casas editoras manufaturá-las no estrangeiro do que confeccioná-las aqui. Não é necessário repetirmos o porquê dessas vantagens. Todos nós as conhecemos de sobejo.

(‘As Promessas dos Democratas’, In: *O Graphico*, RJ, 15/01/1916, p. 01)

Na segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento da economia cafeeira, o surto industrial, o fim do tráfico de escravos e com a entrada em larga escala de imigrantes, a sociedade brasileira sofreu profundas mudanças.

A prosperidade econômica motivada, sobretudo pela economia cafeeira de exportação, incentivava o crescimento urbano e aumentava a diferenciação da sociedade brasileira em classes e camadas sociais. O Rio de Janeiro e São Paulo eram as sedes desse desenvolvimento, sendo que aí os fazendeiros de café formavam o grupo dominante detendo o poder econômico e político. O Nordeste do país ainda era dominado pelos os senhores de engenho, enquanto no Rio Grande do Sul, os pecuaristas, mantinham o mando, correspondendo a cada grupo às peculiaridades econômicas de cada província.

Em consequência da prosperidade alcançada, mudava também a fisionomia destas cidades. As áreas centrais foram remodeladas e saneadas. Nas regiões onde o café dominava, o fazendeiro construía palacetes nas cidades, investia em comércio, bancos e indústrias. É

preciso notar, porém, que mais da metade da população nacional vivia no campo, ou seja, o desenvolvimento brasileiro era desigual, típico do modo de produção capitalista¹²⁵.

Dentre essas desigualdades, as mais graves eram a econômica e a social. A burguesia urbana e rural enriquecia e se consolidava em oposição ao operariado fabril, da construção civil e das empresas do setor de serviços, públicas e privadas. Essa contradição gerou sérios e violentos conflitos nas primeiras décadas do século XX, obrigando ao Estado brasileiro, em fins dos anos 20 (vinte), a mudar sua política em relação ao proletariado.

As indústrias, onde a maior parte dos operários trabalhava, pertenciam a fazendeiros, que muitas das vezes também eram donos de bancos. Contudo, a maior parcela dos investimentos provinha de imigrantes ligados ao comércio de exportação e importação. Controlando grande parte da distribuição dos produtos importados, eles eram levados, nos momentos de crise, a optar pela produção no país de artigos de fabricação mais simples. O sucesso deste grupo, onde se destacavam os Matarazzo, Klabin e outros, devia-se, sobretudo à sua origem burguesa, distinta das massas que se destinava à lavoura ou às fábricas como mão-de-obra¹²⁶.

Entre essas duas classes, crescia uma outra formada por um conjunto heterogêneo de camadas médias, que não se identificava inteiramente nem com os donos do capital, nem com os proletariados. Ela era formada por pequenos proprietários rurais e comerciantes, funcionários públicos, profissionais liberais, entre outros. Tanto as camadas médias quanto o proletariado originavam-se dos processos de urbanização e industrialização¹²⁷.

O fato mais relevante é que a camada média e o proletariado eram os mais prejudicados pelas freqüentes elevações do custo de vida, além de estarem excluídos das decisões políticas do Estado.

2.1) As grandes questões políticas do seu tempo

O Brasil tornara-se República, mas ainda se dizia que aqui existia um império e um rei – o café, que, como nos contos infantis, era visto como justo e bom, além de ser capaz de satisfazer a todos.

¹²⁵ Ver, MARX, Karl. *As lutas de classes na França (1848-1850)*. São Paulo: global, 1986, p. 17.

¹²⁶ Ver, DEAN, W. *A industrialização em São Paulo*. São Paulo: Difel, 1974, p. 272.

¹²⁷ Ver, MARX, Karl. Op. Cit., pp. 51-75.

As eventuais crises de superprodução eram, por vezes, resolvidas sob a intervenção estatal, que ao socorrer os produtores rurais, mantinham a ordem e hierarquia social.

Não faltavam razões para a euforia dos plantadores, comerciante e banqueiros, que constituíam uma enriquecida e próspera burguesia de cafeicultores. Esse produto não impediu, no entanto, o surgimento no país de indústrias e outras atividades produtivas. A dependência traçava limites, mas não chegava a prejudicar a produção interna. O fato é que, com o desenvolvimento capitalista da economia cafeeira, foram criadas no sudeste circunstâncias favoráveis à deflagração do processo industrial no país¹²⁸.

Contudo, algumas indagações surgiram. Teria o Brasil, após a Abolição e a Proclamação da República, rompido com a organização produtiva de caráter colonial, que se baseava no latifúndio e na exploração da força de trabalho? Qual era a real situação dos trabalhadores assalariados imigrantes ou não, que trabalhavam nas fazendas e nas cidades?

2.1.1) A greve na visão de O GRAPHICO

O mundo de fins do século XIX é marcado pela forte expansão capitalista resultado de uma aparente estabilidade e prosperidade social. Tudo indica que momentos de paz e crescimento econômico eclodiram tanto para a burguesia quanto para os operários de uma forma em geral. Mas, a mudança não tardaria. A Primeira Guerra Mundial trouxe a destruição desse equilíbrio. Atrelado a isso, tem-se a derrota da Áustria e da Alemanha, além da Revolução Russa de 1917.

A realidade brasileira composta por diferentes formações regionais, tinha a sua base econômica centrada na agricultura de exportação que, paradoxalmente, dava suporte à modernização e crescimento urbano cujo modelo era as capitais européias. Mas, neste período era impossível à industrialização retardatária do Brasil, concorrer com a produção da economia imperialista européia e norte-americana. Dispondo de uma sofisticada tecnologia, que tornava possível a produção em larga escala e o barateamento dos preços, era fácil aos grandes monopólios controlar o mercado internacional¹²⁹.

Na tentativa de romper com mais de 3 (três) séculos de uma tradição escravista, período em que as atividades manuais eram vistas como indignas e humilhantes para os

¹²⁸ Ver, DEAN, W. Op. Cit.

¹²⁹ Ver, COSTA, Ângela M. & SCHWARCZ, Lilia M. *Op.cit.*

cidadãos, inicia-se um processo de enobrecimento da figura do “trabalhador”, como um dos principais elementos da sociedade republicana, o que favoreceu, nos primeiros anos do século XX, a um maior desenvolvimento de uma consciência dos seus direitos e do pensamento político entre os operários.

Mas isso não quer dizer que anteriormente eles não se organizassem. Durante o Império existiram inúmeras associações/irmandades, juntas de alforrias (mantidas por ex-escravos), sociedade de socorros mútuos e caixas beneficentes, que tinham como função “socorrer” e auxiliar seus filiados, já que nem o Estado nem os empresários prestavam assistência médica e social necessária. As associações mutualistas, não foram uma invenção brasileira, sua origem estava centrada na França.

No Brasil as primeiras surgem por volta da segunda metade do século XIX, com o objetivo de promover o socorro mutuo entre seus filiados. Organizavam-se a partir de critérios sócio-profissionais e sua base estrutural encontrava-se na promoção assistencialista e no conformismo social¹³⁰.

Aos poucos, no entanto, foram percebendo que isso não bastava, pois as causas reais de sua situação não eram sequer combatidas. Na tentativa de ajudar a melhorar um pouco a vida dos operários fundam-se, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, as Ligas Operárias e os Sindicatos de Resistência destinados a mobilizar e conscientizar o grupo para a luta econômica contra as empresas e, muitas vezes, contra o próprio Governo. Aos poucos, juntamente com o processo de industrialização, esse tipo de instituição começou a se espalhar pelo restante do país. Sua principal arma era a greve, uma nova experiência para os operários brasileiros, pois apenas em casos isolados - como os gráficos e os cocheiros da corte carioca - utilizaram-se desse recurso no Brasil antes de 1889.

Na capital do Império, os tipógrafos já lutavam pela regularização do trabalho e por aumento salarial. Em janeiro de 1858, os operários dos principais jornais da cidade (Diário do Rio de Janeiro, Correio Mercantil e Jornal do Comércio), não satisfeitos com a negativa do aumento de salário iniciaram uma greve. No dia 10 de janeiro, esses mesmos homens publicam o seu jornal – Jornal dos Tipógrafos, no qual passavam a defender o seu trabalho e a acusar seus patrões de exploração¹³¹.

Fundam-se várias associações de classe e/ou sindicatos, que se transformaram nos meios de aglutinação desses homens, já que a maioria dos partidos políticos possuía uma

¹³⁰ Ver, VITTORINO, Artur J. R. *Op.cit.*, pp. 98-104.

¹³¹ Ver, LINHARES, Hermínio. *Contribuição à história das lutas operárias no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977, pp. 33 e 34.

duração de vida curta. Os sindicatos, organizações mais simples, terminavam por abarcar em seus quadros de filiados diferentes categorias de operários, mas também se torna um espaço onde se desenvolve as funções social e educativa¹³².

No Rio de Janeiro, agora capital da República, registraram-se os primeiros passos do movimento operário¹³³. De fins do século XIX até os 20 (vinte) primeiros anos do século XX, o Rio de Janeiro foi o líder do processo industrial, devido ao desenvolvimento das ferrovias, dos transportes urbanos e portuários houve um crescimento de mão-de-obra assalariada, o que favoreceu a ampliação das manufaturas¹³⁴. Sendo, posteriormente, superado por São Paulo¹³⁵, onde inicialmente predominava uma produção artesanal com a injeção de capital estrangeiro passa a despontar no processo de industrialização.

A aceitação, por parte da sociedade carioca, das novas idéias políticas se deu devido à existência de trabalhadores em várias fábricas¹³⁶ de tecidos, sapatos, cerâmica, vidro, junto com uma intensa atividade autônoma artesanal e um imenso grupo de funcionários públicos.

Dentre as modestas reivindicações defendidas pelos operários cariocas encontravam-se o aumento salarial, a proibição do trabalho infantil, a não exploração do trabalho feminino, a jornada de oito horas de trabalho, o descanso semanal, aposentadoria para idosos e inválidos, além da criação de tribunais para julgar conflitos entre patrões e empregados.

A velha questão operária das 8 horas de trabalho, sempre nova e oportuna entre os trabalhadores, justa aspiração, que é entre nós defendida com ardor como em outros países onde domina a exploração de uma determinada parte de indivíduos que se assenhorearam, pela astúcia e pela ganância, do outro e do poder. Muito têm sido os embates sustentados pelas classes operárias de todo o mundo na conquista das 8 horas, nos quais tem pagado com a vida os mais ardorosos palatinos a ousadia de tentarem elevar e nivelar os direitos dos homens dentro da atual sociedade, - essa madrasta perversa - que luta pela conservação de um regime condenado pelo mais eminente sociólogos do Universo.¹³⁷

Essas e outras questões já eram, em 1903, um dos motivos de reivindicação da primeira greve geral que ocorreu no Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, foi realizado, no Rio, o Primeiro Congresso Operário brasileiro, sendo criada a Confederação Operária Brasileira

¹³² Ver, CARONE, Edgard. *Op.cit*, p. 13.

¹³³ De acordo com, SINGER, P. *Op.cit*, p. 57, entre os anos de 1880 e 1920 houve um desenvolvimento do proletariado industrial, como também dos operários ligados aos transportes em geral, à construção civil e dos serviços públicos.

¹³⁴ Ver, FAUSTO, Boris. *Op.cit*, pp. 13 e 14.

¹³⁵ *Idem*, p. 18.

¹³⁶ Ver, BATALHA, Cláudio. *Op cit*, p. 09. O autor coloca que “(...) a imagem das grandes fábricas de tecidos, cujas, chaminés destacam-se no horizonte, mudando a paisagem urbana e empregando milhares de trabalhadores entre homens, mulheres e crianças, representa apenas uma parte do complexo e heterogêneo mundo do trabalho”.

¹³⁷ Ver, ‘As 8 horas de Trabalho’, In: *O Gráfico*, RJ, 01/01/1916, p. 01.

(COB), cujo programa continha as principais lutas operárias¹³⁸. Na maioria das vezes a ação dos operários centrava-se na luta contra os baixos salários, nas péssimas condições de trabalho, na exploração de crianças e mulheres, na jornada de 12 a 16 horas de trabalho, os abusos de poder, entre outros.

A partir de 1914, as condições de vida dos assalariados pioraram bastante, aumentando o movimento grevista. Apesar da expansão industrial, o custo de vida, entre 1914 e 1916 elevou-se. O agravamento da vida do proletariado se deu, principalmente, devido ao crescimento das exportações de alimentos, o que reduzia a oferta interna e com isso a elevação dos preços dos produtos. Nas cidades onde a industrialização estava ocorrendo, a oferta de mão-de-obra era superior ao número de vagas. A presença de uma massa de desempregado dava aos industriais, a certeza de que havia como substituir os grevistas que estavam sendo demitidos.

A partir de 1916, os produtos importados deixavam de chegar aos portos brasileiros, isso faz com que as indústrias nacionais voltem a empregar os trabalhadores para poderem dar conta da demanda de produtos industrializados. Tem-se assim um crescimento econômico, mas ao mesmo tempo em que a burguesia brasileira voltava a ganhar dinheiro, os operários enfrentavam uma carestia no custo de vida, pois os valores dos alimentos, dos aluguéis e do transporte estavam sempre variando de preço, enquanto seus salários se mantinham sem aumento¹³⁹. Nas páginas de O GRAPHICO estas preocupações se expressam na forma da seguinte de análise:

A guerra européia é atualmente o melhor argumento para justificar a diminuição de salários e o aumento de preços nos gêneros de primeira necessidade. Até o sabão e as hortaliças sofrem as conseqüências da guerra! Pobre classe, como é explorada! A par de toda essa miséria, os proprietários de oficinas, valendo-se da desculpa generalizada – a guerra – aumentam o preço nos trabalhos, reduzindo, porém, o já minguado salário do operário, por medida de economia – dizem eles – e nós, sem contar com proteção alguma, somos obrigados a acatar o que o patrão nos diz, si quisermos conservar o lugar.¹⁴⁰

Fica claro que não apenas a guerra como também a utilização da mão-de-obra imigrante serviu de motivo para a exploração dos patrões, que se aproveitavam da situação para pagar um salário indigno aos trabalhadores. Como nas fazendas de café, os operários urbanos tinham em sua composição a presença de inúmeros imigrantes europeus. Esses

¹³⁸ Entre outros itens defendidos pela COB tem-se: a sindicalização do operariado e a luta pela redução das horas de trabalho

¹³⁹ Ver, FAUSTO, Boris. *Op.cit.*, p. 114.

¹⁴⁰ Ver, ‘ Rompendo o Véu’, In: *O Graphico*, RJ, 15/02/1916, p. 02.

homens e mulheres ao migrarem para o Brasil, traziam nas suas parcas bagagens a esperança de conquistarem a ascensão social¹⁴¹. Isso fazia com que muitos deles se afastassem do movimento, pois a busca por melhores condições de vida era algo muito mais valioso e desejado.

Mesmo tendo uma origem rural, esses estrangeiros eram detentores de certa experiência sindical. Vários refugiados políticos chegaram ao Brasil e terminaram sendo responsáveis pela difusão de uma consciência política, já que haviam participado no movimento anarquista em seus países de origem. Isso lhes garantia um papel de destaque na fundação e na liderança dos sindicatos.

Excetuando a França onde o operariado vivia com relativa prodigalidade, nenhum outro manteve permanência em seu país, apesar de todas *as grandes reformas sociais operadas*, vindo procurar meio de subsistência nos Estados Unidos da América, Argentina, Chile, Brasil, etc.

A organização social vigente nos países chamados civilizados é a negação viva do espírito de humanidade e solidariedade. Reformar, pois, tal regime, é encargo que só caberá aos trabalhadores modificando na essência o atual sistema de trabalho pelos meios já hoje conhecidos por grande número de operários, e mais ou menos adaptáveis a cada país. É justamente em torno destes ideais que converge a nossa luta defendendo a organização operária, baseando-nos na escola sindicalista; e eis porque negamos capacidade ao atual regime social para produzir benefícios à classe trabalhadora, pois dominando toda a engrenagem político-administrativa, só abandonará seu domínio impelido pela organização potencial da classe produtora escravizada agora ao capitalismo.¹⁴²

Muitos eram adeptos do anarcosindicalismo¹⁴³ e estavam habituados à luta do proletariado na Europa. Ao perceberem que as condições de vida aqui eram piores que nos seus países de origem, organizaram junto com os operários brasileiros vários sindicatos e, também, uma série de movimentos de denúncia e reivindicação. Acusados de atentarem contra a segurança pública, alguns estrangeiros, líderes ou não de sindicatos, começaram a ser expulsos do Brasil, graças a Lei Adolfo Gordo aprovada em 1907¹⁴⁴. Essa lei legalizava a expulsão dos estrangeiros, além de impedir a participação dos não-naturalizados ou que vivessem no Brasil há menos de 5 (cinco) anos, nas diretorias sindicais .

¹⁴¹ Ver, FAUSTO, Boris. *Op.cit*, p. 32.

¹⁴² Ver, 'Acção Operária e Partidos Políticos', In: *O Graphico*, RJ, 15/04/1916, p. 03.

¹⁴³ Ver, COSTA, Caio Túlio. *O que é anarquismo*. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 07.

¹⁴⁴ Lei 1641 de 7 de janeiro de 1907, batizada de Lei Adolfo gordo em referência ao deputado paulista. A lei tenta enfrentar as agitações sociais, intimidando o trabalhador imigrante e prevendo sua expulsão do país. www.franklinmartins.com.br.

Assim, o século XX trouxe consigo uma outra tendência política para o Brasil; o anarquismo¹⁴⁵, que não lutava apenas por melhores condições de trabalho e aumentos salariais, queria o fim do sistema capitalista e da divisão da sociedade em classes.

O anarquismo tinha como objetivo restabelecer o equilíbrio necessário para que a sociedade sobrevivesse, já que para ele o homem possui todos os atributos para viver em liberdade e em acordo social, pois esse é dotado de razão. Sua principal crítica passa pela prática da democracia instituída pela burguesia.

Seus seguidores, diferentemente dos socialistas, viam no Estado, independente do grupo social que estivesse no poder, um órgão repressivo e por isso deveria ser substituído por cooperativas de trabalhadores. Sendo assim, além as ligas operárias e dos sindicatos, criados muitas vezes contra a vontade do Governo, eles fundaram jornais e escolas libertárias em diversas cidades do Brasil. Nos jornais, não apenas difundiam a luta econômica como também se opunham ao Estado, à Igreja e à propriedade privada.

Como uma forma de esclarecimento, em vários artigos, os tipógrafos terminavam por elucidar as principais diferenças existentes entre o anarquismo e o socialismo, como acontece no artigo abaixo:

E bem pouca coisa resta-nos a dizer da anarquia. Implicitamente já falei dela. Ponham de lado todas as minhas considerações e abram um vocabulário. Tenho aqui na mesa um pequeno Larousse.

“Socialisme: Système de ceux qui veulent transformer la propriété ou moyer d’une association universelle.”

A anarquia é uma modalidade de socialismo. Trata-se de uma associação sem governo; até dizem alguns: *suprimindo* o Estado.

Não é preciso defender a existência do Estado, porque a supressão dele ou é bobagem de ignorantes ou Estados é usado no sentido de *autoridade ou de governo*. Mas nem o governo suprime-se. O governo é órgão, e associação é organismo. Anarquia é, pois um organismo com os órgãos desconcertados ou defeituosos.

Mas é bom lembrar que isso de *desconcertos e defeitos* não é representação real das coisas: (...). É, pois do fundo misterioso da natureza, que procede isso, que chamamos anarquia e não passa de estado de luta perene de cada indivíduo contra todos para sobrepujar as circunstâncias e encontrar melhor adaptação. O Estado anárquico é, brevemente, uma sociedade, em que o governo, como órgão coletivo, não tem autoridade, e o indivíduo é a força impetrante, a pulso ou com o terror fetichista, de qualquer ordem e sob qualquer forma. ¹⁴⁶

Os anarquistas não foram os únicos a influenciar o proletariado que nascia no Brasil. Muitos sindicatos – em particular no Rio de Janeiro, onde era grande a presença de indivíduos

¹⁴⁵ Ver, ADOOR, Carlos A. *Op. Cit.*

¹⁴⁶ Ver, ‘Socialismo e a Questão Operária no Brasil’, In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1917, p. 02.

da camada média em empresas de serviço e menor número de imigrantes europeus – dispunha-se a colaborar com os governos da República, em troca do atendimento de pequenas reivindicações.

O proletariado brasileiro até 1920, em sua maioria, tinha a base de sua origem no funcionalismo público, nos ferroviários e nos portuários. Apenas uma minoria ocupava espaços ditos “industriais”, que eram formados por operários manufatureiros, artesãos assalariados. Assim, o predomínio da ideologia anarquista ou anarcosindicalista se mostrava muito forte. O anarquismo, ideologia típica do artesanato, proletariado e autônomo, era o oposto da ideologia socialista, predominante na maioria do proletariado industrial, a partir dos anos de 1930.

Ao longo dos primeiros 20 (vinte) anos do século XX, em vários Estados brasileiros, o movimento grevista se intensificou. Na capital carioca foram registradas mais de 84 (oitenta e quatro) greves. Em São Paulo e no Rio Grande do Sul, grupos de chapeleiros, tecelões, sapateiros, estivadores, ferroviários, condutores de bondes, pedreiros, carpinteiros, outros operários realizaram greves durante esse período.

Quando os operários paulistas, apossados pela fome se lançaram destemidamente na luta contra a matula burguesa que suga o sangue do povo, todo o operariado brasileiro se pôs incondicionalmente ao lado dos seus irmãos de trabalho, fazendo votos pela vitória de sua causa, que também é dele. Levado de vencida o capitalismo paulistano, apesar das atrocidades canibalescas acometidas pelos janizáros de S. Paulo, os operários cariocas encorajados pelo sucesso desse movimento sem precedentes na história do operariado brasileiro, resolveu também apelar para a greve, para porem um freio à ganância dos açambarca dores de gêneros alimentícios e à baixa dos salários que se acentuava de uma maneira assustadora em diversas classes. Na capital da República, a polícia não só imitou, mas até excedeu a sua sanguinária companheira paulista, fechando sedes de associações e prendendo em massa os trabalhadores pacíficos, que apenas pediam justiça.

A diretoria da Associação Gráfica do Rio de Janeiro entendeu que a classe gráfica não podia ficar indiferente à luta que se feria entre os operários e os capitalistas gananciosos, e que se apresentava um momento oportuno para os gráficos reclamarem não só contra a baixa dos salários feita pelos industriais, mas ainda contra outros abusos que a classe vem sofrendo.¹⁴⁷

Foi em São Paulo, no ano de 1917, que eclodiu o maior movimento grevista da história da Primeira República. Nesse Estado, a maioria dos operários empregava-se nas indústrias de alimentos localizadas nos bairros da Mooca, Bom Retiro, no Brás e na Barra Funda, onde também moravam. Em julho, houve uma greve geral que se prolongou por vários

¹⁴⁷ Ver, ‘No Combate’, In: *O Graphico*, RJ, 01/08/1917, p. 01.

dias¹⁴⁸. Esta foi dirigida por anarquistas e contou com a prisão de vários operários e o uso da violência policial foi à marca principal do protesto.

Quando os operários paulistas, acoissados pela fome se lançaram destemidamente na luta contra a matula burguesa que suga o sangue do povo, todo o operariado brasileiro se pôs incondicionalmente ao lado dos seus irmãos de trabalho, fazendo votos pela vitória de sua causa, que também é dele. Levado de vencida o capitalismo paulistano, apesar das atrocidades canibalescas acometidas pelos janizaros de S. Paulo, os operários cariocas encorajados pelo sucesso desse movimento sem precedentes na história do operariado brasileiro, resolveram também apelar para a greve, para porem um freio à ganância dos açambarca dores de gêneros alimentícios e à baixa dos salários que se acentuava de uma maneira assustadora em diversas classes. Na capital da República, a polícia não só imitou, mas até excedeu a sua sanguinária companheira paulista, fechando sedes de associações e prendendo em massa os trabalhadores pacíficos, que apenas pediam justiça.

A diretoria da Associação Gráfica do Rio de Janeiro entendeu que a classe gráfica não podia ficar indiferente à luta que se feria entre os operários e os capitalistas gananciosos, e que se apresentava um momento oportuno para os gráficos reclamarem não só contra a baixa dos salários feita pelos industriais, mas ainda contra outros abusos que a classe vem sofrendo.¹⁴⁹

No Rio de Janeiro o quadro não era muito diferente. Para que a ação dos operários fosse eficaz a Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ)¹⁵⁰, passou a divulgar a necessidade desses homens se organizarem entorno de associações e sindicatos. A cidade vivia um clima de tensão muito grande devido à carestia e a brutal repressão instituída pelo Estado contra as manifestações operárias. A morte de vários operários da construção civil em junho de 1917 só veio agravar ainda mais essa situação. O referido incidente foi noticiado com destaque pelo jornal dos tipógrafos, com o objetivo de alertar a falta de atenção e cuidados sofrida pelos operários de uma forma geral:

Recebemos da União Geral da Construção Civil, o seguinte ofício:
“Ao companheiro presidente e mais diretores da Associação Gráfica do Rio de Janeiro:

Companheiros:

Na impossibilidade de vos participar a tempo o saimento fúnebre dos nossos companheiros, vítimas da catástrofe do York –Hotel, pois que, o sr. Chefe de polícia só tardiamente nos marcou a hora da saída, impossibilitou-nos de oficiar a tempo, às associações co-irmãs, o que sinceramente nos desculpe.

Levamos mais ao vosso conhecimento, que tendo sido levada a resolução por vós tomada, ao conhecimento da assembléia extraordinária, ficou por unanimidade

¹⁴⁸ Ver, FAUSTO, Boris. *Op. cit.*, pp. 192-211.

¹⁴⁹ Ver, ‘No Combate’, In: *O Graphico*, RJ, 01/08/1917, p. 01.

¹⁵⁰ Sobre a Federação Operária do Rio de Janeiro, ver, CRUZ, Maria Cecília Velasco. *Amarelo e negro: matizes do comportamento operário na República Velha*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1981.

aprovado consignar em ata um voto de louvor à Associação que dignamente presido.

(...)

A diretoria da Associação Gráfica do Rio de Janeiro, antes de receber este ofício, já tinha trocado impressões sobre a melhor maneira de socorrer as famílias dos nossos irmãos de trabalho imolados à ganância capitalista com o consentimento tácito das autoridades prevaricadoras, esperando apenas a reunião conjunta da diretoria com os delegados das oficinas, para tomar uma resolução definitiva.¹⁵¹

O final do ano de 1917, também foi marcado pelas greves dos tipógrafos cariocas, que aproveitavam as páginas de O GRAPHICO para revelarem os maus tratos e as explorações sofridas pelos operários em várias tipografias.

A classe gráfica do Rio de Janeiro, esgotados os meios suasórios para resolver a questão surgida entre ela e os proprietários dos estabelecimentos gráficos, resolveu, em assembléia geral, iniciar a greve parcial contra os industriais gráficos gananciosos, começando pela Casa Pimenta de Melo & C.

Avisamos, para os devidos efeitos, todos os trabalhadores gráficos para que não vão trabalhar nesse antro de exploração.

É com fatos que devemos demonstrar aos industriais que não estamos dispostos a aceitar a escravidão abjeta que eles nos querem impor.

Que nenhum gráfico vá trabalhar na Casa Pimenta de Melo & C., que nenhum gráfico se rebaixe ao ponto de atraiçoar os seus irmãos de trabalho, porque essa traição será castigada como uma afronta infame à nossa dignidade de homens de pais e de cidadãos de uma terra livre.

Lembrai-vos, colegas, que está em jogo a nossa liberdade e a dos entres que nos são queridos, que morrem de fome devido aos baixos salários que auferem os chefes de família que trabalham na indústria do livro e do jornal.

Escolhemos, pois, nesta hora dolorosa para a grande família gráfica, os dois caminhos que se abrem ante nossos olhos: o da liberdade, que nos dá a independência e nos dignifica, ou o da escravidão que nos torna indignos, perante nós mesmos, perante os nossos filhos e perante o operariado brasileiro.

A Associação Gráfica do Rio de Janeiro espera que todos os trabalhadores do livro e do jornal saibam cumprir os seus deveres.¹⁵²

Ao longo do ano de 1918, devido a repercussão dos ideais da Revolução Russa e do movimento de criação da Aliança Anarquista no Distrito Federal, cresce o processo de mobilização operária e de organizações sindicais¹⁵³. Em maio, o governo proíbe as comemorações pelo dia do trabalho, mas mesmo assim algumas associações saem às ruas. O aumento da carestia continua sendo um dos principais elementos de reivindicação desses operários. Durante os meses de julho e agosto, eclodem várias greves no Rio de Janeiro, nesse momento os boatos de uma greve geral ganham contornos ainda mais fortes.

¹⁵¹ Ver, 'A Catástrophe do York-Hotel', In: *O Graphico*, RJ, 16/06/1917, p. 01.

¹⁵² Ver, 'A Classe Graphica do Rio de Janeiro', In: *O Graphico*, RJ, 01/09/1917, p. 01.

¹⁵³ Ver, ADDOR, Carlos A. Op. Cit.



Os artigos do jornal O GRAPHICO, de junho de 1917, falam da tragédia ocorrida com os operários da construção civil e da maneira que os trabalhadores eram tratados.

O mês de novembro chega a capital trazendo em si, o fim da Primeira Guerra Mundial, a vitória dos proletariados alemães e um misto de paz social se espalha pelas ruas da cidade no momento das comemorações pelo fim da guerra. Mas por um outro lado, a tensão e a angústia rondavam e no dia 18 de novembro ocorre à paralisação dos operários têxteis, que recebe apoio de outros grupos do mesmo ramo de fora da cidade do Rio de Janeiro e dos operários da construção civil e metalúrgicos. O objetivo desses homens era ver concretizados os ideais de liberdades, previamente preconizados no início da República.

Os operários brasileiros utilizaram-se dos direitos civis e políticos nas suas lutas reivindicatórias. Criaram associações e sindicatos, realizaram greves, boicotaram e fizeram campanhas políticas contra vários representantes do governo aos quais, para eles, eram indignos de representarem o povo brasileiro.

A greve dos gráficos trouxe também uma revitalização da categoria, que por não ter se engajado desde o início do movimento grevista, passou a ser desconsiderada pelos outros grupos de operários. Através de seus artigos, os tipógrafos cariocas explicam as causas da sua não adesão imediata ao movimento grevista.

A classe gráfica, até há pouco considerada no meio do operariado brasileiro como uma classe egoísta, com quem não se podia contar para a luta emancipadora contra o capitalismo opressor, acaba de reabilitar-se desse mau conceito com que seu último movimento reivindicador, que veio demonstrar de uma maneira concreta e brilhantíssima, que a coletividade gráfica é hoje uma força pujante, apta a realizar todas as suas generosas aspirações, e a assumir o lugar, que de direito lhe compete, na vanguarda do operariado nacional.

O movimento gráfico de 28 de agosto, o primeiro que a classe fez no Rio de Janeiro, não podia ser um movimento de grande envergadura, devido a circunstâncias varas, entre as quais predomina a ausência, quase completa, do espírito de luta, espírito esses que não se improvisa, mas que se adquire aos poucos, nos conflitos travados entre dois inimigos seculares e irredutíveis: capital e trabalho.¹⁵⁴

Esse e outros artigos foram, ao longo dos meses de setembro e outubro, sendo publicados, numa tentativa de mostrar que os gráficos desejavam que houvesse uma maior união entre os membros não apenas de sua categoria como de todos os segmentos operários.

Por muitas vezes os operários se sentiam e se viam como escravos, privados de sua liberdade, de sua independência moral, vendendo seu trabalho por um salário indigno e vendo sua dignidade e seus direitos postos de lado, como está descrito abaixo:

¹⁵⁴ Ver, 'O Primeiro Embate', In: *O Graphico*, RJ, 16/09/1917, p. 01.

Chegando a esta capital no dia 2 de junho p.p., e pegando casualmente no Jornal do Brasil, deparei nele com um azarento anúncio de impressor, que na atual emergência a nova Sapucaia a muito anunciava, e eu, como não era ainda sabedor da exploração que existia na dita, tirei-me dos meus cuidados e fui até ao horrendo estabelecimento. Logo de princípio comecei sendo explorado pelo tal burguês, que, pela sua esperteza, não firmou o meu salário, e por eu ter entrado às 9 horas, me descontou \$500 pela hora que entrei mais tarde, isto é, por não ter perdido a hora de entrada, e sim por causa do tal gerente do balcão, porque quando eu procurei entender-me com ele, o mesmo me mandou voltar às horas acima indicada. Comecei então a trabalhar e logo conheci que havia dificuldade em tudo, começando pela impertinência do sr. Olimpio de Campos e terminando pelo seu péssimo material.¹⁵⁵

Vastas foram as denúncias feitas nos artigos de O GRAPHICO contra a qualidade dos locais de trabalho, como também das máquinas e dos demais recursos usados na confecção de jornais, livros e revistas, principalmente nas pequenas oficinas onde a escassez dos mesmos era constante. O resultado final terminava por ser um enorme prejuízo tanto para o industrial, que percebia a diminuição do seu lucro, mas, principalmente, para os operários que além de ter um grande desgaste físico e de tempo de serviço, ainda viam os seus salários sofrerem descontos por não manterem o mesmo nível de produtividade imposto pelo patrão.

Reveladores um quadro de tristeza, abandono e humilhação sofridos por homens, mulheres e crianças em seus locais de trabalho, os artigos publicados no jornal apontam as péssimas condições de higiene das oficinas; doenças como a tuberculose, também conhecida como peste branca, era disseminada. A exploração intensa transformava essas pessoas em seres tristonhos, cansados e portadores de sérios males físicos e psicológicos.

Não há espetáculo mais curioso que o assistir apitar “as fábricas”, chamando o “pessoal operário” ao trabalho. O observador “paciente”, pode aí fazer uma “escola de aprendizagem moral”.

(...). Limita-se a ver, ouvir e... registrar. É o que fazemos em benefício de pobres moças, que se asfixiam no ar viciado das máquinas, respirando, muita vez, o ar de companheiras “fracas dos pulmões”, obrigadas a tossir com a poeira dos farrapos. Saindo para as refeições com a chuva a cântaros, com o sol a pino. Resfriam-se, adoecem. Venham sempre ao banco da luta, até que, um dia, ou o hospital as recebe, ou, num catre de uma pocilga, enregeladas num chalé esburacado, entregam a alma a Deus, que as havia feito nascer para a Vida e para o Amor! (...). É o homem que precisa de condições de higiene para respirar. É a mulher que precisa de proteção para viver. É a criança, que implora o “carinho social”, para se educar.¹⁵⁶

¹⁵⁵ Ver, ‘Uma Nova Sapucaia’, In: O Graphico, RJ, 16/08/1917, p. 03.

¹⁵⁶ Ver, ‘Para Que os Collegas Leiam e Meditem’, In: O Graphico, RJ, 01/08/1916, p. 02.

[↑]

O GRAPHICO de 16 de agosto de 1917, que fala da greve dos gráficos cariocas

2.1.2) O trabalho infantil e feminino - um rápido olhar

Com relação às crianças, que por terem que engrossar a renda familiar, eram postas para trabalhar desde cedo, a violência não era menor e/ou pior. A questão da escolarização, por vezes deixada de lado, fez com que muitas delas se tornassem adultos autodidatas, já que através do seu esforço, terminavam se educando a partir da leitura de jornais e livros, ou freqüentando cursos noturnos livres, aprendendo a ler e escrever.

Era fácil de perceber nos artigos do jornal que a introdução da mão de obra infantil nas tipografias resultava em fortes atritos entre mestres e aprendizes. Era muito comum se ver um operário adulto sendo substituído por um jovem aprendiz, que ganhava a metade do salário de um oficial e trabalhava a mesma quantidade de horas, e o pior sem ter a mesma especialização.

Inúmeras denúncias de abuso de autoridade em relação ao trabalho infantil foram feitas pelos tipógrafos em seus jornais onde, por muitas das vezes, os patrões eram descritos como exploradores que enriqueciam e viviam à custa do sacrifício de milhares de crianças, mulheres e homens, a quem destinavam a mínima parte do seu merecido e real valor, além de tirar-lhes a dignidade e a humanidade, impondo-lhes condições de trabalho indignas. Por isso, para esses homens, todos os operários necessitavam lutar para destruir essa situação insustentável.

"Sebos e freges onde se procura imitar a arte tipográfica, com grande prejuízo da estética e a competente exploração de menores, há os em quantidade infelizmente bastante numerosa, e assim, esses menores que mal sabem as primeiras letras do alfabeto, e, na generalidade, muito menos gramática, são atirados em oficinas sem luz nem espaço, verdadeiras furnas, onde a tuberculose destrói o organismo, e a educação é a pior possível pois há patrões que chamam os operários por nomes obscenos, e indignos de ser proferidos em um lugar onde se pratica o trabalho; apar de tudo isso que aprendizagem podem Ter esses menores?"¹⁵⁷

Crianças, com menos de 10 (dez) anos de idade e quase sempre analfabetas, eram postas para trabalhar em lugares impregnados por ratos e focos de várias doenças, principalmente a tuberculose. Na maioria das vezes, as atividades requeriam uma força física a qual eles não tinham. Quase sempre lhes eram dadas responsabilidades como a manutenção das máquinas ou controle de materiais em geral, coisa que não competia às crianças, que pouco se alimentavam e mal dormiam, pois trabalhavam, quase sempre, longe de suas casas.

¹⁵⁷ Ver, 'Carapuças'. In: *O Graphico*, RJ, 15/03/1916, p. 03.

Eram comuns os maus tratos e os tratamentos verbais obscenos que terminavam sendo proferidos pelos patrões e gerentes das fábricas e das oficinas a essas crianças.

O principal fator para as famílias utilizarem-se de suas crianças, para engrossar a renda familiar, estava na miséria que assolava a população de uma forma geral. Por vezes, os pais encontravam-se desempregados, e a única solução era colocar seus filhos para trabalhar mesmo recebendo menos da metade do salário de um adulto.

Após a regulamentação da lei do trabalho dos menores ¹⁵⁸, a Associação Tipográfica, através do jornal *O Graphico*, deflagrou a idéia de não apenas alertar como também de denunciar todo e qualquer tipo de exploração feito não apenas nas tipografias como também nas fábricas e nos demais estabelecimentos industriais da cidade do Rio de Janeiro.

É necessário que façamos cumprir a lei sobre o trabalho dos menores, não só porque ela é profundamente humanitária, e vem contribuir grandemente para elevar o nível moral das classes trabalhadoras, mas também porque é a primeira lei decretada no Brasil, em que aos operários é dado o direito de fiscalizar o seu cumprimento. ¹⁵⁹

Assim, além de fiscalizarem o cumprimento da lei do trabalho do menor, os gráficos também passam a questionar as causas que levaram pais e maridos a permitirem que suas esposas e filhas trabalhem, tanto nas fábricas quanto nas oficinas tipográficas, nos artigos do *O GRAPHICO* isso estava relacionado a uma desordem social. O jornal passa, então, a ressaltar o estado de penúria em que as famílias operárias se encontravam.

É notório que o sistema capitalista trouxe um aumento da riqueza do país, mas o preço pago pelo povo foi extremamente alto, pois quebrou com os laços familiares e da sociedade no momento que privou o marido e os filhos dos cuidados e da educação despendidas por essas mulheres e mães. A casa deixa de ser um lar e as crianças cresciam, muitas das vezes, sem cultura e descuidadas.

A mulher já não é a esposa terna, a companheira, a amiga do homem, é o seu camarada de trabalho e de pena; está exposta às influências que muitas vezes destroem essa modéstia de pensamento e de conduta que é uma das melhores salvaguardas da virtude. Sem critério e sem princípios sólidos para guiá-las, as raparigas das fábricas adquirem depressa sentimento de independência. Prontas a sacudir o jogo imposto pelos pais, abandonam as casas, e em pouco tempo se iniciam nos vícios das suas companheiras. A atmosfera física e moral em que vivem estimulam os seus apetites maus; a influência faz-se contagiosa entre elas; o mal se propaga por todos os lados. ¹⁶⁰

¹⁵⁸ De acordo com o jornal a lei que regulamentava o trabalho dos menores entrou em vigor no dia 25 de agosto de 1917, Ver, 'O Trabalho dos Menores', In: *O Graphico*, RJ, 01/09/1917, p. 02.

¹⁵⁹ Ver, 'O Trabalho dos Menores', In: *O Graphico*, RJ, 01/11/1917, p. 01.

¹⁶⁰ Ver, 'O Trabalho Feminino', In: *O Graphico*, RJ, 01/03/1919, p. 03.

A exploração do trabalho feminino tanto nas oficinas quanto nas fábricas resultou em grandes vantagens para os industriais, contudo foi extremamente prejudicial à sociedade de um modo geral, agravando mais ainda a condição de miséria existente.

Um exemplo do tipo de reação do jornal ao estado de exploração da mulher é dado em dezembro de 1917 com uma reportagem acerca do protesto de um grupo de costureiras, que endereçaram ao prefeito da cidade do Rio de Janeiro um documento, onde elas pediam a redução das horas de trabalho e algumas regalias.

Com base nessa afirmação os tipógrafos terminam por clamar a necessidade de se implementar definitivamente uma legislação que regulamentasse . Entre elas, eles destacam a apresentada pelo intendente Ernesto Garcez¹⁶¹, que tinha como objetivo a melhoria das condições de trabalho das mulheres.

Na verdade, o trabalho feminino, tal como se exerce entre nós, é verdadeiramente inquisitorial e mesmo brutal, isto no que diz respeito à produção.

Se passarmos a examinar os salários estabelecidos para o trabalho feminino no nosso país, vemos que a mais intensa e abjeta exploração é exercida pelo industrialismo, seja de qual ramo for, sobre o trabalho das nossas companheiras.

Diversas leis têm sido apresentadas tendendo a melhorar a situação da mulher operária entre nós, mas vão dormir, invariavelmente, o sono dos justos, nos arquivos parlamentares municipais, e quando são aprovadas não se cumprem, como está acontecendo com a lei do intendente Ernesto Garcez.¹⁶²

Na tentativa de dar esclarecimento sobre o papel da mulher na sociedade na apenas aos homens, mas também às próprias mulheres operárias, no mês de outubro do ano de 1916, surge uma nova coluna no jornal O GRAPHICO intitulada “Palestras Íntimas”¹⁶³, escritas por uma colaboradora do jornal, que preferiu adotar o pseudônimo de Edina Fontoura¹⁶⁴. Os artigos, de uma forma geral, tratavam de aspectos do cotidiano operário, mas sua ênfase estava na condição da mulher operária. Abordava questões como a carestia e as formas como as operárias poderiam economizar, evitando gastos desnecessários e fúteis, e também de assuntos ligados a higiene e a educação das crianças.

Ressaltava, também, a necessidade de existir uma fiscalização mais rigorosa dentro das fábricas e das oficinas com o objetivo de garantir que as mulheres não sofressem maus tratos.

¹⁶¹ A única informação obtida acerca do sr. Ernesto Garcez foi a da sua participação junto ao conselho Municipal do Rio de Janeiro no início do século XX. www.alerj.rj.gov.br.

¹⁶² Ver, ‘Reclamações Femininas’, In: *O Graphico*, RJ, 01/02/1917, p. 03.

¹⁶³ Cabe aqui ressaltar que a publicação desses artigos vai de outubro de 1916 até março de 1917.

¹⁶⁴ O próprio jornal nos esclarecer que o nome adotado pela autora é um codinome, o que não nos permite uma busca acerca de quem foi essa mulher.

Em seus últimos artigos, Edina Fontoura transcreve a Conferência feita em 01 de maio de 1916, por uma professora de Sergipe – Ítala Silva de Oliveira¹⁶⁵ - intitulada A Educação da Mulher Operária. Em seu discurso, ela destaca a necessidade das mulheres receberem instrução.

Eduque-se, pois, a mulher, porque “A liberdade do povo, a felicidade do povo,, pela cultura do povo, não pode ser conseguida por meio da instrução parcial ministrada a um só sexo”.

Enquanto a mulher não se instruir para viver independente, enquanto ela procurar um marido, não como amigo e companheiro, mas sim como um arrimo, essa pequena guerra latente entre os casais e que tantas infelicidades trás, não se extinguirá.

Desde já, pois, torna-se mister que todos vós operários e lutadores do progresso, que aqui vos achas, vos procureis instruir.

(...)

Ouvi, pois o meu apelo: Mulheres de minha terra: uni-vos todas sem distinção de classe; formai cada uma de vós em vossos lares aguerrida campanha contra o analfabetismo e salveis o nosso Brasil.¹⁶⁶

Através da leitura dos artigos do jornal, pode-se perceber que durante os 20 (vinte) primeiros anos do século XX as conquistas dos trabalhadores brasileiros foram poucas. A forte carestia fazia com que os ganhos salariais não acompanhassem os aumentos dos preços dos aluguéis e dos alimentos. Inúmeras leis que beneficiavam os trabalhadores, de uma forma geral, não saíram do papel. Questões trabalhistas ligadas à invalidez, ao trabalho feminino e infantil pouco foram respeitados pelos patrões, é o caso da lei de 1917, que determinava que a jornada do trabalho infantil fosse de 05 (cinco) horas e que o aprendiz precisava estar estudando e portar atestado médico terminou sendo posta de lado. No ano de 1918 iniciam-se as votações na Câmara dos Deputados com relação ao Código de Trabalho brasileiro.

A comissão nomeada em sessão de diretoria para tratar junto dos poderes competentes da momentosa questão da higiene das oficinas gráficas, entregou ao secretário do sr. Prefeito, o seguinte memorial, no qual são pedidas enérgicas providências ao poder municipal contra a falta de cumprimento dos regulamentos sob sua alçada, falta esta que torna os estabelecimentos gráficos da primeira cidade da República, em verdadeiros antros inquisitoriais, onde os trabalhadores do livro e do jornal perdem lentamente a vida para que os industriais gananciosos possam enriquecer rapidamente.¹⁶⁷

Os pais da pátria andam agora às voltas com um formidável trambolho; e têm suado a valer para pôr fora do *parlamento*, o mais depressa possível, porque o brutinho já está em estado de putrefação, e começa a emprestar o sagrado âmbito

¹⁶⁵ Nasceu em Sergipe no ano de 1897, onde se formou em professora e médica. Militou no meio jornalístico, escrevendo para vários jornais sergipanos. www.biografias.netsaber.com.br

¹⁶⁶ Ver, ‘Palestras Íntimas’, In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1917, p. 02.

¹⁶⁷ Ver, ‘Pro Graphics’, In: *O Graphico*, RJ, 01/04/1917, p. 02.

onde os cérebros geniais dos *eleitos do povo* concebem e dão à luz os *grandiosos projetos*, que tem posto o povo brasileiro a pão e laranja.

(...)

O bicharoco que tantos engulhos tem causado no mundo político da nossa terra é o ultra famoso Código do Trabalho, uma espécie de ratoeira para apanhar os votos dos operários brancos e papalvos, que ainda conservam a suprema ingenuidade de acreditar que o Estado é capaz de fazer alguma coisa em benefício dos trabalhadores, não se lembrando que ele é o representante daqueles que nos oprimem.¹⁶⁸

O GRAPHICO de 16 de janeiro de 1917, com um artigo escrito por Edina Fontoura



¹⁶⁸ Ver, 'Código do Trabalho', In: *O Graphico*, RJ, 01/08/1918, p. 01.

2.1.3) O 1º de Maio: o significado da data

A Federação dos Trabalhadores dos Estados Unidos e Canadá, reunida num congresso em Chicago, em 1884, deliberou votar a greve geral no dia 1º de Maio de 1886 para a conquista da jornada de oito horas. Chegando esse dia produz-se o formidável movimento, e a polícia atropela, mata e fere muitos grevistas. No dia 4 quando um pelotão de três gendarmes ataca os operários, que na praça Halmarkel (Chicago) protestam contra as violências da autoridade, estala uma bomba nomeio deles. Porém os furos canibalesco dos policiais republicanos, afirma-se barbaramente, fuzilando a esmo. Mais de oitenta populares encontraram a morte nas mãos daquela horda de bandidos assalariados pelos dominantes da república. (...).

(...), e o 1º de Maio ganhou corpo e vida no meio das massas, como um dia de luto e de revolta.

(...).

O 1º de Maio, data duma greve formidabilíssima e dum crime horrível foi consagrado, permita-se-nos o termo, pelo proletariado universal. Em todos os países ao chegar esse dia, o protesto grandioso aterrava a burguesia traiçoeira até que em 1889 (três anos depois) num congresso socialista realizado em Paris, se resolveu que o 1º de Maio constituísse a festa dos trabalhadores, não sabemos se para tirar o terror aos capitalistas, se para fazer oposição ao protesto revolucionário que aumentava de ano em ano. Naturalmente deviam ser ambas as coisas.¹⁶⁹

Dentre todas as datas presentes no calendário de festa dos trabalhadores, 1º de Maio era a mais esperada e a que recebia uma suntuosa comemoração¹⁷⁰. Para tal alugavam-se salões onde havia recitais de poesia, conferências com pessoas ilustres da sociedade, bandas, peças teatrais, bailes familiares, entre outros eventos sociais, que congregavam operários de diferentes categorias num mesmo espaço¹⁷¹. Em si, ela possuía um caráter universal, pois conseguia ultrapassar os limites impostos tanto pelas as associações e como pelos locais de trabalho. Momento, que o mais importante era o todo, ou seja, o conjunto do operariado.

No Brasil a sua comemoração iniciou-se após a Proclamação da República, para muitos a primeira comemoração desta data teve como marco o ano de 1891, na capital, o Rio de Janeiro. A partir de 1910, as comemorações do 1º de Maio são abertas ao público, realizadas em parques, cujo objetivo era atrair a atenção da população em geral.

Essas comemorações fortaleceram a luta pelos direitos dos trabalhadores, principalmente com relação à jornada de oito horas semanais de serviço. A força dessa data se manifestou também na introdução de símbolos e códigos de origens européias, como a

¹⁶⁹ Ver, 'O 1º de Maio', In: *O Graphico*, 01/05/1916, p. 01.

¹⁷⁰ Ver, BATALHA, Cláudio. *Culturas de Classe*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2004, p. 103, onde o autor cita as seguintes datas comemoradas pelos trabalhadores: 18 de Março – aniversário da Comuna de Paris, 14 de julho, a queda da Bastilha e a Revolução Francesa, o 15 de novembro, aniversário da morte do educador catalão Francisco Ferrer y Guardiã.

¹⁷¹ Ver, VITORINO, Artur José Renda. *Op.cit.*, p. 108.

bandeira vermelha, o hino da Internacional, o globo terrestre, as duas mãos em cumprimento, entre outros símbolos passavam a figurar nos estandartes das associações¹⁷².

O dia do trabalhador não era apenas de comemoração. Mas inúmeras divergências entre os anarquistas e socialistas surgiam com relação à maneira de se lembrar essa data. Da sobriedade dos anarquistas até as grandes comemorações dos socialistas, muita coisa mudou. Com as mudanças na organização dos sindicatos das associações, o caráter das comemorações também sofreu uma alteração. As mais variadas manifestações mudam a função do 1º de Maio, entre eles a discussão do significado da data que passava pela memória dos acontecimentos de 1886 em Chicago, e que por isso os primeiros terminavam por condenar os socialistas e os sindicalistas reformistas¹⁷³.

Foi, sem dúvida, o grande comício verificado em 1º de Maio o acontecimento mais assombroso, de quanto se têm verificado na história do operariado brasileiro. Quer como demonstração de solidariedade, quer como valor de organização, a ninguém de boa fé podem restar dúvidas sobre sua significação, sobre o seu valor. Como fator social o elemento proletário no Brasil vai-se acentuando de uma maneira positiva e para nós simpáticos. A convergência voluntária que levou à Praça Mauá para mais de (sem otimismo) 50.000 trabalhadores de múltiplas profissões; a ocorrência de tantas associações a esse local num desejo espontâneo de comemorar a trágica data dos lutosos acontecimentos de 1886 em Chicago; a repulsa positiva e eloquentemente manifesta à tendência maliciosa da burguesia de querer mistificar a significação da nossa comemoração, transformando-a em festa e a ela se associando; o aplauso incondicional, trepitoso, unânime, fragoroso, empolgante e arrebatador da massa popular aos diversos oradores, todos mais ou menos dentro dos princípios comunista-anarquistas; o desejo manifestado pelos assistentes de penetrar fundo na significação e valor dos termos empregados e nas idéias externadas pelos oradores; tudo isto são provas eloqüentes, berrantes, insofismáveis de que os trabalhadores desejam, aspiram e crêem uma melhor organização social.¹⁷⁴

Um tratamento, quase religioso, era frequentemente dado pelos operários às comemorações desse dia. Com toda a sua família, esses homens e mulheres trajavam-se com as suas melhores roupas para participarem dos festejos, onde as diferentes sociedades operárias desfilavam com seus estandartes e carros alegóricos. Símbolos referentes às lutas dos trabalhadores e outros objetos que lembrassem as lutas operárias faziam parte da grande confraternização¹⁷⁵.

¹⁷² Ver, BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

¹⁷³ Ver, HOBSBAWM, E. *Op.cit.*, onde o autor ressalta a extrema valorização do massacre de 1886 em Chicago nos países latino-americanos.

¹⁷⁴ Ver, 'Estupendo', In: *O Graphico*, RJ, 15/06/1919, p.02.

¹⁷⁵ Ver, BATALHA, Cláudio. *Cultura de classes*. pp. 109/110, onde o autor comenta: "Ademais, as semelhanças entre a celebração do 1º de Maio e o catolicismo não se limitam às imagens evocadas no discurso. A própria organização dos cortejos do 1º de Maio, tanto no Brasil como em Portugal, reproduz de perto a estrutura das procissões do século XIX e de certas festas do catolicismo popular nos dois países".

↑ O GRAPHICO de 1 de julho de 1919 relatando a festa do 1º de Maio na Quinta da Boa Vista

Tudo isso não era ignorado pelos anarquistas, que terminavam culpando os socialistas por quererem dar ares de festas burguesas às comemorações, como é descrito nas páginas de O GRAPHICO.

Alguns operários desconhecedores, de certo, da origem do 1º de Maio, transformaram a data de hoje numa espécie de *carnaval*, vindo por vezes formar cortejos cariocas, precedidos de músicas, desfraldando bandeiras e pendões com gáudio da burguesia, que vê, satisfeita, transformar-se uma comemoração puramente *revolucionária* que outrora os intimidava, numa deslavada *bombachata*, repudiando altivamente pelo proletariado digno e conhecedor dos seus deveres revolucionários.

O 1º de Maio representa, a nosso ver, um paco enérgico e de repulsa contra o regime da violência e da tirania, que esmaga as classes proletizianas, que de mãos dadas com o Estado e com a religião governa e submete pelo embrutecimento sistemático das massas milhões de trabalhadores a uma escravatura indigna e incompatível com a dignidade humana e com o grão de desenvolvimento científico que atingiu a época presente.¹⁷⁶

Na tentativa de mobilizar os operários cariocas em prol do fim da 1ª Guerra Mundial, foi publicado no jornal O GRAPHICO de julho de 1916, um artigo intitulado “O Homem”. Nesse, transcreveu-se trechos de um manifesto distribuído em Berlim, na Alemanha, durante as comemorações do 1º de Maio. Aí, os trabalhadores indignados, cansados e preocupados com a situação de miséria que passava o operário não apenas da Europa, como também da África e da América, por causa da guerra instituída pelo egoísmo de uns poucos pedem que todos se unam para lutar contra ela.

A pobreza, a miséria atroz, a privação do necessário, como a fome mais negra evidente na Alemanha. A Bélgica, a Polônia e a Sérvia, cujo sangue é sugado pelo vampiro do militarismo germânico, assemelham-se a grandes cemitérios. O mundo inteiro, a civilização européia, tão elogiada, cai em ruínas, na anarquia implantada pela guerra mundial.

Nada indica o fim próximo desta orgia sanguinária; pelo contrário, ela estende-se cada vez mais. É possível que amanhã a carnificina dos povos ganhe novos países, novas partes do mundo. Aqueles que da guerra tiram lucros impelem a Alemanha contra os Estados Unidos. É possível que amanhã nos forcem a apontar arma mortífera contra nossos companheiros de trabalho e de lutas na América...

Pensais nisto: enquanto o povo alemão não se manifestar, o assassinato dos povos não terminará.

Trabalhadores, companheiros, e vós mulheres do povo, não deixeis passar esta segunda festa de Maio sem lhe dar o caráter de uma manifestação de protesto contra a carnificina imperialista.

No 1º de Maio, que milhões de vozes gritem: “Abaixo o crime vergonhoso da exterminação dos povos! Abaixo os seus autores responsáveis!” O nosso inimigo não é o povo inglês, russo e francês, mas os grandes proprietários de terras da Alemanha, os capitalistas alemães e o seu “comitê” executivo.¹⁷⁷

¹⁷⁶ Ver, ‘O 1º de Maio’, In: *O Graphico*, RJ, 01/05/1918, p. 01.

¹⁷⁷ Ver, ‘Um Homem’, In: *O Graphico*, RJ, 15/07/1916, p. 01.

Em Maio de 1919, houve um grande protesto de várias categorias operárias no Rio de Janeiro durante a realização dos festejos do dia do trabalhador. A causa mais aparente para essa manifestação foi a última greve dos tecelões, quando o uso da violência por parte das autoridades e a prisão de muitos manifestantes se fizeram presentes na figura da polícia carioca e relatadas nas páginas do jornal.

Todas as classes operárias desta Capital, por meio de seus sindicatos, declararam a paralisação no dia 1º de Maio, gesto revolucionário que a burguesia procurou atenuar declarando que não abririam as suas oficinas como homenagem A FESTA DO TRABALHO, havendo até quem promettesse remunerar o dia perdido... Mas esta generosidade, que só ludibriou os incautos, não conseguiu o mesmo com o operariado consciente, que respondeu aos burgueses com as exclamações mais revolucionárias proferidas durante a passeata e perante os automóveis policiais, cujas autoridades pela primeira vez assistiram a tal ato de rebeldia..., sem os poderem repelir!...¹⁷⁸

Em meio às comemorações, vários discursos calorosos de vivas à Revolução Russa, ao Comunismo e a menção de figuras como Lênin e outros membros ilustres dos soviets foram ouvidos e aplaudidos.

Uma outra manifestação inconfundível nos trouxe este 1º de Maio: os discursos pronunciados pelos diversos oradores, os vivas à Rússia livre, à Baviera, ao comunismo, a Lenine e às figuras mais proeminentes dos diversos *soviets* já existentes provaram evidentemente a repulsa do nosso operariado, representado nessa manifestação por mais de 50.000 pessoas, à panacéia política com que lhe apontam aqueles que querem perpetuar o atual estado de coisas com a simples mudança de rotulagem em que os processos de exploração do homem pelo homem continuarão com pequenas modificações que jamais resolveram o grande problema da humanidade: - De cada um, segundo as suas forças e a cada qual, segundo as suas necessidades.

Devem, pois, os operários desta Capital estar satisfeitos pelo grande passo dado este ano para o término da nossa jornada – a Alvorada da Justiça – que está mais próxima do que pensam os nossos adversários.¹⁷⁹

As comemorações do 1º de Maio também deixaram transparecer as relações complexas que existiam entre operários e o Estado. Convites a vários políticos e autoridades tentavam alimentar a idéia de um evento de destaque, em que a ordem e o caráter pacífico eram as principais características.

¹⁷⁸ Ver, 'Ecos do 1º de Maio', In: *O Graphico*, RJ, 16/05/1919, p. 01.

¹⁷⁹ *Idem*.

2.2) O Estado na visão de O GRAPHICO

O político e a meretriz são iguais, sendo que esta prostitui o corpo e aquele prostitui o caráter. Desculpem-me os políticos esta paulada moral.

Não devemos consentir que os políticos se metam em nosso meio.

O político com o pretexto de advogar os nossos interesses vem somente obter os nossos votos para o sufrágio de seu nome na urna e, depois, de eleito, mandar-nos à fava.

Os nossos desejos, as nossas vontades serão bem defendidas e vencerão sem o patrocínio de qualquer político.

Baste que tenhamos uma consciência reta, firme e educada para a consumação de nossas aspirações.

Para as nossas vontades, para os nossos desejos temos um tribunal – a consciência – e como juízes – o raciocínio, a inteligência e a educação.

Busquemos nos livros, na experiência e na força de vontade o nosso advogado com o verbo refletido e não a espalhafatosa verbosidade de um político que na superfície tem muita lógica, mas no fundo tem o orgulho e a ostentação de um prestígio fugaz.

Em suma, detestemos a política e os políticos.¹⁸⁰

A participação popular nas decisões do novo Estado - a República - não aconteceu. Durante muito tempo, os artigos publicados nas páginas de O GRAPHICO registravam o descaso como eram tratadas as questões dos operários. Eles eram praticamente ignorados pelos estadistas da República, que dele só se lembravam em época de eleições, assim mesmo se o candidato, não tendo apoio suficiente nas oligarquias, necessitasse de uma ajuda para se eleger¹⁸¹.

O sistema republicano, aparentemente, atendia aos interesses da sociedade de uma forma em geral. Porém, a base do problema encontrava-se na falta de regras claras a respeito dos direitos e deveres das elites sociais, tanto na esfera urbana como na rural.

Março, aí está e tem a marcar-lhe a importância do seu 12 dia uma eleição no Distrito Federal, para uma cadeira de senador na casa da esquina da rua do Areal.

Num trabalho todo cinematográfico de propaganda e cabala os candidatos à comodidade da citada poltrona, têm andado numa dobradura terrível, fazendo promessas, garantindo recompensas, maquiagem, negócios, arranjos, perseguições a desafetos, etc. ...etc.

É assim, sem tirar nem por, que se fazem as eleições nesta abençoada terra, onde, faltam os ingênuos, predomina o *regime da opinião*.

Para a consumação da farça o trabalho de conquista de votos (elementos que, aliás, não fazem muita falta para as eleições) entre a classe operária tem sido mais ou menos, porque os candidatos e seus asseclas sabem que a gente operária ilude-se facilmente com promessas mexericos e com bobas demonstrações de prestígio.

(...)

Entretanto, o operariado brasileiro já está em situação de perceber que, para conseguir o que deseja, e deve ser a sua única aspiração constante, mais vale a

¹⁸⁰ Ver, 'A Velha Megera', In: *O Graphico*, RJ, 01/03/1916, p. 03.

¹⁸¹ Ver, FERREIRA Jorge & DELGADO, Lucília (org). *Op.cit.*

sabedoria do brocado: *antes só que mal acompanhado*, ou por outras palavras, antes só, com o seu próprio meio, do que na companhia incerta e enganadora dos políticos.¹⁸²

Na cidade, o controle das multidões era necessário para que as engrenagens do regime federativo não se embaralhassem e rompessem a frágil estrutura, onde repousava a República. Aí se encontravam os mistérios da “ordem e do progresso”, frase lindamente bordada na Bandeira Nacional. Tanto na capital como nos outros Estados, a ordem institucionalizada desejava impedir que o contraste entre os diferentes grupos sociais se concretizasse.

Quando, na velha Rússia, imperava a secular dinastia dos Romanoff, as classes obreiras, em permanentes manifestações revolucionárias, pediam pão; os cossacos de S.M. carregavam sobre a multidão, afogando em sangue o grito de revolta das vítimas da burguesia. Porém o velho e carcomido trono do senhor de todas as Russias ruiu: os ferozes cossacos e a burguesia exploradora viram com remorsos as vitórias da Liberdade.

(...)

Aqui no Brasil as coisas são simples... Quando operário tem o topete de se declarar em greve faz-se uma demonstração policial; se, apesar dos arreganhos da força embalada, os proletários insistirem pelos seus direitos, arranja-se um pretexto, devidamente escudado em qualquer artigo da Constituição, e fecham-se os sindicatos operários; depois se processam e deportam-se os “anarquistas”, e por fim forjica-se um acordo, com antigos sofismados, a favor, sempre, dos donos do capital. E aí está o final de muitas das greves do operariado carioca.¹⁸³

Como descrito no artigo acima, a obrigação em aceitar as decisões de uma elite econômica, o uso da violência para solucionar os problemas sociais ou, ainda, a absorção dos símbolos (bandeira, hino, espada, entre outros) criados para concretizar o ideário da República fizeram parte de uma cultura política¹⁸⁴, instituída a partir da proclamação.

Entre os anos de 1910 e 1920, registram-se inúmeros embates entre as forças do Estado Republicano e os operários de várias partes do Brasil, onde a clamação pelos direitos políticos, sociais e civis¹⁸⁵, estavam presentes nas reivindicações feitas por parte do operariado. A luta por eleições justas, nas quais não houvesse fraudes, a regulamentação da jornada de trabalho, entre outras reivindicações, estavam presentes nos reclames desses homens que se viam e se sentiam escravos de uma condição social.

¹⁸² Ver, ‘Modos de Ver’, In: *O Graphico*, RJ, 01/03/1916, p. 01.

¹⁸³ Ver, ‘Como na Rússia Antiga...’, In: *O Graphico*, RJ, 16/05/1918, p. 02.

¹⁸⁴ Ver, FLORES, Elio C. “A consolidação da República: rebeliões de ordem e progresso”, In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de A. (org.). *Op. cit.*, p.49, segundo o autor do artigo a idéia de “cultura política diz respeito às tendências mais ou menos difusas dos indivíduos para com a coisa pública”.

¹⁸⁵ Ver, GOMES, Ângela Maria de C. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: E. FGV, 2005.

Congregados a Federação Operária do Rio de Janeiro, os operários resolveram, em abril de 1917, enviar ao presidente da República uma missiva com medidas rápidas para amenizar a crise econômica que o país passava e que afetava diretamente a vida deles e dos camponeses, como também expor seu repúdio a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial.

(...). A Federação Operária do Rio de Janeiro fazendo chegar às mãos do sr. Presidente da República uma mensagem de protesto contra a eventualidade da intervenção do Brasil na grande calamidade que ora ensangüenta as terras da Europa, quebrando embora a sua orientação, tem ramificação na Internacional dos Trabalhadores, que fatalmente, inevitavelmente, há de preponderar na vida futura das nações. Que melhor exemplo temos que esses movimentos políticos internos de que está sendo tatro à despótica Rússia de a pouco, e que é um incentivo para os trabalhadores dos demais países não só da Europa como de todo mundo, onde têm eles apenas servido como instrumento do capricho desumano dos governantes monarquistas e republicanos? É essa esperança que nos induz a preservar na grande luta de propaganda contra todos os arcaicos princípios calcados na obediência às autoridades e nos respeitos à propriedade individual, origem dos males que assolam toda a humanidade.¹⁸⁶

De diversas maneiras, tanto as oligarquias quanto os industriais manipulavam toda e qualquer iniciativa, que levasse a melhoria nas condições de trabalho dos operários. Propostas, códigos e leis foram idealizados ao longo de toda a Primeira República, mas apenas alguns foram implementados, como é o caso, por exemplo, da lei de acidentes de trabalho em 1919.

O projeto Adolfo Gordo, sobre acidentes de trabalho, aprovado há dois anos no Senado, dizem, está na ordem do dia da Câmara dos Deputados, quer dizer que vai entrar em discussão. Pela leitura que já tivemos oportunidade de fazer. Pela leitura que já tivemos oportunidade de fazer, parece-nos que o aludido projeto preenche de certo modo algumas falhas das inúmeras existentes entre nós em matéria de organização de trabalho e responsabilidades dos senhores industriais. E, em se tratado de estabelecimentos gráficos, seria uma delícia se expuséssemos em nossas colunas, a nu, as condições de higiene que todos – eles – quer se trate de empresas jornalísticas, quer se trate de casas de obras – oferecem aos olhos dos leigos. Em geral são pardieiros adaptados para o aniquilamento de uma raça ainda em formação!

Não somos, francamente, dos que aplaudem incondicionalmente esses gestos da elite social: só nos convencemos com a consumação desses gestos.

Todavia acreditamos que os senhores deputados não quererão aumentar a repulsa que as classes trabalhadoras do Brasil votam aos legisladores e procurarão, aprovando o projeto, redimir em parte dos crimes de que têm sido autores...

E, mesmo depois de aprovado, resta-nos aguardar a sua íntegra execução, ressaltando os interesses da classe espoliada.¹⁸⁷

¹⁸⁶ Ver, 'Meditações', In: *O Graphico*, RJ, 01/05/1917, p. 02.

¹⁸⁷ Ver, 'Accidentes de Trabalho', In: *O Graphico*, RJ, 01/07/1916, p. 01.

Ao longo das páginas do jornal O GRAPHICO, inúmeras reivindicações dos trabalhadores da Primeira República ficaram registradas, porém suas conquistas foram poucas. Contudo, o mais importante foi que no final desse período o operariado edificou uma nova ética do trabalho.

Repito: a questão operária, como toda a questão social, consiste principalmente, e quase essencialmente, *em ser antes estudada e compreendida*.

Quando não houver mais cegos e surdos, a questão social estará virtualmente resolvida: nem importa que não haja acordo sobre os vários modos e aspectos de interpretar, resolver e aviar as questões. O que é indispensável, é que toda a imensa maioria pelo menos, saiba de que se trata, de forma que não haja pesos brutos, lastros imobilizadores, resistências de interesses subalternos e subalternizados.¹⁸⁸

A lei de Regulamentação do Trabalho. O GRAPHICO de 15 de junho de 1919

¹⁸⁸ Ver, 'Socialismo e a Questão Operaria no Brasil', In: *O Graphico*, RJ, 15/10/1916, p. 02.

CAPÍTULO 3

O RIO DE JANEIRO DO “GRAPHICO”.

O Jornal, como todos sabem, é o veículo das grandes idéias, é que forma a opinião do público. Ele incute nos cérebros que pouco raciocino o feitio moral de pensar, e, assim, determina tal e qual maneira de pensar no individuo de inteligência rude, que todas as idéias deletérias e preconcebidas dos homens que se acomodam no meio ambiente que eles formaram com as doutrinas ajeitadas ao cabedal da ambição, da mentira convencional e da suposta cultura – tornam-se lemas e práticas, cujos efeitos tanto degrada a sociedade, degradação que prejudica fatalmente o homem pobre, que nesse caso, é operário.

(‘A Imprensa Operaria’, In: *O Graphico*, RJ, 16/04/1919, p. 01)

Neste capítulo lançaremos nosso olhar sobre os artigos do jornal que tratam de temas do cotidiano dos operários. Para isso trataremos de assuntos que dizem respeito a questões ligadas a cidade do Rio de Janeiro, tais como as modificações ocorridas durante e após a *Belle Époque* e as conseqüências da reforma urbanística, como também os problemas sociais e econômicos vividos pelos operários.

Procurou-se aqui reconstruir as importantes redes de relações culturais criadas nas cidades e os vínculos que existiram entre os diferentes grupos da população urbana, onde diferentes visões do cotidiano serviram de base para criar uma conexão entre as diversas camadas sociais, na medida em que cada uma delas demonstrou ter uma determinada consciência dos problemas pelos quais os homens passaram e a forma para tentar transpô-los.

O desenvolvimento e a expansão da cultura impressa permitem que haja uma maior difusão da cultura letrada, que antes era privilégio de uma minoria¹⁸⁹. A popularização do ensino, com a criação de escolas, universidades e bibliotecas que estejam voltadas para o povo, deixa de ser apenas uma preocupação do Estado e ganha as ruas através da imprensa escrita. Isso se torna um dado importante para a compreensão das novas relações de poder que emergem dentro das cidades.

Os princípios da causa social são universais e internacionais; mas os problemas e os modos correspondem às circunstâncias de cada meio. Americanos, no Brasil, as questões sociais sob qualquer aspecto, em qualquer terreno e em todas as suas partes, só a podem e devem honesta e utilmente encarar como ela é na América e no Brasil.

¹⁸⁹ Ver, sobre o conceito de cultura letrada, RAMA, Angel. *Op.cit.*.

A dificuldade, pois, quero insistir da ilustração operária é a suprema dificuldade – no Brasil e em todo mundo. Vencer-se-á ao menos por aproximação; mas há de custar.

E a escola?

Certamente é esse o caminho mais breve e menos difícil; mas só quando a escola (e a nossa no Brasil especialmente) estiver transformada.

A escola, como é hoje, além de ser mal acessível ao operário, só serve para criar vaidades e presunções, e aspirantes aos empregos...

Aprender-se a ler e escrever mais ou menos mal; mas isso não é cultura, é apenas o instrumento da cultura. E sucede que se torna o instrumento de causa pela causa própria, o que é um verdadeiro desastre.¹⁹⁰

Nos artigos editados e publicados em seu jornal, os tipógrafos do Rio de Janeiro de 1916 tentavam expressar suas opiniões acerca das transformações e dos problemas existentes, não só na cidade, como também fatos ocorridos dentro e fora do seu país. O saber ler e escrever fez com que eles terminassem por perceberem o mundo com outros olhos. O seu olhar, mesclado com outros, contidos nos livros e artigos que liam, construía uma visão incomum ao seu meio social.

Inúmeros são os assuntos abordados por esses homens em seus artigos. Temas como o crescimento e modernização da cidade, questões de esfera pública, a Primeira Guerra Mundial, as doenças que assolavam e matavam os trabalhadores de uma forma geral, compunham as páginas desse jornal operário.

Neste sentido, o GRAPHICO torna-se uma fonte privilegiada para o resgate deste “olhar” peculiar. Assim como os prédios da *Belle Époque* carioca sobrevivem aos anos, a visão dos tipógrafos sobre a sua época e o seu meio consegue sobreviver através dos relatos e das crônicas do cotidiano e por meio de um veículo que dominam como ninguém.

A prática de leitura de folhetins e jornais passa a fazer parte do cotidiano urbano. Na cidade do Rio de Janeiro, antes mesmo de raiar o dia os jornais locais, da grande e pequena imprensa, já estavam em circulação fazendo com que as notícias circulassem e interagissem com a vida da população em geral¹⁹¹.

A imprensa tipográfica, ao transformar-se no ponto principal de articulação, formulação e de discussão das práticas culturais, ganha destaque e torna-se o principal veículo de difusão e de redefinição de uma cultura letrada, além de um meio edificador das práticas e

¹⁹⁰ Ver, ‘Socialismo e a Questão Operária no Brasil’, In: *O Graphico*, RJ, 15/11/1916, p.03.

¹⁹¹ Ver, CRUZ, Heloisa de Faria. *Op.cit*, p. 70, onde a autora analisa diferentes cenas do cotidiano paulista, com base na visão de Angel Rama – Cidade letrada e assim termina por pesquisar as relações entre cultura e vida urbana. Um bom exemplo é perceber como o jornal está presente na vida do paulistano: “A leitura dos jornais passa a integrar o cotidiano da cidade, onde segundo Raffard, antes de clarear o dia são oferecidos ao público os jornais da terra e, depois da chegada do expresso do Rio “lá pela noite”, as folhas de fora, que nos quiosques, botequins de praça e outros pontos, podem ser lidos comodamente “em cadeiras abrigadas por chapéus-de-sol enormes... (...)”.

das relações culturais¹⁹². A modernização e o crescimento da cidade, o custo de vida, questões políticas e sociais, os problemas dentro dos seus locais de trabalho entre outros assuntos, passam a fazer parte dos conteúdos dessas publicações.

Ao Sr. Wenceslau Braz foi entregue no dia 10 a seguinte representação por uma delegação de operários da Gávea:

“Illmo. e exmo. Sr. Dr. Wenceslau Braz, digníssimo e ilustre presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. – Senhor. – Os signatários da presente mensagem, operários e operárias residentes no populoso bairro da Gávea, exercendo essa profissão nos diversos e importantes estabelecimentos fabris que ali existem, vêm respeitosamente solicitar de v. ex. enérgicas providências contra a exorbitância dos preços dos gêneros de consumo de primeira necessidade, hoje mais do que nunca, além do demasiado custo em que sempre se mantiveram (mais ou menos), mesmo em épocas anormais.

A nossa justa reclamação, que tomamos a ousadia de dirigir a v. ex., o mais alto magistrado da Nação brasileira, é neste momento o reflexo verdadeiro do sofrimento que acabrunha a vida triste e difícil dos operários impotentes para debelar a miséria que os arruína, obrigando-os a vexames vergonhosos e dolorosas privações.¹⁹³

Essa imprensa operária, como também os jornais de bairro e de imigrantes, passa a dar voz a personagens, até então excluídos pelas elites sociais¹⁹⁴. Assim, o jornal se torna um meio de releitura e de reconstrução de práticas culturais e sociais, dando um novo sentido à vida urbana, gerando novos hábitos e costumes urbanos entre os operários. Ir ao cinema, jogar futebol, brincar carnaval ou comemorar o Primeiro de Maio são alguns dos costumes vividos por esses novos atores sociais que são descritos nas folhas de O GRAPHICO.

No Rio de Janeiro, cidade encantadora, cujas belezas naturais e extasiastes, deslumbra os olhos ávidos *dos que vêm de fora*, onde o luxo resplandece como se estivéssemos num outro mundo todo de fantasia e esplendor, e onde a miséria também é imensa (perdoem-me a franqueza), existem cinemas talvez os mais *chics* e suntuosos do globo, onde todo esse luxo que delira e essa miséria que assola se exibem diariamente, apreciando com sofrimento e interesse, as maiores celebridades da cinematografia moderna, que nos apresenta, a par de importantes *films* de rigorosa moralidade, os mais escandalosos exemplos de banditismo e luxúria!...

Mas enfim, é o cinema que constitui hoje uma diversão favorita e obrigatória para todos aqueles que vivem convencidos que *este mundo são dois dias*, tornando-se um ponto de reunião e de avultada concorrência, e onde uma indústria qualquer poderia tirar grande partido, no que diz (...) uma vez que cada freqüentador de cinema é obrigado a recorrer a ela, pois para conhecer o enredo minucioso de cada *film* tem que infalivelmente lançar mão de um programa.¹⁹⁵

¹⁹² Ver, VITORINO, Artur José R *Op.cit.*, pp. 38 e 39.

¹⁹³ Ver, ‘A Brutal Carestia dos Gêneros de Absoluta Necessidade’, In: *O Graphico*, RJ, 15/10/1916, p. 02.

¹⁹⁴ Ver, GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

¹⁹⁵ Ver, ‘Graphias de Cinema...’, In: *O Graphico*, RJ, 01/07/1917, p. 01.

3.1) A cidade, seus moradores e os seus problemas

Apesar de estarmos em pleno século XX, onde as autocracias são muito raras, e no momento atual, em que uma rajada de democracia agita o mundo, existem minúsculos feudos em plena cidade do Rio de Janeiro.

Ao contrário da América do Norte, onde os milionários exploradores de rendosas indústrias são conhecidos pelo título de “rei”, aqui na maior capital da América do Sul eles não possuem esse título efêmero.¹⁹⁶

Da última década do século XIX até o início da Primeira Guerra Mundial, o mundo viveu um período de prosperidade econômica, que se reflete nas suas mais diversas manifestações culturais. Essa fase, conhecida como *Belle Époque*¹⁹⁷, marcou a sociedade brasileira, apesar das heranças patriarcais¹⁹⁸.

As grandes transformações sociais, econômicas e políticas, tais como o fim da escravidão, o início da República, o aumento da industrialização, a chegada dos imigrantes e as novas doutrinas como o anarquismo e o socialismo, acabam por ganhar lugar de destaque. Com fica claro nesse artigo que fala acerca da propaganda anarquista no Rio de Janeiro.

O Grupo Anarquista Renovação promoveu para o dia 1 de janeiro um meeling de propaganda dos seus ideais de emancipação social, que se efetuou no largo de S. Francisco de Paula, às 14 horas. Antes, porém, fez distribuir profusamente um vibrante manifesto historiando claramente a situação de miséria em que se debate a humanidade em consequência da atual organização da sociedade baseada na exploração do trabalho por uma minoria usurpadora. A polícia, como sempre, fez das suas: apreenderam manifestos, prendeu homens conscientes, e proibiu a efetuação do meeling. Em consequência párea da atitude altiva e digna dos iniciadores o meeling foi levado a efeito, apesar da impertinente chuva que caía pela cidade.

Falou longamente o operário José Elias, que produziu vigorosa oração, verdadeiro ensinamento e análise das doutrinas libertárias, que são, aliás, as que melhor concretizam os sentimentos das classes trabalhadoras, pela clareza com que se manifestam os seus propagandistas, e cujas verdades fazem estremecer os açambarca dores dos elementos vitais da sociedade.¹⁹⁹

Novos projetos econômicos e sociais são criados com o objetivo de “apagar” as antigas tradições. O novo, em si, trás a idéia de progresso e modernização, pontos primordiais

¹⁹⁶ Ver, ‘Na Brecha’, In: *O Graphico*, RJ, 16/01/1918, p. 03.

¹⁹⁷ A europeização antes centrada apenas no ambiente familiar da elite carioca agora se faz presente também nas políticas públicas (escolas, prisões, hospitais, locais de trabalho, que sofrem mudanças radicais baseadas no controle e na aplicação de métodos científicos e do progresso). Ver, entre outros, COSTA, Ângela M. de & SCHWARZ, Lília M. *op.cit.*

¹⁹⁸ Ver, NOVAIS, Fernando A. (org). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, 1998.

¹⁹⁹ Ver, ‘Meditação’, In: *O Graphico*, RJ, 16/01/1917, p. 02.

para a concretização do espírito de civilização, que só passa a existir a partir do momento em que o indivíduo percebe que, apenas através da união coletiva é que sua sociedade crescerá.

Quero me referir ao fornecimento de força e luz feito a esta grande capital pela Light.

Todo esse emaranhado de fios que atravessam o Rio de Janeiro em todas as direções, dando-nos a impressão de uma teia feita por uma colossal aranha, são os nervos de um formidável gigante, cujo coração está no Ribeirão das Lages. Toda essa força misteriosa, que se chama eletricidade, que faz mover os pesados bondes, que produz a luz potente que à noite nos ilumina, e que durante o dia faz silibar os motores que tanto nas grandes fábricas e como nas pequenas oficinas fazem mover os mais variados mecanismos é produto da união.

As represas do Ribeirão das Lages, obra maravilhosa do engenho humano, dão uma idéia perfeitas do que se pode conseguir com a união de muitos esforços. Na verdade, antes da Light fazer essas represas gigantescas, destinadas a captar as águas, todas as forças que estas representavam se perdiam, se esvaíam no Oceano, porque não estavam canalizadas para um determinado ponto. (...). Cada gota de água que passam pelas represas da Light, deixa, antes de se lançar no mar uma partícula da sua força, e como passam, cada segundo, trilhões de gotas pelas represas, essas gotas representam uma força prodigiosa, que é depois canalizada para a cidade, prestando serviços inestimáveis à população.²⁰⁰

No Rio de Janeiro, capital da República, a reforma empreendida pelo prefeito Pereira Passos passou a servir de referencial das novas idéias de progresso e de civilização para o restante do país²⁰¹. A cidade se transformou num exemplo de “metrópole moderna”, com a demolição de inúmeros prédios, ocasionando uma reformulação do convívio urbano e nas festas populares e religiosas adaptadas as mudanças da vida social, oriundas da busca de um ideal de “civildade”²⁰².

Quando o Dr. Pereira Passos *espalhou-se* nesta cidade e mandou meter a picareta nos velhos calhambeques infectos e imundos que infestavam esta cidade, supôs talvez que a sua obra tivesse, por grandiosa que era, a continuação precisa nos governos futuros.

A evolução política, porém, no seu fluxo e refluxo não tem permitido a continuação enérgica daquela obra, senão lentamente.

As novas avenidas que nasceram daquela derrubadas, obedeceram a vários nomes, e assim, uma delas foi *batizada* com o nome altamente histórico: - Mem de Sá.²⁰³

Após a demolição de inúmeros prédios, a falta de moradias levou a um crescimento no número de cortiços, casas de cômodos e favelas²⁰⁴. Além disso, devido ao aumento do

²⁰⁰ Ver, ‘O Que é a União’, In: *O Graphico*, RJ, 16/08/1917, p. 02.

²⁰¹ Idem, ver acerca do conceito de “ordem” e “civilização” na entrada do século XX no Brasil.

²⁰² Ver, CARVALHO, José M. de. *A formação das almas: o imaginário político da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

²⁰³ Ver, ‘O Chinelo do Diabo’, In: *O Graphico*, RJ, 01/04/1917, p. 02.

²⁰⁴ O espaço urbano colonial, resultado de uma adaptação da arquitetura portuguesa, dá lugar a projetos de reurbanização, como a abertura de avenidas e a construção de prédios com fachadas européias, o que implicou

preço dos aluguéis muitas pessoas eram deslocadas para o subúrbio, que passou a ser visto como local de ir e vir²⁰⁵.

O deslocamento dos trabalhadores de suas casas até o local de trabalho fazia com eles perdessem um tempo muito maior. Os meios de transporte passam a servir como meio de inspiração e espaço de discussão acerca dos problemas diários, já que, cada vez mais, eram freqüentados pelos trabalhadores moradores nos “subúrbios”:

Uma indiscrição, de que não nos arrependemos, fez com que há dias pudéssemos numa viagem de trem ouvir uma palestra de colegas acerca da Associação Gráfica e dos seus fins.

Entre os 3 colegas que conversavam não havia (caso raro!) senão uma opinião comum: - a de que a existência de uma associação para os gráficos no Brasil é uma *utopia*.

Desenvolvia cada qual a razão desse modo de julgar com a mesma convicção que o animaria certamente se tivesse por qualquer circunstância de provar justamente o contrário (tão fértil é o cérebro humano).

Nós com os olhos presos num jornal que não estávamos lendo, ouvimos durante toda a longa viagem as razões mais ou menos fundamentadas dos colegas de quem intimamente íamos discordando e em cuja palestra só não nos metemos para não quebrar a unidade de pensamento existente entre todos.²⁰⁶

Um dos problemas mais importantes para o trabalhador do Rio de Janeiro é um tema recorrente no jornal: a questão das moradias para os operários. Tratando do problema a partir da sua história mais recente, o governo de Bento Ribeiro²⁰⁷, o jornalista Evaristo de Moraes²⁰⁸ lembrou a persistência de projetos que nunca são realizados, passando do papel para a realidade. O principal motivo, de acordo com ele, encontrava-se no “*receio que tinha o governo de então de que a execução do projeto produzisse margem à prática de abusos mais ou menos indecentes, como, afinal, são todos os abusos...*”²⁰⁹.

no desalojamento de milhares de famílias pobres, na sua maioria de negros e mulatos, deslocados para a periferia das principais cidades ou então foram marginalizadas nos morros, as futuras “favelas”. Ver, PRIORI, Mary Del & VENÂNCIO, Renato P. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

²⁰⁵ Ver, PORTO, Oswaldo R. “A era das demolições: a cidade do Rio de Janeiro 1870-1920”. In: *Biblioteca Carioca*. Rio de Janeiro: SMC, 1986, p. 65. Ocorre também uma separação territorial da capital, que fica dividida em duas zonas: a urbana e a suburbana. Para maiores dados a cerca da divisão em distritos, ver, o Recenseamento Geral da República feito em 29/06/1906, com base no decreto n° 2 de 01/06/1903.

²⁰⁶ Ver, ‘Modos de Ver’, In: *O Gráfico*, RJ, 15/02/1916, p. 01.

²⁰⁷ O general Bento Manuel Carneiro Monteiro. Nascido no Rio Grande do Sul em 1856 e faleceu no Rio de Janeiro em 1921. Comandou a Escola Militar de Realengo e foi, também, comandante do Estado Maior do Exército. Entre os anos de 1910 e 1914, foi prefeito do Rio de Janeiro, nomeado pelo Presidente Hermes da Fonseca. Ver, OLIVEIRA, José de Reis. *O Rio de Janeiro e seus prefeitos: evolução urbanística da cidade*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, vol.03.

²⁰⁸ Evaristo de Moraes (1871-1939), historiador e advogado criminalista. Seu maior trabalho foi a defesa de Edgard Leuenroth, preso e acusado de liderar o movimento grevista de 1917. In: www.ifch.unicamp.br

²⁰⁹ Ver, ‘O Velho Problema’, In: *O Gráfico*, RJ, 01/03/1916, p. 02.

Na visão dos gráficos o problema persiste no governo de Rivadávia Correia²¹⁰:

(...) agora, quando a *paternidade* do operariado está em outras mãos, aliás, firmes, como devem ser as dos pescadores de lambaris; o governo do Distrito entregue a basta bigodeira do sr. Rivadavia e as arcas do Erário confiadas à guarda previdente e eriçada dos bigodes germanizados do sr. Pandiá; e se agora, repetimos, ainda há receio de bandalheiras na execução do projeto enterrado, porque não se lembra o governo de empregar os capitais, que destinará à construção do *pombaes*, no aparelhamento e saneamento das vastas zonas que circundam a capital para ali facilitar a construção de casas, muitas casas, higiênicas, baratas e afastadas das nuvens asfixiantes de pó que microbinisam a cidade?

Por que o governo, em vez de despertar a vontade para especulações de empresas e companhias sagazes, não faz correr o esgoto, o fio elétrico, a galeria d'água e o trilho do bond por tantas e tantas léguas desprezadas que ali estão ao lado da cidade-luz e da cidade-progresso que é hoje o Rio de Janeiro?

Talvez isso ficasse muito mais barato e não acarretasse receios nem temores mais ou menos pilhéricos.²¹¹

Enquanto a solução para as moradias dos operários não era resolvida pelos governantes, os proprietários das indústrias de tecido, com o seu paternalismo exarcebado criam um local onde o trabalho e habitação ocupava o mesmo espaço. Assim sendo, para este grupo de operários a sua vivência do cotidiano estava restrita ao espaço circundante ao seu trabalho.²¹²

Desde que foi presidente da República o *Pae* dos operários e prefeito do Distrito Federal o ardoroso *turfmen* sr. Bento Ribeiro e ministros da Fazenda o nebuloso sr. Francisco Salles e depois o ilegante sr. Rivadavia, que uma cousa parecida com projecto de construção de casas para operários anda de Herodes para Pilatos sem uns solução final que venha justificar a sua apresentação.

Não há muitos dias, o sr. Evaristo de Moraes, em artigo que publicou em um jornal desta capital, divulgou o motivo por que o projecto não foi sancionado no quadriênio do supra referido *Pae*: o receio que tinha o governo de então de que a execução do projecto produzisse margem á pratica de abusos mais ou menos indecentes, como, afinal são todos os abusos...

É lógico que semelhante motivo moralizador, tido como tomado a sério *naquele tempo mais ou menos prateado* em que o *Pae* era alcaide, é de fazer um mortal use calças ficar com o respectivo cós em pandarecos de tanta gargalhada...²¹³

Ao longo do artigo, o redator faz seu comentário acerca do atual governo e das modificações que ao longo dos anos a administração pública no Brasil sofreu, principalmente devido à Proclamação da República.

²¹⁰ Nasceu no Rio Grande do Sul em 1866 e morreu no ano de 1920. Eleito Deputado Federal em 1895 e entre os anos de 1910 e 1913 esteve à frente do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Entre os anos de 1914/1916, foi nomeado Prefeito do Rio de Janeiro, pelo Presidente Wenceslau Brás. Em 1916 foi substituído interinamente por Azevedo Sodré. Ver, OLIVEIRA, José de Reis. Op. cit.

²¹¹ Ver, 'Velhos Problemas', In: *O Graphico*, RJ, 01/03/1916, p. 02.

²¹² Ver, CIAVATTA, Maria. *Op.cit.*

²¹³ Ver, 'Velhos Problemas', op.cit.

Mas, que diabo! O tempo em que aquele receio “era justo” passou. Estamos atravessando uma fase de seriedade na administração, segundo afirmam pessoas que nos merecem algum conceito e que se dizem bem informadas. Por que cargas d’água, então, não se procede a exumação do de *cujus*, isto é, do projeto, para, pelo menos, salvar as aparências e provar que há, de fato, nas altas camadas governamentais o empenho de suavizar a vida dos que trabalham nesta terra, hoje tão cheia de *casos* estaduais e, nos Estados, como aqui, tão descurada de casas para os menos abastados da fortuna?

E, se, agora, quando a paternidade do operariado está em outras mãos, aliás, firmes, como devem ser as dos pescadores de lambaris; o governo do Distrito entregue à basta bigodeira do sr. Rivadavia e as arcas do Erário confiadas à guarda previdente e eriçada dos bigodes germanizado do sr. Pandiá; e se agora, repetimos, ainda há receio de bandalheiras na execução do projeto enterrado, porque não se lembra o governo de empregar os capitais, que destinara a construção dos pombais, no aparelhamento e saneamento das vastas zonas que circundam a capital para ali facilitar a construção de casas, muitas casas, higiênicas, baratas e afastadas das nuvens asfixiantes de pó que microbinizam a cidade?

Porque o governo, em vez de despertar a vontade para especulações de empresas e companhias sagazes, não faz correr o esgoto, o fio elétrico, a galeria d’água e o trilho do bond por tantas e tantas léguas desprezadas que ali estão ao lado da cidade-luz e da cidade-progresso que é hoje o Rio de Janeiro?

Talvez isso ficasse muito mais barato e não acarretasse receios nem temores mais ou menos pilhéricos.²¹⁴

Para além das fábricas e da ocupação de novos bairros, a modernização da cidade também afetou a composição do seu comércio e a disposição dos estabelecimentos comerciais. O pequeno comércio perdeu espaço para os grandes armazéns, ocasionando falências e despedimentos. Tal cenário é visto sempre como um fardo para a cidade e para os trabalhadores:

Qual é o antigo artista tipógrafo que não conheceu a papelaria e tipografia do *Annianias*?

Era uma casita com duas portas, ali, na rua quase na esquina da...

Bons tempos aqueles em que os patrões adulavam até os seus operários porque tinham certeza de que deles tirariam mais tarde os proventos desejados.

Hoje, a casa não é mais de um *Annianias*... e outra cousa: o *Annianias* enriqueceu foi a terra (dele) e lá vive á tripla forra, rindo-se dos operários, seus auxiliares, aos que quase chamava – de filho; -- filhos da esperança, ou da má, sorte, que é o que mais desejava no seu íntimo de usurário.

A antiga casa do *Annianias* é soberba. Ali não se dá importância aos operários: operário é um cão lá no entender deles – que se faz de cego.²¹⁵

A nova Avenida Central, atual Rio Branco se transformou no marco do projeto urbanístico de modernidade da cidade, com suas fachadas modernas, lojas com produtos importados e pessoas vestindo a moda francesa. As ruas limpas mostravam a nova face da

²¹⁴ Ver, ‘O Velho Problema’, In: *O Graphico*, RJ, 01/03/1916, p. 02.

²¹⁵ Ver, ‘Reminiscencias’, In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1916, p. 03.

“civilidade”²¹⁶. No entanto, a realidade das oficinas, muitas delas próximas ao luxo das novas avenidas, era, porém, bem diferente. Os próprios tipógrafos descreviam seus locais de trabalho, como sendo espaços sem corrente de ar/ventilação, pouca luz, em desordem e muito sujos. Relatos acerca de oficinas insalubres são uma constante no jornal:

Procurando ventilar esta questão (a falta de higiene nas oficinas) é que me propus estudar o meio pelo qual o operário vive durante o dia, afim de demonstrar que 90% das oficinas montadas na nossa capital, estão mui aquém dos mais elementares requisitos de higiene, sendo esta uma das razões de tantas moléstias. Existe uma certa oficina de encadernação que torna-se um subterrâneo dos mais infectos tal a disposição higiênica deste *sanatório*, onde os pobres operários para não verem a sua mulher e filhos morrerem a mingua vão trabalhar nesse antro e estão em piores condições de saúde do que os nossos soldados ao voltarem dos charcos paraguaios, pois tal é a umidade e a falta de luz que se nota nessa casa, nesse buraco oficina, onde se arrastam penosamente atacados de reumatismo e hepatite provenientes da umidade e falta de asseio. Até os ratos parecem sofrer a influencia do meio, pois nem se dão ao trabalho de fugirem (naturalmente por se acharem também atacados de reumatismo) ao aproximar-se alguém.

Existe uma outra oficina tipográfica em uma rua paralela a do Hospício que no W.C. o vaso sanitário está reduzido a terça parte ficando o pessoal condenado a não satisfazer suas necessidades físicas.

Ultimamente um aprendiz arranjou uma espécie de caixa sem fundo para proteger os cacos. Ante tamanho desleixo e tão pouco caso pela saúde dos operários, muitos preferem não ir a tal gabinete.²¹⁷

A partir de 1917, a própria Associação Gráfica ficou incumbida de denunciar toda e qualquer tipografia na qual proliferasse a falta de higiene.

Cogita atualmente a diretoria da nossa Associação, na missão sagrada de velar pela saúde e pela vida dos seus componentes, dirigir-se às autoridades que superintendem nos serviços de saúde pública, e torna-las cientes de que, devido á falta absoluta do cumprimento das leis que regem os serviços desta natureza, estão expostos á doença, senão á morte, muitos trabalhadores gráficos.²¹⁸

No entanto, o sonho de uma cidade limpa fazia com que só os médicos tivessem o poder e autoridade de vistoriar não só os locais de trabalho, como também as casas desses homens. Ao deflagrarem a idéia de uma cidade doente, esses médicos difundiam a idéia de asseio individual, higiene nos locais de trabalho e nos lares, além de combaterem outros vícios atribuídos aos operários, como o álcool e o fumo.

O vício mais espalhado no Brasil é o alcoolismo, que faz anualmente milhares de vítimas, contribuindo além disso para o abastardamento da raça e para o aumento da criminalidade.

²¹⁶ Ver, COSTA, Ângela M. de & SCHWARZ, Lilia M. *Op. cit.*

²¹⁷ Ver, ‘Revendo’, In: *O Graphico*, RJ, 15/01/1916. p. 02.

²¹⁸ Ver, ‘Hygiene nas Officinas’, In: *O Graphico*, RJ, 16/03/1917, p. 01.

Apesar de todos os males que o alcoolismo traz, ainda não se iniciou no nosso país uma campanha sistemática contra ele, como se tem visto em outros países cultos.²¹⁹

Os discursos médicos partiam da dicotomia entre limpo/ saúde X sujo/doença; a idéia da modernidade, progresso e melhoria da qualidade de vida estavam sempre atreladas. Assim, redefinem o local dos indivíduos na sociedade em que estavam inseridos. Os tipógrafos terminaram por difundir essas idéias em seus artigos, onde passam a defender uma melhor qualidade de vida para todos.

Longe do luxo das avenidas e presos ao universo sórdido das suas oficinas, os operários foram os que mais sofreram com as profundas crises econômicas, sobretudo após a deflagração da Primeira Guerra Mundial²²⁰. Este clima de “crise” foi retratado nos artigos do jornal:

Não sabemos si o comércio da capital da República está fazendo explorações indecorosas, monopólios descabidos, mas o que afirmamos é que o CARVÃO, a LENHA, o QUEROSENE, o CHARQUE, o ARROZ, o AÇÚCAR, e muitos outros gêneros idênticos estão a preços excessivos, além do razoável, demasiadamente caríssimos para que os minguados salários do operariado possam adquiri-los de acordo com as suas posses.

A Fome, exmo.sr., já é hoje o terrível flagelo que invade o lar dos operários, onde o negro espectro da tuberculose tem a sua preponderância ceifadora.²²¹

Em outubro de 1916, quando o problema atinge proporções ainda maiores, 1.200 operários do bairro da Gávea escreveram uma representação, ao então presidente da República Wenceslau Brás, na qual solicitavam providências imediatas acerca do aumento dos preços dos gêneros de primeira necessidade. Nesse documento, operários fabris falam do seu sofrimento devido às necessidades pelas quais passam, por causa da miséria em que vivem. Pedem, então, auxílio e amparo ao presidente, que chega a ser comparado a um bom braço protetor.

Illmo. e exmo. sr. dr. Wenceslau Braz, digníssimo e ilustre presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. – Senhor. – Os signatários da presente mensagem, operários e operárias residentes no populoso bairro da Gávea, exercendo essa profissão nos diversos e importantes estabelecimentos fabris que ali existem, vêm respeitosamente solicitar de v. ex. enérgicas providências contra a exorbitância dos preços dos gêneros de consumo de primeira necessidade, hoje mais do que nunca, além do demasiado custo em que sempre se mantiveram (mais ou menos), mesmo em épocas normais.

A nossa justa reclamação, que tomamos a ousadia de dirigir a v.ex., o mais alto magistrado da Nação brasileira, é neste momento o reflexo verdadeiro do

²¹⁹ Ver, ‘Contra o Alcoolismo’, In: *O Graphico*, RJ, 16/11/1917, p. 03.

²²⁰ Ver, LOBO, Eulália, Maria L. *Op.cit.*

²²¹ Ver, ‘A Brutal Carestia dos Gêneros de Absoluta Necessidade’, In: *O Graphico*, RJ, 15/10/1916, p. 02.

sofrimento que acabrunha a vida triste e difícil dos operários, eivada de necessidades e sacrifícios que muitos aniquilam essa enorme legião de trabalhadores, impotentes para debelar a miséria que os arruína, obrigando-os a vexames vergonhosos e dolorosas privações.²²²

Inúmeros são os lamentos e brados de indignação acerca dos altos preços dos produtos básicos como o feijão, a batata, o pão, a farinha entre outros gêneros nacionais, que naquele momento eram exportados a preços mais baixos do que eram vendidos no mercado nacional. Além disso, a carestia gerava um aumento no número de operários demitidos, que terminam por perambular pelas ruas da cidade.

(...) uma cidade sitiada, sem mais recursos! E os desocupados que perambulam pelas ruas da cidade e que se contam aos milhares? Que poderão fazer esses pobres operários, franzidos de frio e fome, vendo fugir-se-lhes a existência andrajosos, sem coragem para protestar, gritar, rodeados de filhos que lhes pedem pão, sob as lágrimas copiosas de suas esposas esqueléticas?

Triste quadro de uma nação bem próspera e tão devastada pelos seus próprios filhos!

Patriotismo? Quem o tem mais nesta emergência?

Por acaso o patriotismo é coisa ou objeto que se compre? Não! O patriotismo deve ser de todos: tanto do rico, como do abastado, como do pobre, como do mendigo! O patriotismo é a Nação: é o seu engrandecimento para bem de todos. Todos contribuem na espera de suas forças para que sua Pátria seja respeitada perante o estrangeiro que nos procura e nos visita.

No Brasil passa-se uma tal crise que não há razão de ser. Mal governado, prenhe de paixões políticas e partidárias, devido ao sistema presidencialista, 'que nos infelicit: abarrotado de homens sem escrúpulos, venais, peculitários, que só visam o bem-estar próprio, que se lhes importa se amanhã a Nação vai à guerra: pois se eles já têm o bastante, o suficiente para irem gozar em terras estranhas o que lograram tirar à sua Pátria, e, por conseguinte aos seus irmãos!'.²²³

Como uma forma de externar suas opiniões, os operários apoiados na Federação Operária do Rio de Janeiro realizaram vários comícios de alerta e repúdio à miséria instituída no Brasil.

Ainda uma vez os denotados companheiros da Federação Operária do Rio de Janeiro, num gesto de verdadeiros lutadores, desprendidos de vaidades, só olhando o bem comum das classes trabalhadoras, se atiram resolutamente em tenaz agitação contra a miséria que as vem assolando, produto da incúria, malvadez e ganância dos potentados de todos os matizes, procurando também despertar no meio operário o amor pela organização de suas classes para, por esse único meio capaz, imprimir-se uma outra feição no regime nefasto porque hoje se dirigem as sociedades burguesas.²²⁴

²²² Idem

²²³ Ver, 'Belos exemplos', In: *O Graphico*, RJ, 01/12/1916, p. 01.

²²⁴ Ver, 'Meditações', In: *O Graphico*, RJ, 16/02/1917, p. 02.

Ao lado da carestia e da fome²²⁵, entre os anos de 1914 a 1918, o aumento dos aluguéis²²⁶ acelerava a degradação do padrão de vida do operário brasileiro, fazendo com que o número de doenças na cidade crescesse, principalmente a incidência da tuberculose, também conhecida nesse momento como Peste Branca.

A falta de higiene e a má alimentação são dois fatores que produzem a tuberculose – a peste branca – epíteto este bem empregado a tal endemia, que aniquila diariamente tantas pessoas.

Esta moléstia é traiçoeira porque só se manifesta no individuo depois que está nos seus últimos períodos, e, quando já a ciência médica não tem outro recurso senão dar clamantes ao enfermo, que lhe suavizem transitoriamente as dores, pois a medicina é impotente para sustentar o progresso devastador de tão ingrata moléstia.²²⁷

Inúmeros casos de mortes por causa dessa doença estão descritos no jornal dos tipógrafos, que associam a enfermidade à falta de higiene nos locais de trabalho, nas moradias e também no asseio pessoal do trabalhador.

Não tenho a honra de conhecer pessoalmente o colega *Avils*. A campanha por ele encetada contra as péssimas condições das oficinas gráficas tem sido por mim apreciada, principalmente pelo fim que ela atinge, que é o de criticar publicamente essas oficinas anti-higiênicas, cujos proprietários têm em vista somente engordar e enriquecer sem se incomodarem com a limpeza das mesmas, onde se esconde a tuberculose, para ceifar os que necessitam de freqüenta-las”.²²⁸

Dentre as suas reivindicações encontrava-se a melhoria no local de trabalho, onde imperasse a ordem e a limpeza. Salas ventiladas e limpas, espaço ordenado fazia com que os gráficos não se sentissem iguais aos excluídos. Por isso mesmo, iniciam uma violenta luta contra as oficinas que não possuíam um ambiente higiênico.

“Se percorremos as oficinas que existem neta capital, sejam de que ramo for, se nos constrangeria o coração ao vês a falta de higiene que nelas reina.

Algumas são verdadeiras pocilgas, mais aptas a receberem suínos do que entes humanos, tal é a imundice que nelas reina.

Mas há leis neste país que cogitam da higiene das oficinas, dirão indignados aqueles que nos lêem!

(...)

É imensamente triste e vergonhoso que na primeira cidade do país, existam oficinas que são verdadeiros ninhos do bacilo de Koch, nessa cidade outrora tida

²²⁵ De acordo com BARBOSA, Marialva, *Op. cit.*, p. 141, “para comprar um quilo de café, um quilo de feijão, carne-seca, banha, uma reste de cebolas, uma garrafa de querosene, um trabalhador gastava, em 1914, 5\$260 réis, o equivalente a pouco menos do salário diário de um tipógrafo. Quatro anos depois, esses mesmos alimentos, nas mesmas quantidades, valiam 7\$600 réis”.

²²⁶ *Idem*, p. 143, “O preço das casas de cômodos, das casas de avenidas, das estalagens e das casas dos subúrbios após a reforma urbana aumentara substancialmente. (...). Na época da administração Pereira Passos, não se encontrava alojamento por menos de 20\$000 mensais. Esse era o preço de uma quarto numa casas de cômodos; uma alojamento maior com duas peças chegava a 35\$000 mensais.(...)”.

²²⁷ Ver, ‘A Peste Branca’, In: *O Graphico*, RJ, 15/11/1916, p. 02.

²²⁸ Ver, ‘Solidariedade Consciente’, In: *O Graphico*, RJ, 01/03/1916. p. 02.

como uma maravilha de higiene, recebendo o inesquecível Oswaldo Cruz, seu saneador, primeiro premio numa exposição de higiene realizada na Alemanha.²²⁹

3.2) Os trabalhadores e os seus problemas

No dia 4, deste mês (era domingo), enveredei com o colega Taveira, nosso consócio, pela rua do Ouvidor e encontramos um pobre garoto carregando uma grande caixa de batatas inglesas (digo que eram inglesas porque ouço dizerem isso), cujo peso era tão poderoso que o pescoço do referido garoto ia-se sumindo com a cabeça pela caixa torácica a dentro, e prestes a virar marreco. Taveira e eu acudimos o garoto enquanto um homem robusto tomou a caixa, metendo-a debaixo do braço, decompôs o garoto e já se foram com as ditas batatas.

Pois bem. Este caso me fez lembrar de um outro garoto, que media de altura um metro, ou pouco mais, carregando à cabeça uma formidável porção de livros em branco.

Virando Hércules ele saía da rua do Carmo e, ao cortar voltas foi ter à Avenida Passos, entrando pela rua Buenos Aires onde, tal qual como o outro das batatas, ia virando marreco. Acudi o pobrezinho, tirando-lhe o carreto da cabeça e entregando-o a um carregador que recebeu 1\$000.

Creiam-me: propositalmente acompanhei o garoto por curiosidade. O carreto foi entregue na casa de um turco e se compunha de um milhão de livros in 4.”, caprichosamente mortos, cujo diagnóstico nem vale a pena mencionar.

O garoto me disse ser aprendiz d encadernador, ganhando \$500 diários, preparava cola, massa, varria a oficina e carregava livros para os fregueses do sr... Eu não digo o nome para não ser indiscreto.

Basta que eu saiba.

E é isto que diariamente se vê pelas ruas desta cidade.

Realmente! É preciso ser-se muito desumano, muito ordinário mesmo para proceder assim.

Era isso que tinha a dizer-vos. Até outra vista. Desculpem as faltas.²³⁰

A concentração de trabalhadores na cidade a transformou num dos principais palcos das primeiras manifestações do movimento operário brasileiro²³¹. Apesar de gozar da “confiança” da elite, os imigrantes introduziram as idéias mais avançadas surgidas na Europa com relação ao direito dos trabalhadores. As propostas socialistas ou anarquistas estavam no cerne da organização de sindicatos, partidos e jornais²³². Contrapondo a noção negativa

²²⁹ Ver, ‘Hygiene nas Officinas’, In: *O Graphico*, RJ, 16/11/1917, p. 01.

²³⁰ Ver, ‘Carta Aberta aos Encadernadores’, In: *O Graphico*, RJ, 15/11/1916, p. 01.

²³¹ Deve-se esclarecer que o Rio de Janeiro foi onde se registrou as primeiras manifestações do movimento operário brasileiro. Até a o ano de 1920, a capital da república liderou o processo de industrialização, só sendo superada posteriormente por São Paulo. Ver, entre outros, BATALHA Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. 2000. e GOMES, Ângela M. de C. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 3 ed.

²³² Nos primeiros anos do século XX, uma nova tendência política mais radical ganha espaço no movimento operário brasileiro - o Anarquismo que, ao contrário do socialismo, não se organiza em partidos. Para ele, o Estado era uma instituição repressiva, independente da classe social que está no poder. Assim, defendem a sua substituição por federações ou cooperativas de trabalhadores. Não é apenas coincidência, que no momento do

construída em torno do conceito de trabalho, nascia a voz de exaltação do trabalhador como principal elemento da sociedade. O movimento operário tinha como objetivo quebrar as antigas tradições, que consideravam as atividades manuais humilhantes. Assim, esses homens iniciavam o seu processo de conquista da “cidadania”.²³³

Como na Europa, os operários brasileiros edificam um novo capítulo na sua história através da projeção das suas identidades na construção da cultura social do país. Como afirma E. Bosi, “*Desde sua concepção o trabalho situava-se, portanto, naquela fronteira em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e da sua cultura (...)*”²³⁴. A inexperiência e a tomada gradual da consciência de seus direitos e deveres marcaram as primeiras organizações da classe operária²³⁵, voltadas para reivindicações imediatas como o aumento de salários, o descanso semanal e a justiça laboral. O processo de edificação de uma identidade coletiva para o “trabalhador” adentrou a resistência imposta pelas forças governamentais e, sobretudo, superou a própria diversidade do movimento, dividido em inúmeras ideologias, grupos de combate e nacionalidades.

Na tentativa de formar politicamente o seu público leitor, o jornal O GRAPHICO lança uma coluna intitulada “Socialismo e a questão operária”, na qual esclarece os principais pontos do Socialismo, aproveitando para demonstrar como os políticos cariocas se utilizam das idéias dessa corrente.

Fim da revolução social é transformar o Estado patrão no Estado social: o e socialismo, que faz o patrão, não é socialismo, é um engodo para engarupar alguns e dividir as turbas. E lá vai o operário, de bandeira desfraldada e com charanga, dar vivas ao patrão e benfeitor, o criador das vilas operárias, que acabam nas bebedeiras do tenente Palcherio e as bebedeiras, em um paroxismo ditirâmico, acabam em tragédia.

Lá vai o socialista ilustrado arengar a primeiro César exortando-o a salvar a pátria naturalmente só em nome das plebes da Favela, as senzala e das cangas, donde não de sair às defesas e os vivórios. E ilustríssimo Senhor Doutor Azevedo Sodré, excelentíssimo prefeito da capital, enche os ouvidos dos povos com promessas de liberdade, respeito aos direitos, guerra aos privilégios, reformas, reformas, e, só aos beneméritos, os empregos.²³⁶

crescimento das idéias anarquistas também ocorra uma expansão do movimento sindical. Ver, entre outros, ADOOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

²³³ Ver, sobre a questão da cidadania, GOMES, Ângela M. de C. *Cidadania e direitos do trabalho*. 2002 pp. 13-14 e Carvalho, José M. de. *Cidadania no Brasil: um longo caminho*. 2003.

²³⁴ Ver, BOSI Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: companhia das Letras, 1994, p. 37.

²³⁵ Ver, BATALHA, Cláudio H. de. *O movimento operário na Primeira República*. 2000, p. 15. O autor defende a idéia que as primeiras associações de resistência se voltavam para a “ação econômica” e surgem com diferentes denominações como: “associação, centro, grêmio, liga, sociedade, união e, até mesmo sindicato”. As mesmas utilizavam à palavra “resistência” para se diferenciarem das sociedades mutualistas que eram vistas como “beneficentes”.

²³⁶ Ver, ‘Socialismo e a Questão Operária’, In: *O Graphico*, RJ, 01/12/1916, p. 02.

Em março de 1918, O GRAPHICO, em sua primeira página, destaca a Conferência Internacional Socialista e afirma que foi o acontecimento mais importante da história do movimento operário até então.

Nos arraiais do capitalismo universal a conferência socialista de Londres deve ter soado como um dobre de finados porque deu um golpe de morte no sonho dourado da burguesia, que tencionava lucros fabulosos da guerra, por eles preparada com tanto carinho, de parceria com a casta guerreira. A burguesia esperava como diz a gíria popular – ganhar dois carrinhos – com a destruição e a reconstrução. Os Krup, os Armontrog, os Skoda, os Creusot, e todos os grandes potentados possuidores de grandes usinas metalúrgicas, que têm fornecido até agora os terríveis engenhos de guerra de que se servem os exércitos beligerantes, incitando-os por todos os modos à destruição das cidades, das pontes, das linhas férreas, esperavam que a guerra terminasse com uma paz a seu modo, de forma que eles pudessem ganhar caudais de ouro no fornecimento de materiais necessários para a restauração daquilo que fora destruído devido ao plano diabólico que eles tinham concebido e posto em prática com tanta perversidade.²³⁷

No perímetro urbano da cidade do Rio de Janeiro, o ideal da *Belle Époque* pregava a separação dos grupos sociais, assim como prega a higiene e a civilidade. Os boulevards, dos passeios das senhoras e senhores “de bem” estavam longe dos bairros sujos e pobres da periferia²³⁸. De igual forma, os trabalhadores poderiam ser separados entre “bons” e “maus” elementos sociais. E com a nova cidade atraindo cada vez mais gente, a chegada dos imigrantes, inicialmente, foi saudada como um possível passo positivo pela elite. Os estrangeiros, mal vistos pelos trabalhadores como concorrentes, eram apreciados como mão de obra pela elite local, o que não iria impedir o racismo e o preconceito, tão logo demonstrassem a sua revolta e consciência²³⁹. O conflito entre “estrangeiros” e “nacionais” marcou um período da vida e da convivência social na cidade.

[...] Como se sabe a nossa classe é composta de indivíduos de todas as nacionalidades e existem alguns colegas nacionais que ainda têm um pouco de antipatia pelos colegas estrangeiros, desprezando-os por completo ao invés de os tratarem como irmãos explorados como nós industriando-os a andar sobre o terreno em que pesam afim de no dia de amanhã, unidos pormos uma barreira a este estado de coisas.²⁴⁰

²³⁷ Ver, ‘Um Grande Acontecimento’, In: *O Graphico*, RJ, 01/03/1918, p. 01.

²³⁸ SCHWARZ, Lilia M. *O Espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo. 1995.

²³⁹ O racismo surge como forma de controle social e de reenquadrar após a abolição da escravidão, parte da população que não se enquadrava à tradição européia. Ver, CARVALHO, José M. de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

²⁴⁰ Ver, ‘Uma Palestra’, In: *O Graphico*, RJ, 01/02/1916, p. 02.

Quando o operariado estrangeiro é inteligente e instruído, e procura congregar a classe, é tido, não só por seus patrícios, mas por grande parte dos nacionais, como elemento *anarchista*, que confundem com elementos de desordens.

Se um operário nacional sai dos moldes corriqueiros e se põe a propagar idéias liberais, é qualificado como elemento de desordem social.

É o resultado da falta da mais elementar instrução.²⁴¹

Para além da presença do estrangeiro, neste mundo contraditório, onde a lembrança da escravidão denegria a noção de trabalho, a chegada do “novo” não era recebida com agrado pelos trabalhadores, sobretudo quando ameaçava os seus próprios postos de trabalho:

Era unânime a queixa que escutávamos e ainda hoje escutamos perplexos e revoltados, sobre o estado em que ora se encontra a classe trabalhadora, tão cruelmente ferido no seu orgulho de classe até então privilegiada, contra os azares da vida mundana e sem ter durante cerca de 40 anos sido levemente arranhada nos seus interesses, julgados os mais sagrados. Nesse período não houve dificuldade que não fosse superada, não sofrendo os compositores tipógrafos a falta de trabalho, pondo-os na deprimente situação em que atualmente se debatem. Bastou, porém, a introdução da linotipo, encontrando-os completamente desprovidos de recursos que pudessem influir no desagregamento da classe e isto por sua grandiosa e brutal ignorância do valor da organização das associações de classe, para estarmos hoje a contemplar *bestializados*, esse edificante espetáculo de desordem e de desenfreada incapacidade, que é o serviço tipográfico.²⁴²

Com o avanço das idéias de contestação trazidas da Europa, o movimento dos trabalhadores na cidade ganhou um novo tom. No final da década de dez, os protestos contra os regulamentos e as atitudes arbitrárias tomadas pelos patrões ganhavam as ruas. O controle imposto pelo Estado buscava disciplinar os operários através da introdução de regras de conduta, como as que limitavam a circulação dos trabalhadores dentro dos espaços de trabalho, impedindo que ocorressem as trocas de idéias. Não podia mais se ler livros ou jornais no espaço de labor, proibindo o fumo e a bebida.

Os regulamentos eram vistos como um obstáculo à liberdade tão desejada, sendo denunciados constantemente pelos trabalhadores gráficos.

A classe gráfica do Rio de Janeiro, esgotados os meios suasórios para resolver a questão surgida entre ela e os proprietários dos estabelecimentos gráficos, resolveu, em assembléia geral, iniciar a greve parcial contra os industriais gráficos gananciosos, começando pela Casa Pimenta de Mello & C.

Avisamos para os devidos efeitos, todos os trabalhadores gráficos para que não vão trabalhar nesse antro de exploração.

É com fatos que devemos demonstrar aos industriais que não estamos dispostos aceitar a escravidão abjeta que eles nos querem impor.

²⁴¹ Ver, ‘Echos’, In: *O Graphico*, RJ, 15/02/1916, p. 02.

²⁴² Ver, ‘Na Espectativa’, In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1916, p. 02.

Que nenhum graphico vá trabalhar na Casa Pimenta de Mello & C., que nenhum graphico se rebaixe ao ponto de atraiçoar os seus irmãos de trabalho, porque essa traição será castigada como uma afronta infame á nossa dignidade de homens, de Paes e de cidadãos de uma terra livre.

Lembraí-vos, colegas, que está em jogo a nossa liberdade e a dos entes que nos são queridos, que morrem de fome devidos aos baixos salários que auferem os chefes de família que trabalham na indústria do livro e do jornal.²⁴³

Em resposta a todo esse controle instituído pelo Estado e utilizado pelos pelas tipografias, os gráficos ofereceram uma alternativa de resposta.

Ninguém pode negar que a paralisação do trabalho por parte de uma classe de operários, tem sua razão de ser, desde que os espíritos burocratas entendem de se opor ás reclamações que em certos casos são justas e devem ser ouvidas e aceitas.²⁴⁴

O pensamento do trabalhador brasileiro, apesar do seu tênue desenvolvimento, não esteve preso aos muros das fábricas ou das oficinas onde esses homens trabalham. Ele ultrapassou os gritos de greve e ganhou as ruas através da imprensa operária, passando a reunir uma gama infinita de temas, tradutores de todos os momentos vivenciados pela classe trabalhadora, desde reivindicações e sonhos de um mundo melhor até a convivência em família e sua visão real da sociedade²⁴⁵.

Buscar entender o cotidiano do operariado, a forma de viver e o sentir individual ou coletivo só se faz possível ante a percepção dos elementos formadores da sua estrutura organizatória de vida²⁴⁶.

Assim sendo, os problemas dos trabalhadores não podem ser restritos aos momentos de crise ou de greve. Eles foram constantemente denunciados no decorrer da sua trajetória na história do Rio de Janeiro. O trabalho infantil e feminino, as condições cotidianas de trabalho fazem parte dos apelos e denúncias constantes no GRAPHICO.

Múltiplos são os problemas que ao operariado compete resolver: o dia de 8 horas, a regulamentação para menores e mulheres nas fábricas, os acidentes de trabalho, a profilaxia contra a tuberculose nas oficinas, a, garantia de conservação na casa do trabalho afirmada pelo tempo, o afastamento das lutas operárias de elementos que não pertencem ao meio, o abandono da política dos potentados, etc.²⁴⁷

²⁴³ Ver, 'A Classe Gráfica do Rio de Janeiro', In: *O Graphico*, RJ, 01/07/1916, p. 01.

²⁴⁴ Ver, 'Um Accordo que se faz Necessário', In: *O Graphico*, RJ, 15/02/1916, p. 03.

²⁴⁵ Ver, THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. 1998.

²⁴⁶ Em 1921, temos a fundação do Departamento Nacional do Trabalho, que tinha como objetivo estudar a vida operária. Ver, CARONE, Edgard. *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. p.10.

²⁴⁷ Ver, 'Nova Tentativa'. In: *O Graphico*, RJ, 01/01/01916, p. 01.

Em um local de *A Noite* de 3 do corrente, este jornal se regozijava por ter entrado nos tribunais processo em que um operário, menor, por se tornar invalido pedia uma indenização ao seu então patrão, e ao mesmo tempo lembra o citado jornal o projeto Mario Hermes, que jaz na pasta da comissão encarregada de estudá-la.²⁴⁸

A presença das forças policiais no dia a dia do trabalhador, seja para reprimir os movimentos de contestação ou práticas comuns, como o “jogo do bicho”²⁴⁹, fazia com que as prisões fossem partes da biografia de muitos trabalhadores.

Não terminou infelizmente a situação anormal em que desde meses passados, se encontra a laboriosa classe dos estivadores.

Na sua associação de classe, que podia e devia ser o modelo das sociedades de resistência se tivessem todos os seus associados como empenho Maximo trabalhar pelo engrandecimento da classe, vem se refletindo as conseqüências do estado irregular de balburdia e dissídio que reina entre os seus componentes.

É preciso que um movimento de ponderação e tolerância se faça sentir entre os inúmeros membros da classe dos trabalhadores da estiva para que as questões que digam respeito aos estivadores sejam resolvidas dentro da ordem, e da compostura, pelos próprios interessados.

É preciso que a polícia não penetre nunca mais no seu recinto social (...).²⁵⁰

As autoridades policiais do Distrito Federal no intuito de convencer as gentes de que estão dispostas a moralizar num abrir e fechar de olhos a sociedade brasileira, iniciaram contra os bicheiros uma ofensiva geral como dizem os comunicados que nos enviam diariamente da guerreira Europa.

Mas isto não é mais do que a reprise de curtas campanhas que a nossa policia tem levado a efeito, e sem efeito, contra o jogo Drummond.

O jogo não poderá ser abolido enquanto existir o regime da propriedade privada, do qual ele é a conseqüência lógica.

Enquanto existir dinheiro, bancos, apólices, debenutes, ações e outras armadilhas desta natureza o jogo existirá sobre a terra.

Não é o estado um insigne batoteiro com o tal jogo das sabinas e das emissões? Não é o estado sócio comanditário do jogo das loterias que por ai pululam, sob vários pretextos qual deles o mais bizarro?

O jogo, segundo ensina a Bíblia, começou com o pai Adão, que teve o azar de perder logo a primeira cartada, comendo a nefasta maçã, perdendo com ele toda a humanidade. Na verdade o pai Adão atirou-se á sorte quando comeu o saboroso fruto.²⁵¹

O progresso e a modernização trouxeram consigo a construção de um novo discurso, no qual a valorização da ética, da moral, da disciplina e do trabalho, que eram vistos como meios pelos quais os trabalhadores construiriam sua identidade²⁵². Para eles, o progresso era

²⁴⁸ Ver, ‘Echos’, In: *O Graphico*, RJ, 15/02/1916, p. 02.

²⁴⁹ No jornal, o Jogo do Bicho recebe as seguintes denominações: “Jogo Drummond” (‘Aos Estivadores o Nosso Apelo’, In: *O Graphico*, 15/02/1916, p. 01), “Jogo do Barão” e “Jogo Calamidade” (‘Meditações’, In: *O Graphico*, RJ, 15/11/1916, p. 01).

²⁵⁰ Ver, ‘Aos Estivadores o Nosso Apelo’, In: *O Graphico*, RJ, 15/02/1916, p. 01.

²⁵¹ Ver, ‘Campanha Contra o Jogo’, In: *O Graphico*, RJ, 16/09/1917, p. 03.

²⁵² Ver, CIAVATTA, Maria. *Op.cit.*

algo positivo, pois terminaria acabando com os sofrimentos individuais. Mas, no primado da ética, até mesmo os confortos desta “nova era”, tal como a luz elétrica ou o cinematógrafo, nem sempre eram vistos com bons olhos pelo trabalhador.

No Rio de Janeiro, cidade encantadora, cujas belezas naturais e extasiantes, deslumbram os olhos ávidos dos que vem de fora, onde o luxo resplandece como se estivéssemos num outro mundo todo de fantasia e esplendor, e onde a miséria também é imensa (perdoem-me a franqueza), existem cinemas talvez mais chics e suntuosos do globo, onde todo esse luxo que delira e essa miséria que assola se exibem diariamente, apreciando com sofreguidão e interesse as maiores celebridades da cinematografia moderna, que nos apresenta, a par de importantes films de rigorosa moralidade, os mais escandalosos exemplos do banditismo e luxuria.²⁵³

3.3) A Primeira Grande Guerra e os trabalhadores

Densas nuvens pairam sobre os horizontes políticos do nosso muito querido e amado Brasil, já avassalado com a tremenda crise – caráter – econômico-financeira – agravada agora com a nova feição que a Alemanha acaba de imprimir à sua atitude de batalhadora na hecatombe sanguinolenta que a perto de três anos enche de horror e de vergonha a tão apregoada civilização ocidental. Parece que os deuses da fome, da guerra, da miséria, a muito foragido, desembestaram pelo mundo a fora e, num gesto de loucura infernal juraram acabar sumariamente com o Planeta Terra. Que futuro nos aguarda o destino deste país tão rico e tão fecundo em grandezas naturais, mas também tão inundado de homens que, na sua direção, só o tem levado de mal a pior, mormente depois que se instituiu este celeberrimo regime de – *Igualdade e Fraternidade*.²⁵⁴

Durante muito tempo, nas páginas de O GRAPHICO, falou-se da Primeira Guerra Mundial. Um longo conflito, em que a dor e a morte estiveram presentes não só na Europa, como em todo o mundo ocidental. Para muitos, ela seria curta e a paz entre os povos estaria assegurada antes mesmo do Natal de 1914, e os jovens soldados deixaram seus lares, suas famílias, cantando, com esperança e com “uma flor na espingarda”²⁵⁵.

O mundo que antecede esse conflito via as distâncias diminuírem, inúmeros países se unificaram, outras autoridades políticas e econômicas surgiram. Os produtos agrícolas na Europa sofreram uma queda brutal de preços, que levou à ruína econômica vários pequenos agricultores, levados à emigração, principalmente para a América.

No Brasil, a guerra serviu de pretexto para o aumento dos gêneros de primeira necessidade, a redução dos salários e a diminuição dos dias de trabalho. Isso acarretou o

²⁵³ Ver, ‘Graphias de Cinema...’, In: *O Graphico*, RJ, 01/07/1917, p. 01.

²⁵⁴ Ver, ‘Meditações’, In: *O Graphico*, RJ, 16/02/1917, p. 02.

²⁵⁵ Ver, FERRO, Marc. *A Grande Guerra: 1914-1918*. Lisboa: Ed. 70, 2002, p.13.

aumento da fome e a miséria entre os trabalhadores. Essas mazelas sociais atribuídas à Grande Guerra transformaram-se em temas para artigos no jornal dos tipógrafos.

Foi no início da guerra européia, calamitosa quadra de fome e desespero que fomos testemunhas dum fato que bastante nos impressionou, e que passamos a narrar.

Passando um dia pela rua Frei Caneca fomos despertados das nossas cogitações aos gritos de: - *Pega ladrão! Pega ladrão!*

Alongando então a vista na direção de onde partiam os gritos, se nos deparou um espetáculo edificante: Um homem alto, magríssimo pelas privações passadas, a quem o outono da vida já tinha atingido, pois seus cabelos começavam a branquear, era perseguido por um moço, dono duma casa de moveis próxima, de onde acabava de subtrair uma cadeira de viagem vulgar que se encontrava á porta do estabelecimento.

(...)

O guarda dirigiu-se ao delinqüente, o qual ao ser interpelado sobre o motivo que o levava a subtrair a cadeira do estabelecimento de moveis, declarou que fora a fome que o induzira a praticar aquela ação de desespero, pois há muitos dias procurava trabalho por toda a cidade sem encontrar, e naquela manhã saira de casa deixando sua mulher e filhos sem uma côdea de pão com que mitigar a fome.²⁵⁶

De igual forma, quando a guerra é apresentada como a justificativa para a redução do salário, aumentam os protestos dos trabalhadores.

A guerra européia é atualmente o melhor argumento para justificar a diminuição de salários e o aumento de preços nos gêneros de primeira necessidade. Até o sabão e as hortaliças sofrem as conseqüências da guerra! Pobre classe, como és explorada!

A par de toda essa miséria, os proprietários de oficinas, valendo-se da desculpa generalizada –guerra- aumentaram o preço nos trabalhos, reduzindo, porém, o já minguado salário do operário, por medida de economia – dizem eles- e nós, sem contar com proteção alguma, somos obrigados a acatar o que o patrão nos diz, si quisermos conservar o lugar.²⁵⁷

Além da questão da fome, a guerra no Brasil deflagrou idéias como o serviço militar obrigatório, instituído pelo presidente da República. Isso foi motivo de inúmeras críticas, já que o capital direcionado para esse projeto poderia servir de incentivo à melhoria da agricultura, à indústria e ao comércio. Dizem os tipógrafos:

Num momento angustioso como o que atravessamos, ao peso da duvidosa perspectiva financeira, cheio de miséria, de ignorância, de vileza e de desmoronamento social: num momento em que um governo forte e verdadeiramente patriota daria o maior impulso á agricultura, á indústria e ao comércio: procuraria estimular a educação e o desenvolvimento das energias que dormem sob a ação da lei do mínimo esforço; ao invés de procurar moralizar os costumes, regularizar os serviços e captar a confiança do povo com obras

²⁵⁶ ‘Justiça Nova’, In: *O Graphico*, RJ, 01/06/1916, p. 01.

²⁵⁷ Ver, ‘Rompendo o Véu’, In: *O Graphico*, RJ, 15/02/1916, p. 02.

maximamente meritórias; ao invés de propagar a instrução pública, facilitando-a, popularizando-a, procurando ativar o seu desenvolvimento no sentido de engrandecer o homem, fazendo-o laborioso, cumpridor dos seus deveres e respeitador das leis não absurdas: o governo, dante de tais grandiosos e essenciais problemas de bem-estar coletivo, procura unicamente cuidar da... *remodelação* da caserna.

Que necessidade temos nós de um fabuloso exercito, se não lhe podemos dar que comer e que vestir, e uma vez que não temos um fabuloso tesouro dada a carência de matéria prima, para o abastecimento de nossa vida diária? Para que precisamos, de um exercito colossal, si não possuimos conduções ferroviárias suficientes para a remoção de tropa, para o norte e o sul do país, *em caso de necessidade?*²⁵⁸

A guerra também despertou nos jovens brasileiros o espírito do voluntarianismo, transformando-se num modismo nacional, impulsionado pela crise econômica. Foram para linha de tiro, além dos jovens estudantes, funcionários públicos e inúmeros operários desempregados.

Uma das novidades mais interessantes da nossa terra, é sem dúvida a acção militar que se desenvolve ao grito de *ás armas* do grande poeta.

Ser voluntário especial ou membro de uma linha de tiro, é, na atualidade, o *chic*. Pertencem a estas classes os estudantes, os funcionários públicos e os desocupados; e alguns operários que no intuito de evitar a reclusão por dois anos na caserna, vão fazendo passagem pelas já celebres linhas de tiro.

Isso não é para todos, os mais desgraçados, que têm tempo, não lhes sobrando dinheiro para se associarem em uma linha de tiro, têm fatalmente que cair nas fileiras e comer o mal amassado pão de *defensor da pátria*.

Agora se vêem soldados fortes e esbeltos nas fileiras como voluntários, mas na ocasião de nortear irão ali cair por dois anos os operários que pagam a vaidade tola dos estudantes ricos e funcionários de sinecuras.²⁵⁹

Mas, para os mais conscientes a guerra não era a solução para os problemas que os trabalhadores atravessavam. Imbuídos do espírito de contestação que percorrera a Europa nos primeiros anos do conflito, os gráficos afirmavam os “perigos” que a guerra representava para a classe operária.²⁶⁰

Este precioso elemento da vida de toda uma população, especialmente da operaria, está ameaçado de subir demasiadamente no seu custo, em conseqüência de uma emenda apresentada por um *pai da pátria* elevando o imposto da farinha de trigo importada cuja agravação vai favorecer a determinados indivíduos – especuladores audaciosos.

Ora, péssima como é a condição de vida da classe operaria, reduzida nos dias de trabalho e nos seus vencimentos, mais agravada será ela, se tal emenda for aprovada pelos que se dizem representantes do povo, mas que em sua quase

²⁵⁸ Ver, ‘O Militarismo’, In: *O Graphico*, RJ, 15/03/1916, p. 03.

²⁵⁹ Ver, ‘Echos’, In: *O Graphico*, RJ, 01/11/1916, p. 03.

²⁶⁰ Ver, FERRO, Marc. *A Grande Guerra: 1914-1918*. Lisboa: Ed. 70, 2002.

totalidade outra coisa não fazem senão servir dos interesses dos capitalistas estrangeiros de mãos dadas com brasileiros degenerados e sem brio. É isso mais um ensinamento para o povo, infelizmente capaz de se insurgir contra essa quadrilha de salteadores que jurou reduzir-nos á situação de míseros famintos. Temos esperança, porém de que ele algum dia saberá punir os culpados da sua desgraça.²⁶¹

A guerra, proveniente da “velha e civilizada” Europa²⁶², foi vista pelos gráficos como uma calamidade rubra e de fogo, que estava sendo escrita com tintas carregadas de sangue e que marcaria a história da humanidade. Foram inúmeras as conseqüências dolorosas trazidas por esse conflito para esses homens. A rápida escassez do papel usado nas tipografias gerou a ganância daqueles que haviam armazenado essa matéria-prima.

Com o estalar da horrível crise européia sentiram-se e com razão as fábricas de tecidos, cuja matéria-prima anteriormente vinha dos países que se meteram na luta; (...), e sentiram-se dobradamente as casas de trabalho gráfico, porque o *stock* de papel no mercado desde logo escasseou, começando então a ganância dos que o tinham em maior quantidade a procurar os meios de tirar proveito da situação.

Os verdadeiros industriais gráficos desta capital, porém, cômnicos das responsabilidades que os seus estabelecimentos tinham para com a freguesia, conseguiram dar um remédio à crise, de forma que a situação de anormalidade nas suas casas só teve a duração indispensável ao acomodamento das coisas e, assim, vindo de outras procedências o papel para a impressão, foram suprimidos os *feriados* forçados do seu pessoal e novamente, aos poucos, forma voltando à antiga taxaço as diárias dos operários.

Os outros, porém, os que tanto têm propensão para donos de casas de trabalho gráfico como não a deixam de ter igualmente para gerentes de casas de aves e ovos ou de carvão e lenha, esses, continuam a tirar partido das dificuldades criadas pela conflagração européia para o desdobramento de sua eterna fita e para justificar os calotes passados nos poucos que admitem a trabalhar nas suas baiúcas, embora a eles não lhes falte nunca dinheiro para a satisfação das extravagâncias do instinto ou para as exibições tolas das suas vaidades.²⁶³

Com medo de perder o trabalho, vários tipógrafos se submeteram à exploração, sendo os seus salários diminuídos e suas horas de ofício aumentadas. Por causa da guerra, o gráfico, que durante muito tempo, era o operário mais bem remunerado, reclama estar igualado: “(...) à categoria *misera de um farrapo, de um trapo, que só é utilizado quando muito necessário, sendo depois jogado a um canto, à espera de um outro momento de utilização, de uma outra necessidade em suma...*”²⁶⁴

²⁶¹ Ver, ‘O Pão’, In: *O Graphico*, RJ, 01/01/1916, p. 03.

²⁶² Ver, ‘Sem pão’, In: *O Graphico*, RJ, 01/04/1916, p. 02, de acordo com o artigo, “A crise de trabalho torna-se cada vez mais aguda, a falta de trabalho é quase geral, e não sei ao certo a causa dessa tremenda miséria. Será devido à escassez de dinheiro? Será devido à carnificina bárbara e exterminadora de que a velha e civilizada Europa nos dá uma lição *civilizadora*?”.

²⁶³ Ver, ‘Industriais e Aventureiros’, In: *O Graphico*, RJ, 01/04/1916, p. 01.

²⁶⁴ Ver, ‘E Recomeçou a Façanha’, In: *O Graphico*, RJ, 15/04/1916, p. 01.

Por se corresponderem com vários jornais estrangeiros, como *O Gráfico*²⁶⁵, proveniente de Portugal, os tipógrafos cariocas noticiam as denúncias feitas no exterior do caráter “capitalista” e antioperário do conflito.

Os capitalistas portugueses, vibrando todos num sentimento de patriotismo que não nos metemos a analisar, em represália ao ato da Alemanha declarando às abertas a guerra à nação portuguesa, tomaram, entre outras medidas, a de estabelecer a *boicotage* aos gêneros alemães, ou melhor, a toda indústria e comércio dos filhos daquele país.

Operários que somos sem preferência ou paixão por este ou aquele beligerante, estamos muito à vontade para taxar a idéia de perseguição comercial, nascida nas reuniões dos comerciantes portugueses, de absurda e infeliz.

Homens de dinheiro, fartos, portanto, nem de longe lhes ocorreu ao cérebro a idéia de que o Brasil é um país que luta presentemente com a mais pavorosa das crises de trabalho.

Se lhes houvesse ocorrido tal consideração e mais a de que, estando em um país neutral e livre, as suas medidas patrióticas não poderiam ultrapassar um certo limite, -- certamente aqueles capitalistas teriam posto à margem semelhante desastrado alvitre.

A *boicotagem* é um recurso extremo e lógico mesmo, quando colocado o indivíduo que o quer empregar num terreno firme de direito e de justiça no capítulo das represálias. Ora, esse recurso, desde quase dois anos passados, no livre oceano, vem sendo exercido pela Grã-bretanha, não permitindo que a sua inimiga do centro da Europa mantenha relações comerciais com o resto do mundo.²⁶⁶

No Brasil, as críticas estavam centradas nas medidas tomadas pelo presidente Wenceslau Brás, que instituiu o imposto de guerra sobre os gêneros alimentícios.

O presidente da República qualifica de imposto de guerra o que o seu governo prepôs sobre gêneros de primeira necessidade. Mas, o presidente da República está vendo que, nos próprios países europeus em guerra, o imposto de consumo não tem sido lembrado, antes tem sido repellido como inaceitável no momento em que a vida tem tanto encarecido e a população sofre dificuldades até para alimenta-se. Acautelem-se os nossos dirigentes. O povo brasileiro, a depósito de sua proverbial mansidão, não tolere novos impostos que venham atormentar-lhe ainda mais a existência, quando a sua pobreza, a sua miséria é diariamente afrontada pela vida de bem-estar e de luxo de alguns, sem privação de custosos entretenimentos e receio, em contínuos banquetes e festas, a que alimentam fortunas escandalosamente adquiridas com a dilapidação dos dinheiros públicos, da qual querem esses mesmos dirigentes sejam eles, os pobres, os pagadores.

Imposto de honra! Porventura esse povo será tão ignorante que não tenha mais noção de sua existência?

²⁶⁵ O citado jornal, que circulou na cidade de Lisboa entre os anos de 1916 até 1923, era confeccionado pela Federação Portuguesa dos Trabalhadores do Livro de do Jornal. Cabe aqui ressaltar que não foi apenas esse jornal que mantinha contato com O Graphico. Jornais operários provenientes de diferentes partes do Brasil e do mundo chegaram às mãos dos tipógrafos cariocas. Havia uma seção intitulada ‘Jornais e revistas’, que anunciava o recebimento dos exemplares de folhetins e jornais estrangeiros, tais como: Estudios e Exito Gráfico – Argentina.

²⁶⁶ Ver, ‘Idéas Infelizes’, In: *O Graphico*, RJ, 15/04/1916, p. 02.

Oh, povo brasileiro! Acorda dessa letargia e vem explicar o teu sofrimento, as tuas privações, a tua falta de recursos, pois que eles pensam que tu és o camelo da lenda: - carregar um peso que não suportas, até dobrares os joelhos...²⁶⁷

Para os gráficos a guerra era um grande flagelo triste e doloroso pelo qual a sociedade deveria passar, por causa do regime social que vigorava. Em sua visão, eles a toleravam já que era algo que escapava, ou seja, impossível de evitar.

Sob o domínio da guerra as nações recuam para o passado tenebroso em que a força era reguladora das pendências, o epílogo rude de erros da política, ou de desmandos de déspotas, ou de desejos de hegemonia, ou de conquistas de povos fracos e sem defesa de força equivalente.

CONCLUSÃO

Nesses mais de quinhentos anos de história do Brasil, datas, locais e nomes não são o que mais importam. As diferentes formas de organização social que existiram e existem no

²⁶⁷ Ver, 'O Imposto de Honra', In: *O Graphico*, RJ, 01/08/1916, p. 01.

país, isso sim é o que importa. Assim, esse trabalho, longe de querer resgatar integralmente um determinado passado, buscou apresentar estruturas dinâmicas plenas de vida construídas por homens, mulheres e crianças, que simultaneamente ajudaram a forjar/construir o país.

A partir da Reforma empreendida pelo prefeito Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, pessoas comuns, como Diocleciano, Raimundo, João, Edgard, José, Jotta Effe, Alpino, Edina e outros tipógrafos não menos importantes, que viviam em casas de cômodos e nas pequenas pensões do centro da cidade, foram despojados de seus “lares”, tendo que se dirigir ao subúrbio carioca.

Diariamente, a pé ou de trem, esses e outros operários chegavam aos seus locais de trabalho. Nas oficinas tipográficas, editavam os jornais e livros que seriam lidos pelos homens letrados. Contudo, à frente da composição das linhas e também nas entrelinhas das páginas a serem publicadas, estavam esses homens comuns, que valorizavam muito a necessidade de saber ler e escrever. Por força do ofício e do hábito, liam muito. Conheciam diversas histórias, heróis e, até mesmo, as pessoas comuns não lhes passavam despercebidas.

Eram homens comuns que casavam cedo, davam valor à sua família e às suas conquistas sociais. Em seu ofício-arte, viam-se como mestres, título que para eles facultava o direito de criticarem os textos mal escritos de quem quer que fosse.

Em seus lugares de trabalho, as péssimas condições de higiene provocavam a disseminação da tuberculose. Além desse, outros males, como a cegueira precoce e a cirrose de fígado, eram comuns. Morriam e deixavam suas viúvas e filhos na extrema pobreza, o que obrigava essas crianças a deixarem de estudar para trabalhar.

Tudo isso nos foi descrito pelos tipógrafos do jornal O GRAPHICO, que a partir dos seus artigos retrataram um pouco da realidade social vivida pelos operários do Rio de Janeiro. Eles, que se autodenominavam “operários do pensamento”, utilizaram-se da palavra impressa para forjarem uma construção de si mesmos, como operários letrados, o que, para eles, lhes dava um lugar de destaque no mundo do trabalho carioca.

Viviam entre dois mundos: de dia, trabalhavam nos jornais de grande circulação da cidade, e à noite se reuniam na sede de sua Associação gráfica, para discutirem os problemas de seu grupo e também as questões sociais, políticas e econômicas de sua época, que influenciavam, de modo geral, a vida do operariado brasileiro. Demonstravam uma preocupação em conscientizar os outros trabalhadores da necessidade de se escolarizarem e, assim, fortalecerem o movimento operário.

A educação, a prática do conhecimento formal, o fortalecimento do sindicato e a sua utilização como local de práticas culturais, políticas e de denúncia eram elementos que

compunham o seu projeto político-educacional, difundido através dos artigos escritos e publicados no seu jornal, criado a partir da fundação da Associação Gráfica do Rio de Janeiro.

O jornal torna-se um veículo de mobilização e de denúncia de todas as mazelas e conquistas sociais não apenas dos gráficos, mas também de outros trabalhadores. A sua valorização, como um espaço de lutas e vitórias pode e deve ser entendido como forma de apropriação de outras visões de mundo presentes num determinado cotidiano social.

Não apenas os editores do jornal O GRAPHICO, como os tipógrafos de uma forma em geral, se viam como participantes de um processo muito mais amplo no que diz respeito à construção de idéias e, por isso, se sentiam diferentes dos outros operários. Nas páginas do seu jornal, retratavam as condições de vida e de trabalho na cidade do Rio de Janeiro e por vezes no Brasil, a partir de um olhar típico de um grupo de operários. Fruto de uma importante parte da capacidade humana de se representar, o jornal terminava por ajudar na reconstrução da história de uma dada sociedade, dando significado a essas várias representações existentes. Torna-se uma outra forma de educar e de ler o mundo. Entender como esses seres humanos, produziam suas próprias condições de existência tanto no plano material como no simbólico foi a proposta desse trabalho.

Propusemos-nos, em termos teóricos, a analisar alguns conceitos fundamentais para a interpretação e o estudo do jornal como fonte histórica. Ao longo da revisão dos autores, que serviram de base para o presente trabalho, aprofundamos certos conceitos, como: mundo do trabalho e cultura operária, imagem e representação, memória e história.

Através dos estudos metodológicos de teóricos como Carlos Ginzburg, com seu paradigma do indiciário e Roger Chartier, com a idéia de apropriação das idéias de um grupo por outro, foi que desenvolvemos um trabalho analítico do jornal O GRAPHICO, como fruto de um processo social complexo, que, além de objeto de informação, transformou-se em produto da mesma.

Revelar uma história, escondida nas entrelinhas dos artigos, foi o maior desafio do uso desse jornal como fonte histórica. A reconstrução de uma cidade e de seus habitantes, presentes nos textos escritos pelos tipógrafos, nos levaram a montar um grande jogo de quebra-cabeças, no qual cada peça, ao ser encaixada, desvendava parte de uma memória fragmentada, porém reveladora de um olhar peculiar sobre uma dada realidade social.

Identificar e organizar cada peça, ou seja, cada parte dessa memória, auxiliou-nos no trabalho de interpretação dos dados coletados, além de nos proporcionar a realização de vínculos entre os acontecimentos descritos pela História e o olhar dos tipógrafos, a partir, claro, de uma representação lógica.

A criação do jornal e do seu sentido ocorre em certo espaço e tempo histórico, nos quais alguém produz artigos que serão publicados sob determinadas condições e que terminarão sendo apropriados e utilizados no sentido de construir dada memória; logo, uma história.

Como uma forma de medir os processos sociais, os artigos do jornal revelavam não apenas o cotidiano de uma cidade, mas também as particularidades da vida dos operários. As relações entre trabalhadores e patrões transformaram-se em informações relativas do contexto de uma época, compondo o que se chamou de mundo do trabalho.

Em si próprio, o jornal retrata imagens de uma sociedade cujas restrições impostas pelos patrões, à carência de assistência por parte do Estado, a falta de direitos trabalhistas, a repressão aos sindicatos e associações operárias, as péssimas condições de vida e saúde, estavam presentes no cotidiano social dos operários.

A chegada das máquinas linotipos nas tipografias do Rio de Janeiro se transformou num elemento decisivo no que diz respeito à divisão entre os gráficos, no início do século XX. A rivalidade entre os linotipistas e os tipógrafos, que se intitulavam artistas, intensificou-se no momento em que os patrões começaram a utilizar a diferença salarial para aumentar ainda mais o controle dentro das tipografias.

Nesse momento, a Associação Gráfica do Rio de Janeiro estimulou ainda mais a união entre a categoria. Para tal, promoveu concursos e exposições, que tinham como objetivo reavivar a idéia de que o trabalho gráfico, na sua essência, era uma arte.

Mesmo após algumas vitórias, como a regulamentação do trabalho infantil, as condições de trabalho e as grandes jornadas de trabalho ainda permaneceram. A manutenção e a utilização da mão de obra feminina e infantil, além de ampliar, em muito, a produtividade, durante muito tempo ainda foi fonte de lucro para os industriais brasileiros.

Ao longo da leitura dos artigos de O GRAPHICO nos foi possível perceber o quanto seus articulistas buscaram preservar uma memória de sua categoria, e também alertaram os outros operários quanto à necessidade de manterem presentes em suas lutas diárias o verdadeiro significado do “ser” operário. Relatos de histórias que remetessem a um passado de glória e esplendor, principalmente dos gráficos, são observados ao longo dos 2 (dois) primeiros anos de publicação do jornal. Textos que primavam por explicar a origem das doutrinas socialistas e anarquistas, nos quais o intuito era instruir o trabalhador sempre se faziam presentes.

A difusão de uma consciência dos direitos civis e sociais dos trabalhadores, bem como a necessidade desses homens se unirem através de um sindicato para lutarem pelas

melhorias das condições de trabalho e, assim, conquistarem seus espaços de atuação, era constantemente abordada nos textos editados no jornal.

A memória coletiva desses operários nos foi deixada nas páginas de O GRAPHICO, através de artigos e algumas fotografias publicadas em suas páginas, permitindo que permitiram o Edgar, João, Araldo, José, Raimundo, Rosendo e outros, deixassem de ser apenas nomes e ganhassem rostos. A narrativa desse trabalho foi composta, como num quebra-cabeça, por fragmentos deixados por pessoas comuns em um jornal operário. Organizá-los, dando forma e corpo, isso é situá-los em um determinado tempo e espaço. Analisar, selecionar e organizar as informações, dando forma e corpo, situando-as em um determinado tempo e espaço, tarefa do historiador, pretendeu mediar uma fração da vida de um determinado segmento sociedade brasileira, mais precisamente carioca.

Ler seus artigos nos permitiu entrar em um passado, não muito distante, porém revelador de singularidades que fizeram e fazem parte da vida dos trabalhadores brasileiros. As informações contidas no jornal O GRAPHICO não se esgotaram... O presente estudo privilegiou alguns fragmentos da memória desses homens e mulheres, que viram na imprensa operária, tão perseguida pelo poder governamental, um espaço de luta e conquista de valorização do ser trabalhador. Homens e mulheres, até então ocultos, nos deixaram partes de uma memória de muitas lutas e poucas conquistas. Mas, ao ler as entrelinhas de seus artigos, pudemos perceber que muito mais do que discussões políticas e conquistas sociais, eles deixaram exemplos de vida....

O presente estudo não se encerra aqui. Na realidade abriram-se novas formas de leitura, pois a História é um ato contínuo de tecer. O tecelão, isto é, o historiador, ao se deparar com fios díspares, às vezes rotos e quebrados, arruma-os e forma uma nova tela, ou seja, surge um novo olhar, uma nova forma de interpretar o objeto estudado.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha & SOIHET, Rachel. *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

- ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2ª ed. Revista, 2002.
- AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). *Usos & Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- ASA, Briggs & BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BARBOSA, Marialva. “Operários do pensamento” (*visões de mundo dos tipógrafos no Rio de Janeiro 1880-(1920)*). Niterói, RJ: ICHF _ UFF, 1991.
- BATALHA, Cláudio H. de M. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BATALHA, Cláudio H. de M, SILVA, F.T. & FORTE, Alexandre. *Culturas de classe: Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Unicamp, 2004.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BURKE, PETER (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. USP, 1992.
_____. *Escola do Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Jorge Zahar, 2000.
- CARDOSO, Ciro F. *Uma introdução à história*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CARDOSO, Ciro & VAINFAS, Ronaldo (org). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARONE, Edgard. *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo: Difel, 1984.
- CARVALHO, Carlos H. *República e imprensa. : as influências do positivismo na concepção de educação do professor Honório Guimarães*. Uberlândia: Edufu, 2004.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
_____. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
_____. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CERTEAU, M. DE. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar & botequim: cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- _____. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.
- _____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- COSTA, Angela M. & SCHWARCZ, Lilia M. *1890-1914. No tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- COSTA, Caio Túlio. *O que é anarquismo*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CRUZ, Heloisa de Faria. *Na cidade, sobre a cidade: cultura letrada, periodismo e vida urbana. São Paulo: 1890/1915*. São Paulo: USP, tese de doutorado, 1994.
- CRUZ, Maria Cecília Velasco. *Amarelo e negro: matizes do comportamento operário na República*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1981.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.
- DEAN, W. *A industrialização em São Paulo*. São Paulo: Difel, 1974.
- DOSSE, F. *A História*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- _____. *A história em migalhas. Dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ensaio, 1992.
- FAUSTO Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- FENTRESS, J. & WICKHAM, C. *Memória social*. Lisboa: Teorema, 1992.
- FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de A. N. *O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA, Maria N. *A imprensa operária no Brasil – 1880-1920*. Petrópolis: Vozes, 1978.

- FERREIRA, Marieta de M. (org.). *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- FERRO, Marc. *A grande guerra: 1914/1918*. Lisboa: Ed. 70, 2002.
- _____. *O ocidente diante da Revolução Russa*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GEERTZ, Clifford. *A nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *O queijo e os vermes*. São Paulo: companhia das Letras, 1987.
- _____. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, emblemas e sanais*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- GOMES, Ângela Maria de C. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo: Vêrtice: editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, 1988.
- _____. *Cidadania e direitos do trabalho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- _____. (org). *Escrita em si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- HALBWCHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HOBBSAWM, E.J. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1994.
- LINHARES, Hermínio. *Contribuição à história das lutas operárias no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.
- LOBO, Eulália Maria L. “Formação do operariado e movimento operário no Rio de Janeiro – 870-1894”. In: *Estudos Econômicos*. São Paulo: IPE, 1985.
- MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MARX, Karl. *As lutas de classes na França (1848-1850)*. São Paulo: Global, 1986.
- NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU, 1974.
- NOVAIS, Fernando (org). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, v.3, 1998.

- OLIVEIRA, José de Reis. *O Rio e seus prefeitos: evolução urbanística da cidade*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, vol. 03, 1986.
- PERROT, Michele. *As mulheres e os silêncios da História*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- PORTO, Oswaldo R. “A era das demolições: a cidade do Rio de Janeiro 1870-1920”. In: *Biblioteca carioca*. Rio de Janeiro: SMC, 1986.
- REVEL, Jacques (org). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- RIO, João do. *A Alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro, Sec. Mun. Da Cultura, 1987
- RIOUX, J-P & SIRINELLI, J-F. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1997.
- SANTOS, Wanderly G. *Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- SCHWARZ, Lílian M. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo, 1995.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura. O testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- SINGER, Paul. *A formação da classe operária*. São Paulo: Atual, 1988.
- TOLEDO, Edilene T. *Travessias revolucionárias. Idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas, SP: Unicamp, 2004.
- THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Unicamp, v. 1, 1987.
- _____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. 1998.
- _____. *Miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, s/d.
- _____. *Tradición, revuelta y consciencia de clase: Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelos: Editorial Crítica, 1984.
- VELLOSO, Mônica. *Que cara tem o Brasil? Culturas e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- VENÂNCIO, Renato P. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

VERÓN, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix: ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

VITORINO, Artur J.R. *Máquinas e operários: mudança técnica e sindicalismo gráfico (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912)*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SINGER, Paul. *A formação da classe operária*. São Paulo: Atual, 1988.

ANEXO

O GRAPHICO/ 1916						
Mês	Carestia e a Questão Social	As tipografias e a Associação	Trabalho infantil e feminino	Higiene e Saúde	Educação e Cidadania	Política
Janeiro	'Editorial' 'A carne'	'A nossa Associação' 'Notas à margem' 'É preciso'	'As 8 horas de trabalho'	'Notas à margem' 'O alcool' 'Revendo' 'Revendo'	'Editorial' 'Esboço' 'Typographico' 'Modos de ver' 'A escola profissionalizante'	'A nossa associação' 'As promessas dos' 'Expediente'
Fevereiro	'Imprensa nacional' 'Ridendo castigare'	'Notas à margem' 'Uma palestra' 'Modos de ver'	'O trabalho' 'Echos' 'O nosso fim' 'Rompendo o veio' 'Poucas palavras'	_____	'Modos de ver'	'Nós, e o projecto' 'Notas à margem' 'Avante, ainda'
Março	'Echos'	'Industreas' 'Até que'	'Exemplo a ser' 'Divisão do trabalho' 'Industriais' 'Carapuças'	'Solidariedade'	'Uma data' 'Coisas da' 'Um por todos' 'Modos de ver'	'Modos de ver' 'Echos' 'A velha megera' 'O nosso' 'Assalto' 'Acção operária'
Abril	'Sem pão' 'Echos' 'O desenvolvimento' 'Pelo bem'	'Pelo bem'	'Coisas da arte' 'Por nós, e'	_____	'Modos de ver' 'Reflexões' 'O fim a' 'O discurso do'	'Reflexão' 'Echos' 'Industriaes'
Maio	'Crise do papel'	'Echos' 'A união faz'	_____	'O alcoolismo'	'Desilusão'	'Disilusão' 'Acção operária' 'Anarquia'
Junho	_____	_____	'Sempre' 'Aos industriais'	_____	'O projecto' 'Contra' 'O aprendizado' 'Pontos nos'	'1917' 'Echos'
Julho	'Os nickeis' 'Quem Qui' 'Ridendo'	'A associação' 'Reflexão' 'Toque de' 'Echos' 'Uma boa vida' 'Divagações'	_____	'A peste branca' 'Pedacos de ou' 'Echos' 'A machina'	'Educação'	'Accidentes' 'Conversa fiada'

O GRAPHICO/ 1916						
Mês	Carestia e a Questão Social	As tipografias e a Associação	Trabalho infantil e feminino	Higiene e Saúde	Educação e Cidadania	Política
Agosto	'O festival'	'Astúcias' 'Anamorphose' 'E...mais' 'Anamorphose' 'De Theophilo'	'O trabalho' 'Para que os colegas'	_____	'O aprendizado' 'A questão'	'O imposto de honra' 'Echos'
Setembro	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Outubro	'Justiça' 'Socialismo' 'A brutal'	'Viva a Associação' 'Echos' 'Liga de associações' 'Associação typographica bahiana'	'Justiça'	'Golpe terrível'	'Echos'	'A brutal carestia'
Novembro	'Meditações' 'Uma tentativa' 'Socialismo'	'Associação graphica' 'A sessão' 'Ligiero histórico' 'Echos'	'Carta aberta'	'A peste branca'	'A sessão' 'Reflexões' 'Echos' 'Socialismo'	'Reflexões' 'Uma phrase'
Dezembro	'Socialismo' 'Palestras'	'Meditações' 'Echos' 'Palestras'	_____	'Justiça e' 'Meditações' 'Socialismo'	'Bellos exemplos' 'Palestras íntimas'	'Bellos exemplos' 'Socialismo' 'Justiça' 'Socialismo' 'Politicagem'

O GRAPHICO/1916						
Mês	1ª Guerra Mundial	As máquinas e os novos grupos	A categoria: arte/união	Saudosismo	Operários estrangeiros	Relação com outras categorias
Janeiro	'Reminiscências' 'Reflexões'	'Na expectativa'	'Editorial' 'A nossa associação' 'nova tentativa' 'Canto typographico'	'Editorial'	'Notas à margem'	_____
Fevereiro	'Ridendo castigare' 'Rompendo' 'Nickeis'	'Motores e machinas' 'Ridendo catigari' 'Esboço typographico'	'Modos de ver'	_____	'O nosso fim'	'Modos de ver' 'Uma palestra' 'Aos estivadores'
Março	'Até que' 'O militarismo'	'Os emmendadores'	'Sejamos solidarios e amigos' 'União em primeiro lugar' 'Modos de ver' 'Avante, ainda!' 'A grande'	'Esboço typographico' 'Falecimentos'	_____	_____
Abril	'Industreaes' 'Sem pão' 'E recomeçou' 'Idéas' 'Acção'	'Por nós'	'Prosigamos' 'Esboço typographico' 'Modos de ver' 'Um bello exemplo' 'Perfidas' 'Acção pop'	'Recordando'	'Industreaes' 'Acção operária'	'O desenvolvimento'
Maio	'Idéas inf' 'Disilusão' 'Acção operária'	_____	'A imprensa' 'O desenvolvimento'	'Disilusão'	'Acção operária'	_____
Junho	'Justiça' 'Razão fim'	_____	'Ridendo castigare' 'Esboço typographico'	_____	_____	_____
Julho	'Echos'	_____	'Alguma coisa' 'O aprendizado' 'Perversidade'	'Razões' 'A saudade' 'Esboço typographico' 'Divagações' 'Nota curiosa'	_____	_____

O GRAPHICO/1916						
Mês	1ª Guerra Mundial	As máquinas e os novos grupos	A categoria: arte/união	Saudosismo	Operários estrangeiros	Relação com outras categorias
Agosto	'O imposto'	'Alguma coisa' 'O aprendizado' 'Perversidade'	'O trabalho' 'Para que os colegas'	'Matadouro'	'O aprendizado' 'A questão'	'O imposto' 'Echos'
Setembro	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Outubro	_____	_____				
Novembro	_____	'O corrier' 'Informações'	'A sessão solene' 'Várias notas' 'Associação graphica'	'A sessão solene'	'Carlos Tesca'	'A sessão solene' 'Várias notas' 'Carlos Tesca'
Dezembro	_____	'Meditações'	'A união' 'Echos' 'Informações'	_____	_____	_____

GRAPHICO/ 1917						
Mês	Carestia e a Questão Social	As tipografias e a Associação	Trabalho infantil e feminino	Higiene e Saúde	Educação e Cidadania	Política
Janeiro	'A Typoraphia' 'Peste, fome e guerra' 'Meditações'	'A Typographia' 'Echos' 'Na expectativa'	_____	'Peste, fome e doenças' 'Palestras'	'A Typographia' 'Reflexões' 'Socialismo' 'Meditações'	'A Typographia' 'Reflexões' 'Socialismo' 'Há um anno' 'Meditações'
Fevereiro	'Meditações'	'A Lucta' 'João Leuenroth' 'A última' 'Lutemos' 'Em marcha' 'Syndiato' 'Meditações'	_____	_____	'O operario' 'Meditações'	'O operario' 'Meditações'
Março	'O saque' 'Crueldade' 'Socialismo' 'Mosaico' 'O princípio' 'Reflexões' 'Campanha'	'As associações' 'Echos' 'O princípio'	'A aprendiz' 'Crise de trabalho' 'Exploradores' 'Crueldade' 'Escravidão'	'Crueldade' 'Mosaico' 'Hygiene' 'Echos' 'Meditação' 'Campanha'	'O saque' 'Echos' 'Socialismo'	'O saque' 'Echos' 'Socialismo'
Abril	'Reflexões' 'Meditações' 'Na fogueira'	'Aos retinentes' 'Duas palavras' 'Pro graphico' 'Pelas officinas'	'A valor' 'Meditações' 'A fadiga' 'Escolas' 'Typographias'	'A classe graphica' 'Pro graphico'	'O valor' 'Pro graphico' 'A fadiga'	'O valor' 'Pro graphico' 'A fadiga'
Maio	'A jornada' 'A carestia' 'O culto' 'A quem'	'Meditações' 'Quem devemos' 'A quem' 'Sem título'	'O aprendizado' 'A exploração'	'A jornada de trabalho' 'Hygiene' 'Quem devemos' 'A quem' 'Sem título' 'Uma officina'	'A carestia' 'Meditações' 'Trecho'	'A carestia' 'Meditações' 'Trechos'

Junho	'No paiz' 'Leis operárias' 'Os mártírios'	'Pela solidariedade' 'Centro operário' 'Movimento' 'União'	'Lamurias' 'Pela liberdade' 'Reflexões'	'Um pouco'	'Reflexões' 'Patriotismo'	'Leis operárias' 'Patriotismo' 'Avalanche'
Julho	_____	'O regimento' 'União' 'Associação graphica'	'Techica' 'Uma nova'	'O regimento' 'O 58' 'Pela verdade'	'Pequenas ideias'	'Jogo franco' 'Reflexões'
Agosto	'Trechos'	'No combate' 'Um apello' 'Em acção' 'A uma transfuga' 'O bicho'	'Pacheco' 'O trabalho do menor' 'O operário'	'Mosaico'	'O aprendizado' 'Biblioteca socialista'	_____
Setembro	'Os acambarcadores'	'Desfaz' 'Aviso' 'Martyres' 'O nosso'	'Trecho' 'O despacho'	'Outra sapucaia'	'O nosso'	_____
Outubro	'O salário mínimo'	'O reconhecimento' 'O que faremos' 'Mais um anno' 'O despacho da classe'	'Trabalho dos menores'	'Mosaico' 'De relance' 'Uma especulanca' 'Coelho'	'Salário Mínimo' 'Biblioteca socialista'	_____
Novembro	'Conquista de direitos' 'Uma idéia'	'Um dia de festa' 'De relance' 'Associação de classe' 'Conquista de direitos'	'Reclamações'	'De relance' 'Hygiene' 'Contra o alcoolismo'	'O que eu' 'Eduquemo-los'	_____
Dezembro	'Exposição graphica'	'É nosso dever' 'Quem é' 'Sejamos'	_____	_____	'Espalhamos a'	_____

O GRAPHICO/1917						
Mês	1ª Guerra Mundial	As máquinas e os novos grupos	A categoria: arte/união	Saudosismo	Operários estrangeiros	Relação com outras categorias
Janeiro	'Peste, fome e guerra' 'Echos'	'Informações'	'A typographia' 'Echos' 'Socialismo' 'Informações'	'Na expectativa'	_____	_____
Fevereiro	'Echos' 'Meditações'	_____	'A lucta' 'Lutemos pela' 'Echos'	_____	_____	_____
Março	'Os sem'	'Technica' 'Os lynotipos'	'O aprendizado' 'Crueldade' 'Os sem' 'Crise de' 'Os lynotipistas'	_____	'Meditações'	_____
Abril	'Comentando' 'Meditações' 'Na fogueira' 'Duas palavras'	'Technica'	'O valor' 'Aos renitentes' 'Duas palavras' 'Na fogueira' 'Escolas' 'Uma data'	_____	_____	'O valor' 'Echos' 'Meditações'
Maio	'Quem devemos' 'A guerra'	'Technica' 'Uma officina' 'Technica'	'O 1º de maio' 'Quem devemos' 'A quem'	_____	_____	'Movimento internacional'
Junho	'Justiça' 'Razão fim'	_____	'Ridendo castigare' 'Esboço typographico'	_____	_____	_____
Julho	'O regimen'	'Technicas' 'A comandida'	'Reflexos' 'Pé quebrado' 'equenas ideas' 'Trechos escolhidos'	_____	_____	_____

O GRAPHICO/1917						
Mês	1ª Guerra Mundial	As máquinas e os novos grupos	A categoria: arte/união	Saudosismo	Operários estrangeiros	Relação com outras categorias
Agosto	_____	'Technica'	'Pé quebrado' 'Em acção' 'O que é a'	_____	'Confronto'	_____
Setembro	_____	'Technica'	'Pé quebrado' 'Como devemos'	_____	'Mosaico'	'O primeiro embate'
Outubro	'O que é a' 'O oriente' 'Mosaico'	'Para todo o graphico' 'Technica'	'Pé quebrado' 'De relance' 'Oriente à lucta' Correspondência 'Reinados'	_____	'trecho escolhido'	_____
Novembro	_____	_____	'Eduquemo-nos' 'Deus e o operário' 'Fantoches' 'A união'	_____	_____	_____
Dezembro	'Só deveres' 'Exposição graphica'	_____	'Modos de' 'Exposição graphica' 'Ressurge'	_____	_____	_____

O GRAPHICO/ 1917						
Mês	Questões Lúdicas	Correspondência com outros jornais	As oficinas e as questões trabalhistas	O 1° de Maio e as graves	O cotidiano no Rio de Janeiro e a exposição	Curiosidades e Palestras Íntimas
Janeiro	'Federação'	'Jornaes e revistas' 'Imprensa' 'Jornais'	'A typographia' 'A vida alheia' 'A imprensa' 'Justiça e'	'Meditações'	'O momento' 'Palestras' 'Meditação' 'Viva a' 'Echos'	'A vida alheia' 'A imprensa' 'Caracteres' 'Papel' 'Echos' 'A educação feminina' 'Organização graphica'
Fevereiro	'João Leuenroth' 'Meditações'	'Congrasso de' 'Jornaes'	'Lutemos'	_____	'Meditações'	'Echos' 'A educação da mulher'
Março	'Echos'	_____	'Bons' 'Crise de' 'Crueldade' 'Mosaico'	_____	'Bons' 'Crueldade' 'Mosaico'	'O saque' 'Exploradores' 'Socialismo' 'A educação'
Abril	_____	'Jornaes' 'Jornaes'	'A classe graphica' 'Pro graphico' 'Chefes'	'Trecho'	'Classe graphica' 'Pro graphico' 'O chinelo' 'Duas palavras'	'O chinelo' 'Mosaico'
Maio	'Sem título'	'Jornaes' 'Uma officina' 'Jornaes'	'Hygiene dos' 'Quem devemos' 'A exploração'	'O 1° de maio' 'Trecho' 'Reflexões'	_____	'Chefes e' 'Mosaicos' 'A originalidade' 'Mosaico'
Junho	_____	_____	'Os chefetes' 'Uma officina'	'Leis operárias'	'Pela liberdade'	'Cheiro de' 'Admirável'

Julho	_____	'Uma carta'	'A papelada' 'O 58'	_____	'Graphics' 'Pela verdade'	'Mosaico'
Agosto	_____	_____	'Em acção' 'O Pacheco' 'Em acção'	'No combate' 'A greve'	'O bicho' 'O que é' 'A propósito'	'A propósito'' 'Na grafica' 'Mosaico'
Setembro	_____	'A última' 'Os açambarcadores' 'Uma vitória'	'Uma officina' 'Proeza' 'Zé Maria' 'A boa caminhada' 'Minando' 'Pacheco'	'A classe' 'Questão grafica' 'O operariado' 'Para meditar'	'A camapnha'	'Os traidores' 'Mosaico' 'Aldo'
Outubro	_____	'Annales graphics' 'Correspondência'	'Relance' 'O despreparo da classe' 'De relance' 'Orientação'	'O fim da'	'O que faremos' 'O segundo anno' 'Mais um anno'	_____
Novembro	'Saudação'	'Exemplos a seguir'	'Aos companheiros' 'O que eu' 'O favorito'	'Aviso'	'Hygiene' 'Um dia de festa' 'Exposição grafica' 'O segundo aniversário'	_____
Dezembro	_____	_____	'É nosso' 'Resurge a' 'Officina' 'Leis operárias'	_____	'Exposição grafica'	'Modos de ver' 'Literatura' 'Reclamações'

GRAPHICO/ 1918						
Mês	Carestia e a Questão Social	As tipografias e a Associação	Trabalho infantil e feminino	Higiene e Saúde	Educação e Cidadania	Política
Janeiro	'Higiene' 'Varrendo'	'O graphico' 'Sejamos'	_____	'Higiene...'	'O graphico' 'A última' 'MEC' 'Subsídio'	'O graphico'
Fevereiro	'A arte'	'Jacobinismo' 'a arte' 'As senhoras...' 'A ação' 'Em torno'	'O horário' 'Abaixo'	'As senhoras'	'Aos senhores' 'A arte...' 'As senhoras'	_____
Março	'Onde vamos' 'Um grande mal'	'O nosso' 'Unidade' 'De relance' 'Operários' 'Alerta' 'Dentro'	'Operários' 'Secção'	_____	_____	'Unidade' 'Abaixo'
Abril	'O trapeiro'	'O gigante' 'A minha' 'De relance' 'Peço a' 'Verdades' 'Meus colegas' 'Sombras'	'Em Nicteroy' 'O descanso'	'Secção' 'Verdades'	_____	'Egualdade' 'O descanso'
Maio	'A fome' 'Miséria' 'A mensagem' 'Desenho da'	'Extranhável' 'Meditando'	'Não da certo' 'O valor'	'Há fome' 'A mensagem'	_____	'A mensagem'
Junho	'Guerra dos' 'Dentro da'	'Direitos e'	'O ensino'	'O ensino'	_____	_____
Julho	_____	'Espírito...' 'A bem a...' 'Pessimismo' 'Manifesto...' 'O salário...'	'A aprendizagem' 'Verdade'	'Vícios' 'Pingando'	'A aprendizagem' 'Vícios'	'Verdades' 'Comissão'

Agosto	'O salário'	_____	'A greve'	'Pingando'	'A propósito' 'Dentro da' 'O papel'	'Código'
Setembro	_____	'Alerta' 'Comentários'	_____	'Aos typos	'A escola'	_____
Outubro	_____	_____	_____	'Refutando' 'O envenenamento'	_____	_____
Novembro	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Dezembro	_____	_____	_____	_____	_____	_____

O GRAPHICO/1918						
Mês	1ª Guerra Mundial	As máquinas e os novos grupos	A categoria: arte/união	Saudosismo	Operários estrangeiros	Relação com outras categorias
Janeiro	_____	_____	'Guerra dos'	_____	_____	_____
Fevereiro	'A arte como'	'A arte'	_____	_____	'Jacobinismo'	_____
Março	'União e acção'	_____	'Os colegas'	_____	_____	_____
Abril	'O tropeiro'	_____	'Caminhando' 'Secção' 'Em Nicteroy' 'Verdades'	_____	'Indivíduos'	_____
Maio	'A fome nos' 'Miséria'	_____	'trabalhadores' 'O maior socialista'	_____	_____	'União'
Junho	_____	_____	'Serviços' 'Boatos'	_____	_____	_____
Julho	'Pingando'	_____	'Espírito...' 'Pessimismo' 'A bem a...' 'Um revoltado' 'Dentro da...'	_____	_____	_____

O GRAPHICO/1918						
Mês	1ª Guerra Mundial	As máquinas e os novos grupos	A categoria: arte/união	Saudosismo	Operários estrangeiros	Relação com outras categorias
Agosto	'O salário'	_____	'A greve' 'União e'	_____	_____	_____
Setembro	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Outubro	_____	_____	'Um acto' 'Federação'	_____	_____	_____
Novembro	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Dezembro	_____	_____	_____	_____	_____	_____

O GRAPHICO/ 1918						
Mês	Questões Lúdicas	Correspondência com outros jornais	As oficinas e as questões trabalhistas	O 1º de Maio e as graves	O cotidiano no Rio de Janeiro e a exposição	Curiosidades e Palestras Íntimas
Janeiro	_____	_____	'Guerra aos' 'Na berlinda' 'Um conflito'	_____	'Exposição' 'A exposição'	'Sociólogos'
Fevereiro	_____	'Sincero aplauso'	'Aos srs. Chefes' 'Um quase' 'O horário' 'O renatimo' 'Na berlinda'	_____	'Exposição' 'A arte'	'Cathecismo'
Março	_____	Jornaes e'	'Os chefes' 'Na berlinda'	_____	_____	_____
Abril	'Comuna'	_____	'Na berlinda'	_____	_____	_____
Maio	'União'	'Caminhando' 'Em Portugal'	'Verdades'	_____	_____	_____
Junho	_____	'A greve'	'Direitos e deveres' 'Boatos' 'Dentro da' 'Direitos dos'	_____	'Revoltante' 'Antithese'	'Caixa da'
Julho	_____	_____	'Respingando'	_____	_____	'Uma revolução'

GRAPHICO/ 1919						
Mês	Carestia e a Questão Social	As tipografias e a Associação	Trabalho infantil e feminino	Higiene e Saúde	Educação e Cidadania	Política
Janeiro	_____	_____	_____	‘O combate’	‘A educação’	‘O combate’
Fevereiro	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Março	_____	‘Movimento operário’	‘O trabalho’	_____	_____	‘Partido’
Abril	_____	‘Derradeiro’	_____	_____	_____	_____
Maio	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Junho	_____	_____	_____	‘Posto médico’	_____	_____
Julho	‘Apello’	_____	_____	_____	_____	‘Salário’
Agosto	_____	‘Continuemos’	_____	_____	‘Rumo’	‘Comissão’ ‘Retalhos’
Setembro	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Outubro	_____	_____	_____	_____	_____	‘O operário’
Novembro	_____	‘Bello programa’	_____	_____	_____	‘A representação’
Dezembro	_____	_____	_____	_____	_____	_____

O GRAPHICO/1919						
Mês	1ª Guerra Mundial	As máquinas e os novos grupos	A categoria: arte/união	Saudosismo	Operários estrangeiros	Relação com outras categorias
Janeiro	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Fevereiro	_____	_____	‘O 13 de maio’ ‘Aos operários’	_____	_____	_____
Março	‘Advertências’	_____	_____	_____	_____	_____
Abril	_____	_____	‘O descanso’ ‘José Fonseca’ ‘Vários’	_____	_____	_____
Maiο	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Junho	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Julho	_____	_____	‘Modos de ver’ ‘O valor’	_____	‘O mundo’	_____
Agosto	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Setembro	_____	_____	‘Bella’ ‘Solidariedade’	‘Galeria’	_____	_____
Outubro	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Novembro	_____	_____	‘Anarquistas’ ‘Os anarquistas’	_____	_____	_____
Dezembro	_____	_____	_____	_____	_____	_____

O GRAPHICO/ 1919						
Mês	Questões Lúdicas	Correspondência com outros jornais	As oficinas e as questões trabalhistas	O 1° de Maio e as graves	O cotidiano no Rio de Janeiro e a exposição	Curiosidades e Palestras Íntimas
Janeiro	_____	_____	‘Concessão de’	_____	_____	‘Confraternização’ ‘A educação’
Fevereiro	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Março	_____	_____	‘Partido’ ‘Acidentes de’	_____	_____	_____
Abril	_____	_____	‘Derradeiras’	_____	_____	_____
Maio	_____	_____	‘A imprensa’	_____	_____	_____
Junho	_____	_____	‘A regulamentação’	‘1° de maio’ ‘Ecos do 1° de maio’ ‘Salve o 1° de maio’	_____	_____
Julho	_____	_____	‘Salário’ ‘Pro salário’ ‘Aproxima-se’ ‘Pelo trabalho’	‘1° de maio’ ‘Estupendo’	_____	_____
Agosto	_____	_____	‘Continuemos’	‘O gesto’ ‘Ao festival’ ‘O dia 7 de setembro’ ‘Estrangeiro’	_____	_____
Setembro	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Outubro	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Novembro	_____	_____	_____	‘Consequencia’	_____	_____
Dezembro	_____	_____	_____	_____	_____	_____

Setembro	_____	'Alerta' 'Comentários'	_____	'Aos typos	'A escola'	_____
Outubro	_____	_____	_____	'Refutando' 'O envenenamento'	_____	_____
Novembro	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Dezembro	_____	_____	_____	_____	_____	_____